

AMIZADE EM ADULTOS: ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS  
MCGILL E UM ESTUDO DE DIFERENÇAS DE GÊNERO

Luciana Karine de Souza

Tese de Doutorado apresentada como exigência parcial  
para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia,  
sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Simon Hutz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Janeiro de 2006

## Agradecimentos

Ao Gustavo, colega, amigo, companheiro, fonte de força e inspiração, sempre a me incentivar, com paciência e compreensão constantes.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao qual devo minha formação *strictu sensu* desde o mestrado. A todos os coordenadores, professores, funcionários, colegas e colaboradores com quem interagi ao longo destes anos todos, muito obrigada pela oportunidade de compartilhar da construção de conhecimento com vocês. À qualidade deste Programa e à competência em manter a excelência por onde passa devo muitas habilidades que pude desenvolver, que não se resumem na escrita desta tese.

Ao CNPq e CAPES, que possibilitaram meu doutorado com bolsa no país e estágio de doutorado no exterior, respectivamente.

A meu orientador, Prof. Dr. Claudio Simon Hutz, pela oportunidade e por acreditar em meu potencial.

À banca examinadora do projeto de tese, professores doutores Cílio Ziviani, Claudia Giacomoni, Jorge Sarriera e Denise Bandeira (relatora).

À Dra. Angela M. B. Biaggio, pelo aprendizado profissional e de vida, pela oportunidade, companheirismo, carinho, que nos foi privado cedo demais.

À Dra. Tania M. Sperb, pela prontidão no apoio e companheirismo.

A Owen Flanagan, Ph.D., da Duke University, Carolina do Norte (EUA), pela recepção e aprendizado durante a realização do estágio.

A Morton Mendelson, Ph.D., pela oportunidade de trabalhar com os Questionários McGill de Amizade.

A Sherri McCarthy, Ph.D., pelo auxílio, trocas e amizade.

Aos colegas do Laboratório de Mensuração do Instituto de Psicologia da UFRGS, pela acolhida e amizade.

À Ms. Maria Célia P. Lassance, coordenadora do Serviço de Orientação Profissional da UFRGS, bem como aos estagiários e orientadores profissionais.

À Profa. Odair P. de Castro, coordenadora da Universidade para a Terceira Idade, bem como aos integrantes da diretoria e participantes da UNITI.

Aos professores, mestrandos, doutorandos e seus orientadores, pela oportunidade de coletar dados em suas turmas na UFRGS, e a colegas que colaboraram de outras instituições.

A todos os participantes dos estudos aqui apresentados, que dedicaram seu tempo, atenção e depoimento gratuitamente para colaborar na construção de conhecimento.

Às seguintes pessoas: M. A. P. Teixeira, R. Erbolato, D. S. de Carvalho, L. Salvador, C. Hutz, L. W. de Souza, C. E. de Souza, I. Hakvoort, S. Hägglund, R. M. F. Martini, M. R. Guimarães, L. P. Mocelim, F. B. Trindade, B. Simon, R. Wagner e J. Synott.

A meus familiares e parentes, por ainda compreenderem minhas longas ausências, que persistem desde o mestrado.

E, finalmente, a meus amigos, de ontem e de hoje, que inspiraram este trabalho.

## Sumário

Resumo	6
Abstract	7
Apresentação	8
O estudo dos relacionamentos sociais e pessoais	9
Introdução	15
Abordagens teóricas no estudo da amizade	17
Formação, desenvolvimento e manutenção da amizade	21
Tipos ou níveis de amizade	27
Amizade e etapas do desenvolvimento humano	29
Diferenças de gênero nas amizades	33
A medida da qualidade da amizade	37
Estudos brasileiros sobre amizade na adultez	40
Objetivos	41
Estudo 1: A qualidade da amizade: Adaptação e validação dos Questionários McGill	42
Método	46
Participantes	46
Instrumentos	47
Procedimentos	48
Análise dos dados e resultados	49
MFQ-FF: Questionário das funções da amizade (QFA)	49
MFQ-RA: Escalas de Satisfação com a Amizade (ESA) e de Sentimentos	52
Positivos com relação ao Amigo (ESPA)	
MFQ-NF: Escala de Sentimentos Negativos com relação ao Amigo (ESNA)	55
Discussão	58
Referências	59
Estudo 2: Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade	63
Método	67
Participantes	67
Instrumentos	68
Procedimento	68
Resultados	69

Discussão	72
Considerações finais	74
Referências	75
Considerações finais	78
Referências	87
Anexo A	93
Anexo B	95
Anexo C	97
Anexo D	99
Anexo E	101
Anexo F	102

## Resumo

Amizades são relacionamentos que trazem felicidade e satisfação de vida, merecendo atenção através do estudo de seus processos e dimensões. O presente trabalho investigou a percepção da qualidade da amizade em adultos. O primeiro estudo objetivou adaptar e validar as escalas que compõem os Questionários McGill de Amizade para uso no Brasil, que avaliam funções da amizade, satisfação e sentimentos positivos e negativos. As escalas apresentaram estruturas fatoriais equivalentes às dos instrumentos originais, com exceção da sobre sentimentos positivos, reduzida em número de itens para melhor representação do construto. O segundo estudo investigou diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade, utilizando-se os Questionários McGill. As mulheres perceberam sua amizade como mais provedora das funções, atribuindo a ela mais sentimentos positivos, na comparação com homens. Para homens as amigas responderam mais às funções de segurança emocional e autovalidação do que amigos. Não foram encontradas diferenças significativas para sentimentos negativos. A validação das escalas mostrou-se adequada para uso com população adulta no Brasil. Os resultados para diferenças de gênero apontam para a interação entre sexo do participante e sexo da amizade, com os homens destacando suas amizades com mulheres quanto à segurança emocional e autovalidação.

## Abstract

Friendships are relationships that bring happiness and life satisfaction, deserving attention to its process and dimensions. The studies described in the present dissertation investigated the perception of the quality of friendship in adults. The first study aimed at the adaptation and validation of the McGill Friendship Questionnaires for use in Brazil. These questionnaires evaluate friendship functions, friendship satisfaction, and positive and negative feelings. The adapted scales presented a factor structure equivalent to the original measures, except for the positive feelings scale, which had the number of items reduced to improve construct validity. The second study investigated gender differences in the perception of friendship quality, using the McGill Friendship Questionnaires. Women perceived their friendship as fulfilling more functions, with more positive feelings than men. For men, the female friends fulfilled more the functions of emotional security and selfvalidation than male friends. There were no significant differences for negative feelings. The validation of the scales is adequate for use with adult population in Brazil. Results for gender differences point to the interaction between sex of the participant and sex of the friend, with men highlighting their friendships with women concerning emotional security and selfvalidation.

## Apresentação

O objetivo principal deste trabalho é investigar a percepção da qualidade da amizade em adultos. A justificativa para escolha do tema da amizade fundamenta-se, sobretudo, no papel dos relacionamentos de amizade para a felicidade das pessoas e na escassez de estudos sobre amizade na adultez no Brasil.

O primeiro aspecto a ser considerado ao se eleger a amizade como objeto de investigação científica é a sua relação com a felicidade ou bem-estar subjetivo. Para Argyle (2001), as principais causas da felicidade são o trabalho, o lazer e os relacionamentos sociais, dentre os quais, o casamento, a família e a amizade. Estes relacionamentos proporcionam satisfação, emoção positiva ou felicidade através de recompensas instrumentais, apoio emocional e companheirismo (Argyle). No presente trabalho, estes três aspectos também compõem a definição de amizade dos estudos referidos na revisão de literatura realizada.

Especificamente com relação à amizade, Argyle (2001) observou que há muitos estudos demonstrando que a satisfação com os amigos se correlaciona positivamente com felicidade e satisfação de vida. O autor enfatiza, ainda, que o relacionamento com um amigo próximo<sup>1</sup> e com uma rede de amigos são ambas fontes de felicidade.

Na introdução deste trabalho procurar-se-á descrever as características dos relacionamentos de amizade, considerando-se que estas interações contribuem para a felicidade das pessoas (Argyle, 2001). Em especial, será destacada a relação entre melhores amigos ou amigos próximos, por ser entendida como um tipo especial de amizade que se diferencia dos demais relacionamentos (Cole & Bradac, 1996; Davis & Todd, 1985; Maeda & Ritchie, 2003; Rezende, 2002; Wright, 1985).

Outro aspecto tomado como justificativa para o estudo científico da amizade está na observação de que no Brasil há poucos estudos sobre a amizade na adultez. Apenas três estudos foram recuperados através dos bancos de dados atualmente disponíveis. Um destes trabalhos – uma tese de doutorado em antropologia – foi recentemente publicado na forma de livro (Rezende, 2002). Os outros dois são uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, ambas em psicologia (Erbolato, 2001; Kipper, 2003). Esta ausência de uma

---

<sup>1</sup> Do inglês *close friend*. Ao longo do presente trabalho esta expressão será traduzida por amigo próximo ou amiga próxima.



produção científica sistemática sobre a amizade na adultez reflete, na verdade, uma tendência na pesquisa em psicologia no país de priorizar investigações com crianças e adolescentes, etapas do desenvolvimento humano aparentemente mais valorizadas do que a adultez e a velhice (Souza, Gauer & Hutz, 2004). Assim, o presente trabalho também objetiva complementar a literatura nacional disponível sobre amizade na adultez e contribuir com a literatura internacional existente. Esta literatura insere-se no campo de estudos sobre relacionamentos sociais e pessoais, descrito brevemente a seguir.

#### O estudo dos relacionamentos sociais e pessoais

As relações humanas vêm sendo estudadas desde a Antigüidade. Especificamente no que diz respeito à amizade, Baldini (2000) aponta que já na Antigüidade o tema começou a receber atenção especial de filósofos e de pensadores. O filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), por exemplo, classificou a amizade em três tipos: amizades baseadas na utilidade (isto é, em trocas de qualquer natureza), amizades prazerosas (calcadas em uma atividade divertida, agradável), e amizades verdadeiras (fundamentadas no bem do amigo, pelo que ele é, e não pelo que dele se pode obter, como diversão ou trocas). Esta classificação influenciará fortemente as reflexões sobre a amizade que se seguiram, tanto na filosofia como nas demais ciências humanas.

Fehr (1996) salienta que cientistas sociais vêm documentando há décadas os benefícios dos relacionamentos sociais. Estudos epidemiológicos demonstraram que indivíduos socialmente integrados vivem mais (segundo critérios como estado civil, pertença a clubes e associações, ou amizades). Dos diferentes tipos de relacionamentos sociais, a relação com os pais, com o cônjuge e com outros familiares e parentes tendem a ser consideradas como os mais importantes vínculos sociais de um indivíduo. Ainda assim, as amizades, além de contribuírem para a felicidade ou bem-estar subjetivo (Argyle, 2001), em algumas sociedades constituem o vínculo mais importante entre duas pessoas (Bell, 1981).

Filósofos e ensaístas focalizaram, desde a Antigüidade, a amizade na vida adulta. No final do século XIX o foco direcionou-se para a amizade na infância e na adolescência (Berndt, 1996). O estudo científico – empírico – e sistemático da amizade na vida adulta, bem como de outros tipos de relações humanas, iniciou na década de 1970, com o surgimento do campo de estudos sobre relacionamentos sociais e pessoais (Duck & Perlman, 1985).

A origem do campo de estudos sobre relacionamentos sociais e pessoais foi motivada por um conjunto de fatores. O primeiro deles foi a combinação da insatisfação de

pesquisadores da área com os resultados que vinham sendo obtidos nos laboratórios de psicologia na década de 1970, com a demanda por pesquisas em ambiente natural, que possibilitasse o estudo de pessoas “reais”. Um crescente interesse por pesquisas em temas práticos e aplicados (como habilidades sociais, promoção ou reparação de relacionamentos, solidão, violência doméstica) também estimulou a nova postura científica sobre relacionamentos. Além disso, uma considerável preocupação com o desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital motivou tanto o estudo dos relacionamentos nas diferentes etapas da vida, como a análise desenvolvimental de relacionamentos de longa duração. Em 1978 surgiram as primeiras publicações com enfoque nos relacionamentos pessoais, identificando o início do campo que, até 1985, passou por um gradual refinamento dos temas centrais de investigação (como a influência das diferenças etárias e de gênero nas amizades) e da definição, tipos e propriedades dos diferentes relacionamentos sociais e pessoais. Este refinamento refletiu a produção científica entre 1978 e 1985, resultante da sistematização de trabalhos acadêmicos e práticos, motivados especialmente pelos fatores recém descritos (Duck & Perlman, 1985).

Uma das mudanças mais significativas ocorridas no estudo dos relacionamentos foi a definição destes como processos dinâmicos. Os relacionamentos se desenvolvem ao longo do tempo e se modificam conforme as etapas da vida. Além disso, são influenciados por normas sociais e aspectos culturais. A partir daí, passou-se a reconhecer que um relacionamento qualificado por seus integrantes como significativo, na comparação com os demais intercâmbios sociais presentes na vida de ambos, possui propriedades distintas daquelas identificadas separadamente em cada um dos indivíduos que nele interagem. Outro avanço na área dos relacionamentos foi o abandono do princípio de que a motivação para se iniciar um relacionamento qualquer é a partir dele atingir intimidade. “Muitos relacionamentos, talvez quase todos, existem em perfeita estabilidade sem serem íntimos ou sem muito desenvolvimento (da relação)” (Duck & Perlman, 1985, p. 12) e, acima de tudo, são percebidos como satisfatórios para as pessoas envolvidas (Duck & Perlman; Sarason, Sarason & Pierce, 1995).

O estudo dos relacionamentos abrange diferentes áreas de investigação, como sociologia, comunicação, etologia, e estudos sobre casamento e família. Todavia, a psicologia é a ciência que mais se interessa pelo tema, em especial nos campos da psicologia social, da psicologia da personalidade, da psicologia do desenvolvimento e da psicologia clínica (Duck & Perlman, 1985).

Com base no que foi apresentado até o momento entende-se por relacionamento uma interação de indivíduos que a percebem como significativa, quando comparada a

outras interações; e considera-se amizade um relacionamento que se desenvolve ao longo das etapas da vida (infância, adolescência, adultez e velhice), influenciado por processos biológicos, psicológicos e ambientais (bem como sua inter-relação), e passível de ser classificado em diferentes tipos, que igualmente se modificam durante cada etapa da vida e de uma etapa para outra. Neste sentido, compreende-se que a amizade na adultez apresenta aspectos próprios a esta etapa de vida.

As pesquisas em relacionamentos sociais e pessoais têm utilizado três unidades de análise em suas investigações: o indivíduo, a díade e o sistema. O primeiro grupo de pesquisas estuda como o indivíduo percebe um determinado relacionamento com outra pessoa, e de que modo ele contribui para o desenvolvimento, a manutenção e o possível declínio do relacionamento. Os estudos que se dedicam ao exame das díades buscam, através de correlações, a congruência das percepções de ambos os indivíduos sobre seu relacionamento. O terceiro grupo de trabalhos investiga sistemas como unidade de análise, considerando as relações não apenas entre os dois integrantes da díade, mas também a interação da díade com outras pessoas de uma rede social mais ampla (isto é, pessoas importantes na vida dos integrantes) (Sarason, Sarason & Pierce, 1995). A presente investigação se insere no primeiro grupo, que prioriza a percepção do indivíduo sobre um relacionamento de amizade do qual ele participa.

Sarason, Sarason e Pierce (1995) propõem urgência na formulação de teorias específicas sobre os relacionamentos. Na visão destes autores, esta medida contribuirá para o refinamento de construtos básicos que ainda não se mostram satisfatórios por não serem consensuais na área. De outro lado, há o argumento de que as tentativas para formular uma teoria dos relacionamentos são esforços ainda prematuros, que embora contribuam para o avanço do campo, ainda não devem ser sua prioridade. Por ser demasiado recente (com pouco mais de 25 anos), a “nova ciência dos relacionamentos” (Duck & Perlman, 1985, p. 1) pode se beneficiar mais, por enquanto, do trabalho empírico. Ainda que seja desejável desenvolver uma teoria dos relacionamentos, existem fatores externos importantes que os influenciam significativamente, como progressos nas áreas da genética e da sociobiologia, as mudanças no papel da mulher na sociedade, e o aumento do curso de vida (Sarason, Sarason & Pierce, 1995). À medida que a investigação empírica destes fatores evoluir e possibilitar novos resultados e problemas de pesquisa, os modelos para dar conta dos relacionamentos sociais e pessoais vão dispor de mais recursos em direção à formulação de uma teoria (consistente).

O presente trabalho adere à segunda posição, ou seja, de que a investigação empírica (ainda) deve ser prioridade na pesquisa em relacionamentos sociais e pessoais.

Cabe ressaltar o pedido de Duck e Perlman (1985) por mais investigações sobre o que as pessoas pensam sobre seus próprios relacionamentos. Para estes autores, a instabilidade dos pensamentos dos indivíduos sobre suas interações significativas (justificada pelo fato de as pessoas pensarem antes, durante e depois das interações, e em outras ocasiões ao longo das interações subsequentes) não é tão somente um “erro” que impede resultados claros e replicações. Neste sentido, entende-se que dados obtidos sobre a amizade na população brasileira possam ser comparados aos dados disponíveis sobre outras culturas, e discutidos com base em modelos teóricos propostos. Todavia, possíveis diferenças decorrentes desta comparação devem ser estudadas, em vez de desvalorizadas em nome de replicações ou de esforços em confirmar modelos existentes na literatura internacional.

Uma década após a revisão de Sarason, Sarason e Pierce (1995) e duas após a de Duck e Perlman (1985), Berscheid e Regan (2005) apresentam uma revisão do campo dos relacionamentos interpessoais, intitulando seu trabalho como “A Psicologia dos Relacionamentos Interpessoais”. Segundo os autores, embora se trate de um campo multidisciplinar, a psicologia é a ciência que mais vem contribuindo no estudo dos relacionamentos, que mais tem se beneficiado do progresso advindo dos estudos na área, e que mais se envolve na produção científica e acadêmica através de autores psicólogos e de disciplinas ministradas sobre o tema em departamentos de psicologia.

Em seu trabalho, Berscheid e Regan (2005) salientam que os seres humanos, por viverem em uma complexa rede de relacionamentos interpessoais, já nascem com dispositivos biológicos que propiciam desenvolver e manter relacionamentos com as outras pessoas. Especialmente com base na perspectiva evolucionária do desenvolvimento humano, os autores ressaltam que os indivíduos possuem uma necessidade inata de participar de um relacionamento interpessoal significativo, aliada a recursos como o sistema de percepção de faces, a acuidade empática, a linguagem, e os sistemas de apego e de cuidado a fim de formar laços sólidos com outras pessoas e de promover proximidade. A partir daí, Berscheid e Regan passam a argumentar na direção da influência dos relacionamentos interpessoais na saúde mental e física das pessoas, bem como na longevidade. Fundamentados em evidências empíricas, os autores afirmam que indivíduos com ligações fortes com a comunidade e que dispõem de apoio familiar, de amigos e de outros contatos tendem a apresentar uma saúde melhor com menos risco de mortalidade. Assim, o apoio social vai se apresentar como um elemento fundamental, mediando a relação entre saúde e relacionamentos interpessoais. Relacionamentos próximos atenuam a solidão e promovem satisfação ou bem-estar subjetivo, sendo, portanto, essenciais à felicidade pessoal, na mesma direção de Argyle (2001).

Berscheid e Regan (2005), em uma recente revisão sobre o tema, discutem em detalhe o desenvolvimento da ciência dos relacionamentos. Para os autores, um corpo sistemático de conhecimento sobre relacionamentos interpessoais emergiu tardiamente não apenas em função da natureza multidisciplinar da ciência do relacionamento, mas também em virtude da dependência de avanços em outras ciências (sociais, comportamentais, biológicas). Além disso, Berscheid e Regan referem muitas dificuldades encontradas que colaboraram para o surgimento tardio da produção científica sobre relacionamentos. Dentre os desafios enfrentados, destacam que, até a década de 1950, a comunidade científica recusava o relacionamento como objeto de estudo por seu caráter “complexo e misterioso” (p. 65), inacessível à análise científica. Desafios éticos também se apresenta(va)m na experimentação com relacionamentos atuais dos participantes das pesquisas. O questionamento contínuo sobre os próprios relacionamentos pode(ria) suscitar efeitos negativos não esperados, ou mesmo efeitos inversos por sugerirem aos participantes o que deveria ser tomado como “normal” ou “correto” com relação ao tema investigado. Por fim, desafios metodológicos e analíticos, como a identificação da unidade de análise a ser tomada nas investigações e das causas de vários fenômenos ligados aos relacionamentos, são destacados por Berscheid e Regan. Para estes autores, estas dificuldades (algumas das quais mencionadas em Duck & Perlman, 1985 e em Sarason, Sarason & Pierce, 1995), serão mais bem enfrentadas com a identificação do caráter experimental ou não-experimental dos dados que originam as relações causais propostas, a compreensão de que o delineamento experimental ampara melhor em inferências causais, e a cautela nas interpretações dependentes de resultados advindos de estudos não-experimentais.

A psicologia é a ciência que mais contribui (ainda que indiretamente) para e mais se beneficia de estudos em relacionamentos, e o conhecimento de que dispõe é fundamental visto que muitos fatores envolvidos nas interações originam-se das características mentais e físicas humanas. Dentro da psicologia do desenvolvimento, Robert Sears e Richard Bell iniciaram o movimento para o estudo das díades em desenvolvimento, que até então se dedicava à influência unidirecional dos pais sobre a criança. Assim, passou-se a refletir sobre a interferência da criança sobre os pais. Na psicologia social, o foco está nos processos que embasam o comportamento social. Kurt Lewin veio a contribuir fortemente no estudo da atração interpessoal, destacando o ambiente social que circunda o indivíduo e a influência dos relacionamentos sobre o comportamento. Como se verá mais adiante, a teoria da interdependência de Thibaut e Kelley teve suas origens nos pressupostos de Lewin (Berscheid & Regan, 2005).

Até então se buscou apresentar como se vem desenvolvendo as pesquisas em relacionamentos pessoais e sociais. Um breve histórico e uma visão do panorama atual desta linha de pesquisa foram relatados.

O principal objetivo deste trabalho é investigar as características de um tipo específico de amizade – a melhor amizade, segundo a percepção de adultos sobre o melhor amigo. Nesta direção, a introdução abarca: a definição de amizade; teorias empregadas na compreensão da amizade; os principais fatores na sua formação, desenvolvimento e manutenção; níveis e tipos de amizade, focalizando-se em melhores amigos; aspectos relevantes à amizade ao longo do ciclo vital; estudos que abordam as diferenças de gênero nas amizades; estudos disponíveis sobre amizades na adultez com participantes brasileiros; e investigações sobre a qualidade da amizade. Em seguida, são apresentados os dois estudos que compõem a investigação, seguidos das considerações finais.

## Introdução

No que tange a definição de amizade, não existe um consenso entre os pesquisadores da área (Blieszner & Adams, 1992). Tem-se observado que há definições de amizade na mesma proporção que cientistas sociais estudando-a (Fehr, 1996).

Na extensa revisão da literatura sobre amizade que realizou, Fehr (1996) relata que, de um lado, a amizade vem sendo definida como um relacionamento entre pessoas que não são familiares, parentes ou parceiras sexuais; de outro, contudo, identificou trabalhos nos quais os participantes apontaram cônjuges ou familiares como amigos.

Bell (1981) afirma que um dos aspectos fundamentais da definição de amizade é a ausência de laços familiares ou de parentesco entre amigos. Segundo o autor, mesmo que haja amizade entre familiares, ser amigo e ser familiar são dois papéis sociais mutuamente exclusivos em um mesmo indivíduo. Esta incompatibilidade é justificada quando situações de comparação ou de competição entre familiares e amigos desafiam o relacionamento entre estes últimos. Bell tem observado, ainda, que quanto mais tradicional a sociedade, mais hostil a sua visão da amizade. Além disso, não é possível escolher os próprios familiares e parentes. Em contraste, as pessoas se envolvem em relacionamentos de amizade voluntariamente, ou seja, por livre opção. Conseqüentemente, a amizade é um relacionamento pessoal e privado, ao qual não são impostos valores ou normas culturais. Esta visão difere com a de culturas nas quais o envolvimento pessoal é secundário às demandas institucionais da sociedade (Bell). No entanto, Blieszner e Adams (1992) argumentam que, se a amizade fosse um relacionamento imune a influências sociais e culturais, as pesquisas não apontariam a influência de muitos destes fatores na formação, desenvolvimento e manutenção das amizades.

À primeira vista, Bell (1981) se opõe a Blieszner e Adams (1992) no que diz respeito ao papel de fatores sociais e culturais na definição da amizade. Contudo, Bell considera a igualdade social – entendida como uma equivalência de nível sócioeconômico entre amigos – como outro princípio fundamental destes relacionamentos. Ao mesmo tempo, Bell também refere que a dedicação mútua nas trocas de qualquer natureza entre dois amigos deve ser igual, ampliando o significado de igualdade enquanto componente essencial das amizades.

Buscando uma definição de amizade que se afastasse da mesma falta de consenso ainda vigente na definição de relacionamento (como apontado por Duck & Perlman, 1985, e por Sarason, Sarason & Pierce, 1995), Fehr (1996) examinou cinco definições de amizade disponíveis na literatura e freqüentemente utilizadas em pesquisa. Compilando-as, a autora conceitua amizade como “um relacionamento pessoal e voluntário, que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas partes gostam uma da outra e buscam a companhia uma da outra” (p. 7). Complementando esta definição, outras pesquisas têm abordado aspectos como abertura (*self-disclosure*), autenticidade, aceitação, força de caráter, similaridades, compreensão empática, (La Gaipa, 1977); expressão dos sentimentos, dedicação mútua, altruísmo (Bell, 1981); reciprocidade, cuidado, afeição, confiança, compromisso, honestidade, facilidade de comunicação, aconselhamento, singularidade, duração da amizade, co-existência (Tesch & Martin, 1983); atenção durante uma conversa, tolerância, disponibilidade, apoio emocional (Argyle & Henderson, 1985); respeito, apoio mútuo, confiança, espontaneidade, estabilidade, sucesso (Davis & Todd, 1985); contato físico, contato sexual (Monsour, 1992); amor, envolvimento mútuo (Rawlins, 1992); calor humano (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996); acessibilidade, interesses comuns, interdependência (Cole & Bradac, 1996); aparência física, habilidades sociais, responsividade, dependência, freqüência de contato (Fehr); proximidade (*closeness*) (Parks & Floyd, 1996); autovalidação (Mendelson & Aboud, 1999, 2003); conformidade ao grupo, autodefensividade, e cooperação (Maeda & Ritchie, 2003). Já Paine (1969) considera, como definição básica de amizade, o senso de valor que se adquire a partir dela. Para este autor, a amizade significa para o indivíduo que alguém o aprecia, o compreende e o auxilia no senso de quem se é, através de modificações na percepção de si mesmo.

Revisando a primeira década de trabalhos do campo de estudos dos relacionamentos sociais e pessoais, Duck e Perlman (1985) apontaram que as novas direções de pesquisa dali por diante deveriam incluir a investigação dos aspectos negativos dos relacionamentos, visto que são naturais, inevitáveis e importantes para o desenvolvimento e manutenção dos mesmos. Nesta mesma direção, Berndt (1996) afirma que o exame das características da amizade lida com atributos de caráter interdependente, ou seja, a variação de uma característica interfere em outra(s). Dessa forma, a investigação de aspectos positivos da amizade deve ser acompanhada da pesquisa de fatores negativos envolvidos no relacionamento.

Bell (1981) já havia indicado que a amizade pode envolver desaprovação, no sentido de se desafiar o amigo pelo que ele é ou pelo que faz, o que não implica necessariamente no abandono da sua afeição. O autor salienta também, como aspecto



negativo envolvido na amizade, a presença de questionamentos regulares entre amigos. Desde então, têm sido estudados fatores como ciúme, crítica em público, não defender o amigo na ausência deste (Argyle & Henderson, 1985); coerção, distanciamento emocional (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996); abuso, violência (Cole & Bradac, 1996); timidez, manejo de conflitos e de tensões (Fehr, 1996); sentimentos negativos (Koh, Mendelson & Rhee, 2003; Mendelson & Aboud, 2003); e ansiedade e rivalidade (Maeda & Ritchie, 2003).

Para Fehr (1996), embora seja preferível adotar uma definição de amizade que se aplique a todo amigo, em qualquer cultura, e em qualquer época, as concepções de amizade variam, não apenas quanto aos aspectos referidos, mas também segundo critérios como idade, sexo, estado civil, religião, status profissional, escolaridade, etnia e raça. São descritas e comparadas, por exemplo, amizades de mesmo sexo, amizades de sexo oposto, amizades femininas, masculinas, infantis, de idosos, de mulheres casadas, de padres, de militares, amizades mantidas à distância, etc. Outros estudos têm focalizado a comparação de amizades segundo diferentes níveis de proximidade ou de intimidade, associados a tipos diferentes de amigos: amigos ocasionais, próximos, bons amigos, melhores amigos, amigos ideais. Fehr aborda o tema da amizade através de um modelo que abarca, dentre outros aspectos, aqueles recém mencionados, salientando seu papel na formação das amizades (ou seja, quando colegas ou pessoas conhecidas tornam-se amigas), no desenvolvimento (por exemplo, quando amigos ocasionais tornam-se amigos próximos ou melhores amigos), bem como na manutenção destes relacionamentos. Antes de apresentar o modelo de Fehr, resume-se outras abordagens teóricas que influencia(ra)m ou fundamenta(ra)m a compreensão do relacionamento de amizade.

#### Abordagens teóricas no estudo da amizade

Especificamente com respeito à amizade, Berndt (1996) avalia que o tratamento teórico aos estudos das amizades de crianças e adolescentes originou-se na década de 1970, com duas teorias sendo utilizadas e dando início ao interesse no tema. A teoria do desenvolvimento moral de Jean Piaget, mesmo não tratando diretamente da amizade, fundamenta-se nas relações sociais entre pares e, portanto, em três conceitos principais que articulam e estruturam estas relações. A *cooperação* rege as interações entre pares, obtida através do *respeito mútuo*, amparado na *reciprocidade* de normas que gerenciam as interações, promovendo sua aceitação como normas legítimas. Nesta direção, estes três conceitos fundamentam as relações entre pares, nas quais as crianças consideram-se *iguais*. Esta característica veio a influenciar os estudos sobre a qualidade da amizade, salientando

a igualdade como estrutura básica deste relacionamento. A outra teoria destacada por Berndt que trouxe novos *insights* ao estudo da amizade pertence ao psiquiatra Harry Sullivan. Sullivan postulou que a amizade é um relacionamento especialmente importante nos anos que precedem bem como durante a adolescência. Para este autor, o sentimento de amor verdadeiro por alguém aparece primeiro nas relações da criança com seus amigos. Esta relação é caracterizada por intimidade e colaboração, ambas promotoras de auto-estima. Sullivan sugeriu que a intimidade, entendida como proximidade (entre pessoas), propicia uma diminuição da competitividade própria de pré-adolescentes. Assim, enquanto Piaget focalizou no aspecto moral da interação entre pares, Sullivan concentrou-se no desenvolvimento da intimidade como característica central das amizades, com implicações relevantes à formação da personalidade. Na visão de Berndt, o aumento da auto-estima como produto de amizades íntimas, conforme proposto por Sullivan, é uma hipótese que não tem se mostrado fácil de comprovar.

Como referido anteriormente, as teorias disponíveis no estudo dos relacionamentos direcionam-se a cobrir relacionamentos familiares e românticos (Berscheid & Regan, 2005). Com relação aos relacionamentos de amizade, não há teorias específicas. Contudo, Fehr (1996) identificou quatro conjuntos de teorias que vêm sendo utilizadas na compreensão da amizade: reforçamento, trocas e equidade, consistência cognitiva e desenvolvimental. Berscheid e Regan também discutem estas perspectivas com foco no apanhado de teorias que procuram compreender os relacionamentos interpessoais. A seguir, descreve-se brevemente as linhas principais destas abordagens.

Dentro das teorias de reforçamento, destacam-se os modelos de Byrne e Clore e de Lott e Lott. Byrne e Clore denominam reforçamento como um estímulo incondicionado que produz uma resposta incondicionada, no caso, sentimentos positivos. Assim, se a pessoa por quem se sente atração pessoal estiver associada ao estímulo incondicionado, ela evocará a resposta incondicionada. Neste sentido, acredita-se que aprender que as outras pessoas concordam conosco é algo reforçador; em contraste, é punitivo interagir com alguém que se posiciona muito diferentemente quanto a nossas atitudes. No modelo de Lott e Lott, gostamos mais de pessoas que nos reforçam, bem como de pessoas com quem associamos o recebimento de reforçamento, mesmo que elas não estejam diretamente ligadas a ele. Neste sentido, há uma associação positiva entre frequência de recompensa e grau de apreço, por exemplo, por um candidato a amigo. Além disso, quanto mais valorizamos uma recompensa, mais nos sentimos atraídos pela pessoa presente quando a recebemos (Fehr, 1996).

O grupo de teorias de equidade e de trocas sociais vai além do processo de atração inicial entre duas pessoas, foco das teorias recém descritas. A premissa das teorias de trocas sociais advoga que sentimo-nos mais satisfeitos com um relacionamento se dele resultam mais benefícios do que custos. Na Teoria da Interdependência de Thibaut e Kelley, os parceiros em um dado relacionamento realizam uma comparação dos resultados advindos do relacionamento atual com aqueles obtidos no passado, e com os resultados cujo recebimento se pode antecipar em outros relacionamentos disponíveis. A comparação de resultados com experiências passadas e com os que outras pessoas têm de seus relacionamentos determinam o nível de satisfação com o relacionamento. A comparação com a antecipação dos resultados de outros relacionamentos em potencial refere-se ao nível de comprometimento com um dado relacionamento (Fehr, 1996). Assim, estaremos mais satisfeitos com a amizade com uma determinada pessoa se este relacionamento produz resultados melhores do que amizades passadas, e estaremos mais comprometidos com a amizade em questão se ela traz mais benefícios do que relacionamentos com pessoas que são candidatas a se tornarem amigas. A segunda teoria de trocas sociais é o Modelo de Investimento de Rusbult. De acordo com este modelo, o comprometimento com um relacionamento é avaliado não apenas pela satisfação e pela comparação com relacionamentos em potencial, mas também com o investimento efetuado (p.ex., tempo, carga emocional, objetos compartilhados, etc.). Neste sentido, os investimentos realizados em um relacionamento aumentam o comprometimento com ele ao torna-lo mais custoso para encerra-lo. Assim, o comprometimento será maior se a satisfação é elevada, se são percebidas poucos relacionamentos concorrentes, e se foi realizado um investimento forte no relacionamento. Este modelo foi empiricamente observado pelo autor em estudo realizado com universitários para avaliar a satisfação, o comprometimento e os níveis de recompensas e de custos envolvidos no relacionamento atual com um amigo.

A Teoria de Equidade de Hatfield postula que o indivíduo procura maximizar os resultados obtidos com um dado relacionamento, avaliando-o através de comparações de seus resultados com os da outra pessoa nele envolvida. Nesta direção, a satisfação com o relacionamento depende da percepção da compatibilidade da relação custo-benefício entre si e o parceiro de relacionamento. Quando um indivíduo adquire mais ganhos que o parceiro, experimenta culpa; mais custos, raiva. Assim, para Hatfield, as pessoas sentir-se-ão satisfeitas apenas em relacionamentos equitativos. Em relacionamentos não equitativos, o desequilíbrio é combatido com tentativas de restaurar a equidade real. Caso esta não possa ser alterada, será substituída pela restauração da equidade psicológica, isto é, as pessoas tentam se convencer de que a situação dada é justa. Cabe frisar que a teoria da

equidade lida com a percepção das pessoas sobre o quão justos são seus relacionamentos, a despeito de estas percepções refletirem a realidade (Fehr, 1996).

Segundo as teorias da consistência cognitiva, ou teorias do equilíbrio, as pessoas sentem uma necessidade por equilíbrio ou consistência na vida, isto é, estão motivadas a manter o equilíbrio em função da estabilidade advinda de relações equilibradas. Este equilíbrio refere-se às atitudes, positivas ou negativas, entre pessoas ou objetos, inseridos em uma relação triádica. Nesta direção, as teorias da consistência cognitiva, assim como as teorias de equidade, dedicam-se à percepção de desequilíbrio nas relações, visto que é ela que motiva os indivíduos a restaurar o equilíbrio. Duas teorias se destacam no estudo dos relacionamentos: a Teoria da Organização Cognitiva de Heider, e a Teoria do Equilíbrio de Newcomb. Para Heider, uma relação triádica entre um indivíduo que percebe P (*perceiver*), outra pessoa O e um objeto X estará equilibrada se todas as possíveis relações entre P, O e X forem positivas, ou se duas são negativas e uma é positiva. Já Newcomb leva em consideração que atitudes direcionadas a pessoas possuem qualidades distintas de atitudes direcionadas a objetos. Para o referido autor, um estado de equilíbrio surge quando duas pessoas se gostam e possuem atitudes semelhantes com relação a um objeto. Neste sentido, seu foco reside na *atração* entre duas pessoas e nas *atitudes* entre estas pessoas com relação a um dado objeto. Em um estudo com universitários, Newcomb observou que os alunos sentiam-se mais atraídos por colegas que possuíam atitudes semelhantes às suas e que gostavam das mesmas pessoas que eles, indicando uma relação estreita entre similaridade de atitudes e atração pessoal (Fehr, 1996).

Dentro do último conjunto de teorias que vêm sendo aplicadas a relacionamentos, inclusive amizade, destacam-se as propostas de Altman e Taylor e de Levinger. A teoria da inserção social de Altman e Taylor propõe que um relacionamento se desenvolve através de um aumento nas revelações íntimas sobre si (abertura), tanto na profundidade como na amplitude do que é revelado. Quatro estágios estão dispostos no desenvolvimento de um relacionamento: orientação, troca afetiva exploratória, troca afetiva, e troca estável. O modelo ABCDE de Levinger apresenta cinco estágios no desenvolvimento de uma relação entre duas pessoas: conhecimento unilateral (não há interação ou conhecimento compartilhado, e a atração se dá por atributos externos, como aparência física), desenvolvimento (trocas superficiais de informação, com interações segundo regras sociais), manutenção (presença de mutualidade, com uma gradual intersecção das vidas dos dois parceiros, e aumento na abertura sobre si), deterioração (características pessoais de um dos parceiros ou do relacionamento que trazem mudanças negativas, ou mesmo pressões externas à interação) e finalização (depende da disponibilidade de outros

relacionamentos que sejam atrativos). Na visão de Fehr (1996), as teorias desenvolvimentais são mais úteis na direção do interesse em investigar o que atrai ou repele duas pessoas, o desenvolvimento dos relacionamentos de amizade, e o que determina o comprometimento e a satisfação com eles. O modelo que Fehr propõe vai à direção de uma abordagem desenvolvimental.

#### Formação, desenvolvimento e manutenção da amizade

De acordo com Fehr (1996), as amizades se formam, desenvolvem e mantêm através da inter-relação de quatro conjuntos de fatores: fatores ambientais, situacionais, individuais e diádicos. A convergência destes fatores é observada tanto em investigações sobre expectativas em relação a amigos, como estudos retrospectivos. Para fundamentar seu modelo, a autora lança mão de uma ampla revisão de estudos empíricos que examinaram estes fatores.

##### I – Fatores ambientais

Os fatores ambientais que interferem na formação, desenvolvimento e manutenção de amizades são a proximidade residencial, o local onde se passa o dia, a densidade populacional, e a comunicação na rede social.

1) proximidade residencial: Condomínios fechados e alojamentos universitários têm se mostrado locais férteis para a formação de amizades. Vizinhos de porta, ou de andar, são mais preferidos que outros vizinhos. Observou-se também que melhores amigos tendem a morar perto um do outro. Além disso, diferenças etárias e raciais são ultrapassadas na formação de amizades em função da proximidade entre residências.

2) local onde se passa o dia: muitas amizades adultas originam-se do ambiente onde as pessoas passam a maior parte do dia, como o local de trabalho, a universidade ou o bairro residencial. Contudo, a combinação entre trabalho pago e trabalho doméstico inibe, em algumas mulheres, o desenvolvimento de amizades com colegas de emprego. Também se tem notado que um ambiente de trabalho (ou de estudo) cooperativo e interdependente (em vez de competitivo e individualista) propicia o surgimento de amizades, podendo, inclusive, transformar coleguismo em amizade. São exemplos deste processo as profissões que lidam com o cuidado de outras pessoas, como professores de escola, assistentes sociais e cuidadores de crianças.

3) densidade populacional: Grandes centros urbanos e cidades pequenas (ou zonas rurais) contrastam quanto à rapidez na formação das amizades. A título de exemplo, um estudo comparou um grupo de universitários que partiram de uma cidade pequena para estudar em

uma cidade densamente povoada, com um grupo de alunos que percorreu o caminho inverso para ingressar na universidade. O primeiro grupo levou mais tempo para fazer amigos: passados dois meses da entrada na universidade, o segundo grupo relatou o dobro da média de amigos novos na comparação com o primeiro. Contudo, passados oito meses, ambos os grupos relataram aproximadamente o mesmo número de amigos. Outra pesquisa apontou que, apesar de as pessoas levarem mais tempo para fazerem amigos em grandes centros urbanos, estes ambientes propiciam mais ocasiões para interações informais, na comparação com cidades pequenas, oferecendo, assim, mais oportunidades favoráveis à formação de amizades.

4) comunicação na rede social: Amigos atuais são fonte de novos amigos, ou seja, pode-se formar novas amizades através deles, intencionalmente ou não. Além disso, a reação de pessoas de uma mesma rede de relacionamentos (cônjuge, familiares, etc.) exerce influência sobre a formação, o desenvolvimento e a manutenção de uma dada amizade.

## II – Fatores situacionais

No conjunto dos fatores situacionais, encontram-se a probabilidade de interação, a frequência de contato, a dependência, e a disponibilidade.

1) probabilidade de interação: Gosta-se mais de uma pessoa com quem se espera interagir no futuro, do que com um indivíduo que se antecipa não encontrar mais. Pessoas consideradas agradáveis foram avaliadas positivamente independentemente da expectativa de encontrá-las novamente. Por outro lado, indivíduos dos quais se gosta menos, mas dos quais se espera interações futuras, são avaliados mais positivamente na comparação com os que não serão novamente vistos. De qualquer forma, quando se antecipa a interação com quem já se conhece, há uma tendência a aumentar aspectos positivos e diminuir os negativos com a finalidade de fazer com que os encontros futuros sejam o mais agradáveis possível.

2) frequência de contato: Quanto mais um indivíduo é exposto às outras pessoas (inclusive por fotografias), mais ele as atrai, sem a necessidade de interação. Além de quanto maior a exposição, maior a atração, igualmente maior é a percepção de similaridades com a pessoa percebida. Também se constatou que quanto mais se familiariza com alguém, mais se admite semelhanças com este indivíduo. Todavia, este achado em pesquisa não se aplica apenas a pessoas das quais não gostamos.

3) dependência: Em situações nas quais uma outra pessoa está no lugar de nos fornecer recompensa ou punição, isto é, quando dependemos de alguém, há uma tendência a se gostar mais dessa pessoa.

4) disponibilidade: Outro pré-requisito para o surgimento de uma amizade é o fato de que, para se tornarem amigas, duas pessoas devem estar disponíveis. Esta condição é avaliada através da mútua checagem de acessibilidade, e de compromettimentos pré-existentes. “Acessibilidade refere-se à probabilidade de que você e a outra pessoa terão oportunidades para interação freqüente e para engajar em atividades típicas de amigos” (Fehr, 1996, pp. 60-61). Já o comprometimento prévio indica o quão acessível a pessoa é para uma nova amizade: se ela já tem muitos amigos, se está envolvida em trabalho ou estudos que consomem muito tempo, ou se está engajada em um relacionamento amoroso exclusivo. Todos estes aspectos podem dificultar o desenvolvimento de uma amizade. Um estudo com mulheres de meia idade revelou a existência de um “orçamento de amizades” (Fehr, p. 61), que depende da quantidade de amizades desejada e de quantas novas amizades se pode manter dadas as demandas do trabalho, da família e das amizades pré-existentes. Estas restrições na formação e manutenção das amizades inspiraram Brenton (1974) a afirmar que “o cemitério dos relacionamentos sociais está repleto de ossos das amizades que poderiam ter surgido” (p. 61). Há outros estudos que apontam correlações positivas entre número de amigos e de amigos próximos, e freqüência e qualidade de contatos presenciais, por telefone, e encontros em visitas e festas (Veenhoven, 1994).

### III – Fatores individuais

Nem todas as pessoas são percebidas como elegíveis à categoria de amigas. Critérios de exclusão e de inclusão são utilizados na pré-seleção de candidatas a amigas. Em um primeiro momento as pessoas selecionam aqueles de quem não é possível ser amigo, e posteriormente avaliam amigos em potencial (Rodin, 1982, citado por Fehr, 1996).

Há dois critérios de exclusão. A premissa do critério de desagrado é a de que dificilmente se gosta de uma pessoa que possui uma qualidade condenável, por mais que possua qualidades apreciadas. Contudo, no que diz respeito à formação de uma amizade, observa-se uma assimetria entre os critérios de agrado e de desagrado. “Podemos atribuir qualidades que apreciamos a pessoas que não gostamos, mas não atribuímos qualidades que não apreciamos às que gostamos” (Fehr, 1996, p. 51). O segundo critério de exclusão refere-se à percepção de uma inadequação do candidato quanto a critérios como raça, escolaridade, aparência física, idade, vestuário, etc. Estes critérios são empregados como uma estratégia para que não sejam despendidas energia e atenção com pessoas das quais provavelmente não se gostará como amigas. Entretanto, na opinião de Fehr, os critérios de exclusão referidos devem ser submetidos a testes empíricos mais extensos.

São descritos a seguir os cinco critérios de inclusão de indivíduos no escopo de possíveis candidatos à formação de uma amizade: aparência física, habilidade social, responsividade, timidez, e similaridade (Fehr, 1996).

1) aparência física: Estudos conduzidos com fotografias de pessoas atraentes e não atraentes, e estudos de interação face-a-face em laboratórios ou em ambiente natural têm confirmado a relevância da aparência física na formação tanto de relacionamentos românticos como de amizades. É possível que a procura por amizades com pessoas de boa aparência se justifique: na observação de que, em pessoas fisicamente atraentes, são percebidas semelhanças de personalidade e de atitudes; no fato de que as pessoas gostam de interagir com pessoas bonitas; e/ou nas respostas positivas que as pessoas fisicamente atraentes recebem, capacitando-as a desenvolver mais autoconfiança nas interações sociais, bem como maiores habilidades sociais. Embora não esteja clara a relação entre atratividade física e melhores habilidades sociais, Reis e colaboradores (1982) concluíram que estas duas características devem estar presentes para que homens obtenham sucesso profissional; no caso de mulheres, bastaria apenas uma delas.

2) habilidades sociais: Fazer amigos requer habilidades como responder apropriadamente ao que a pessoa diz, mostrar uma seqüência apropriada de olhares ou de postura durante uma conversa, e seguir regras apropriadas para intercalar a vez de falar. Estudantes universitários socialmente hábeis relataram ter um número maior de amigos próximos e de conhecidos. Observou-se também que uma melhoria nas habilidades sociais faz com que as pessoas gostem mais do indivíduo. A habilidade para iniciar interações é mais importante entre duas pessoas que (ainda) não são amigas. Já no caso das amizades de mesmo sexo (ou seja, entre mulheres ou entre homens), são mais relevantes as habilidades de prover apoio e abertura, e de manejar conflitos adequadamente.

3) responsividade: Duas pesquisas realizadas em laboratório demonstraram que indivíduos que respondem à maioria das perguntas direcionadas a eles por um colega, fornecendo respostas relacionadas ao que foi perguntado, são percebidos como pessoas que gostam mais da pessoa com quem estão falando e estão mais interessados nelas. Além disso, os indivíduos que se mostraram mais responsivos foram percebidos como do tipo de pessoa de quem se poderia ser amigos próximos. Uma das conclusões que Fehr (1996) traça a partir da revisão de literatura sobre a relação entre responsividade e amizade é a de que se faz mais amigos quando a pessoa se interessa pelos outros do que quando se dedica a fazer os outros a se interessar nela.

4) timidez: Segundo Fehr (1996), “aqueles que sofrem de timidez podem ser especialmente propensos a demonstrar déficits de habilidades sociais e falta de responsividade” (p. 56).



Tem se observado que pessoas tímidas apresentam menos iniciativa para iniciar uma conversa; são mais lentas para responder aos comentários das outras pessoas durante conversas; sorriem menos; fazem menos contato olho-no-olho; ou seja, são, em geral, indivíduos menos responsivos. Estes comportamentos levam o parceiro de conversa a pensar que a pessoa não quer interagir. Também se tem constatado que, na comparação com não-tímidos, pessoas tímidas relatam ter menos amigos; sentem mais solidão; possuem menos intimidade e proximidade nos seus relacionamentos; tendem a admitir menos satisfação com suas amizades e, em contrapartida, seus amigos tendem a percebê-los um tanto negativamente (isto é, como frios e desagradáveis ou tediosos). Fehr conclui que haverá maior interesse no cultivo de amizades com não tímidos do que com tímidos. Entretanto, observa-se que as amizades de tímidos são mais duradouras.

5) similaridades: Este fator é considerado o ponto de partida para a amizade, bem como o processo pelo qual a amizade se torna mais próxima (Fehr, 1996). As pessoas buscam amizades com indivíduos fisicamente bonitos, socialmente hábeis, responsivos, que não sejam tímidos, e que se assemelhem a elas tanto de acordo com estes aspectos como com outros – por exemplo, semelhanças baseadas em características demográficas (idade, saúde física, educação, religião, background familiar), de status social, de atitudes, etc. Contudo, esses fatores não garantem que a amizade vai surgir ou prosseguir.

Como referido anteriormente, Bell (1981) enfatiza o papel da igualdade nas amizades no que diz respeito a nível sócioeconômico e dedicação mútua. Este autor também salienta a semelhança etária como um dos aspectos mais significativos na escolha das amizades, além do estado civil, da religião e do sexo. Pessoas de mesma faixa etária compartilham de recursos sociais e pessoais similares, tornando-se, dessa forma, iguais, o que previne contra uma possível exploração de um sobre o outro. Divorciados sentem-se mais à vontade com amigos divorciados do que com os casais de amigos com quem interagiu no passado. Amizades de mesmo sexo previnem contra a possibilidade de romance, o que, para Bell, alteraria profundamente a amizade. Além disso, assim como há qualidades comuns entre mulheres, há aspectos que são compartilhados apenas entre homens. Nas amizades entre casais, nota-se um vínculo maior entre as duas esposas e os dois maridos, ou seja, um efeito conjunto do sexo do indivíduo com seu estado civil. Já com relação à religião, um estudo apontou que 80 % dos amigos listados por homens judeus eram também (homens) e judeus, ao passo que entre homens católicos encontrou 62 % de amizades semelhantes quanto à crença religiosa.

Mais especificamente no que diz respeito à associação entre amizade e personalidade, estudos recentes vêm indicando uma associação entre traços de

personalidade, como extroversão e neuroticismo, e relacionamentos. Pessoas altamente extrovertidas possuem vida social mais ativa, estão mais satisfeitas com estas interações, e possuem mais amizades que pessoas menos extrovertidas. Outro estudo demonstrou que indivíduos que à época da universidade apresentaram altos escores de extroversão possuem elevado nível de atividade social na idade média. Já quanto ao neuroticismo, tem-se observado que elevados níveis deste traço de personalidade estão relacionados à insatisfação e dissolução de casamentos, à ausência de apoio positivo ao parceiro e à reciprocidade de comunicação e comportamento negativos (Berscheid & Regan, 2005).

#### IV – Fatores diádicos

Dois fatores são relevantes no surgimento da amizade entre duas pessoas. O primeiro é um apreço mútuo (*mutual liking*) no julgamento inicial que um indivíduo forma sobre o outro. De acordo com Fehr (1996), “provavelmente vamos atrair outra pessoa se acreditamos que ela goste de nós. Se esse apreço inicial conduzir ou não a uma amizade dependerá, em grande medida, de o que você e a outra pessoa revelarão um ao outro” (p. 61). Nesta direção, o apreço mútuo é pré-requisito à abertura para falar de assuntos particulares com o amigo.

Mesmo havendo dados demonstrando que pessoas que trocam informações particulares são mais gostadas das que as que não “se abrem” umas com as outras, tem-se observado que revelações íntimas demais fazem com que o amigo que escuta deixe de gostar da pessoa que está revelando algo; enfim, falhando em corresponder reciprocamente à abertura esperada. Outros estudos têm encontrado evidências de que as pessoas gostam mais de alguém que revela informações particulares mais adiante, no curso de uma conversa, e não logo no início. Assim, Fehr (1996) ressalta que nos estágios iniciais de um relacionamento é importante que as revelações sejam recíprocas, porque elas facilitam o desenvolvimento da confiança. Mais adiante, com a amizade já estabelecida, não há mais a necessidade de a reciprocidade ser imediata.

Como referido anteriormente, a formação, o desenvolvimento e a manutenção da amizade dependerão da convergência de fatores ambientais, situacionais, individuais e diádicos. Neste sentido, tem-se observado, por exemplo, que densidade populacional, local onde se passa o dia, frequência de contato, expectativa de interação futura, boas habilidades sociais, semelhanças variadas, apreço mútuo, e revelações recíprocas (abertura) influenciam no surgimento da amizade entre duas pessoas.

Segundo Fehr (1996), identifica-se a presença dos fatores referidos em um relacionamento de amizade quando o comparamos com relacionamentos entre pessoas que

não são amigas (embora não sejam inimigas), como estranhos, conhecidos e colegas. Amigos e não-amigos diferem fundamentalmente quanto à interação verbal e não verbal, à amplitude e profundidade das revelações nas conversas, e à superficialidade ou profundidade das semelhanças em comum. Assim, amigos dialogam mais, têm mais contato corporal (como abraços e beijos), revelam ou “se abrem” sobre um maior número de assuntos e com mais profundidade, e são mais parecidos entre si quanto a traços de personalidade e atitudes (Fehr). Amigos tornam-se mais semelhantes quanto a sentimentos e gostos à medida que interagem mais. Em contraste, o relacionamento entre pessoas conhecidas é superficial e menos significativo do que a amizade, visto que os indivíduos revelam pouco sobre si mesmo; não há intimidade nem confiança; não se altera quando inclui muitas pessoas; e, principalmente, é uma relação na qual não se conhece um ao outro (Bell, 1981).

Relacionamentos são processos dinâmicos, ou conjuntos de processos, ainda que se estude um relacionamento em desenvolvimento ou uma relação já estável (Duck & Perlman, 1985). Dessa forma, a amizade está sujeita a constantes mudanças, especialmente conforme alterações não apenas em cada amigo separadamente (aspectos individuais) ou em sua interação (aspectos diádicos), mas também à medida que se apresentam diferentes configurações situacionais ou ambientais. Neste sentido, amigos podem voltar a ser conhecidos ou colegas devido a interferências na relação de amizade, como mudanças de endereço e conseqüente redução na frequência de contato, ou mesmo competição ou ciúmes (podendo inclusive transformar amigos em inimigos). Por outro lado, algumas relações de amizade podem intensificar-se, destacando-se das demais. Um amigo ocasional pode passar a ser um amigo próximo, ou um bom amigo, que por sua vez pode se tornar um melhor amigo. Assim, é possível identificar diferentes tipos de amizade ou níveis de amizade.

#### Tipos ou níveis de amizade

A literatura científica sobre amizade adota diferentes categorias para tipos ou níveis de amizade. Em sua revisão de estudos, Fehr (1996) faz referência a amigo ocasional, amigo próximo e melhor amigo. Há trabalhos que utilizam, por inclusão ou substituição dos termos mencionados, as categorias meio amigo (Wright, 1985); bom amigo (La Gaipa, 1977; Mendelson & Aboud, 2003; Monsour, 1992) em vez de amigo próximo; muito bom amigo (Mendelson & Kay, 2003); o amigo mais próximo (Carbery & Buhrmester, 1998); e amigo ideal (Cole & Bradac, 1996; Maeda & Ritchie, 2003). De outro lado, há trabalhos que consideram, como sinônimos, bons amigos e amigos próximos (Bell, 1981), e amigos

próximos e melhores amigos (Cole & Bradac, 1996; Maeda & Ritchie, 2003). Monsour (1992), ao investigar o nível mais elevado de intimidade em uma amizade, deparou-se com o fato de que uma grande porcentagem dos participantes do estudo declarou não possuir melhores amigos, levando o pesquisador a usar a expressão *bons amigos*.

Seja qual for a nomenclatura adotada, a diferença entre os tipos (ou níveis) de amizade é determinada por incrementos nas características associadas a ela (como intimidade, apoio, abertura, etc., referidas anteriormente) à medida que os amigos se tornam cada vez mais próximos um do outro. Assim, as diferenças são muito mais quantitativas do que qualitativas (Fehr, 1996). Conseqüentemente, no nível mais elevado de amizade encontrar-se-á maior aceitação, apoio, intimidade, dentre outros aspectos, bem como maior durabilidade e frequência de contato. Este último nível é chamado ora de melhor amizade, ora de amizade próxima; no presente trabalho será referido como melhor amizade.

La Gaipa (1977) comparou diferentes níveis de amizade segundo seis fatores: autenticidade, similaridade, estima, força de caráter, ajuda e abertura. De modo geral, os escores nestes fatores aumentaram conforme o nível de amizade. Entretanto, observou-se que abertura não discriminou os tipos menos íntimos de amizade. De outro lado, amigos próximos receberam maiores índices tanto neste fator como no de ajuda em comparação com *bons amigos*, ao mesmo tempo em que melhores amigos obtiveram escores ainda maiores que amigos próximos. Davis e Todd (1985) também observaram que melhores amigos foram caracterizados através de escores elevados em aceitação, respeito, confiança, apoio, intimidade, diversão, espontaneidade, estabilidade e sucesso. Além disso, Bell (1981) salienta que amigos próximos desenvolvem estilos semelhantes de voz, gestos, vestuário e de comportamento; servem como proteção, facilitando a tolerância a medos e ansiedades, ajudando a suportar situações estressantes; e proporcionam um forte senso de identificação e de exclusividade através das experiências compartilhadas. Melhores amigos também tendem a morar mais perto um do outro (Fehr).

Algumas pesquisas têm investigado a satisfação com a amizade pedindo a voluntários que se refiram à amizade ideal ou às características de um amigo ideal, na intenção de identificar as causas da satisfação (Cole & Bradac, 1996; Maeda & Ritchie, 2003). Contudo, Weiss e Lowenthal (1975) compararam amizades ideais e amizades reais com relação a um conjunto de características por eles fornecidas (como abertura, apoio, etc). Estas amizades diferiram quanto à reciprocidade e à similaridade, que, nesta ordem, figuraram em primeiro e segundo lugares em importância para amizades ideais; já nas amizades reais, observou-se o oposto. Em uma pesquisa sobre satisfação com amizade,

Cole e Bradac (1996) consideraram a possibilidade de as pessoas que têm um melhor amigo (ou melhores amigos) e as pessoas que não têm este tipo de amizade em suas vidas possam apresentar expectativas diferenciadas com respeito à satisfação com um melhor amigo ou amigo próximo. Neste sentido, entende-se que onde a pesquisa sobre amizade na adulez estiver iniciando, como no Brasil, é mais apropriado conduzir primeiramente estudos sobre amizades reais, de qualquer nível ou tipo, para em um segundo momento investigar as características de uma amizade ideal ou perfeita.

Como visto, um único amigo não preenche as necessidades de uma pessoa, isto é, não é o suficiente. Além disso, os tipos de amigos dos quais se precisa variam ao longo do tempo. Shulman (1975) aponta que as pessoas buscam relacionamentos motivadas por necessidades e preocupações vigentes em cada estágio da vida. Algumas necessidades são mais bem preenchidas por outros relacionamentos, por exemplo, por colegas ou vizinhos (Bell). Nesta direção, entende-se relevante descrever brevemente as características principais das amizades na infância, adolescência, adulez e velhice.

#### Amizade e etapas do desenvolvimento humano

Weiss e Lowenthal (1975) solicitaram a estudantes de ensino médio, adultos recém-casados, adultos de meia-idade, e a adultos maduros que descrevessem suas amizades reais bem como um amigo ideal. Com respeito a diferenças etárias, observou-se que “as percepções das qualidades de amigos e da amizade são surpreendentemente semelhantes através dos quatro estágios de vida” (p. 58). As pequenas diferenças encontradas refletiam, na verdade, as questões típicas enfrentadas naquela fase. Por exemplo, as avaliações de amigos reais e ideais foram mais discrepantes segundo alunos do ensino médio, e esta discrepância diminuiu com a idade, sugerindo maior seletividade nas escolhas de amizade em função da maturidade. Weiss e Lowenthal concluíram que as funções básicas da amizade se estabelecem relativamente cedo com respeito à idade e permanecem ao longo da vida. Com base neste achado, descreve-se a seguir os aspectos mais básicos dos relacionamentos de amigos em cada etapa da vida.

O uso da palavra amigo aparece pela primeira vez ao redor dos quatro anos de idade, ao passo que a referência ao melhor amigo se faz presente a partir da infância média e adolescência. A amizade, na infância, caracteriza-se por reciprocidades, isto é, mútua consideração, cooperação, manejo eficaz de conflito, benefícios equivalentes em trocas sociais positivas; gostar um do outro, ou seja, desejar passar mais tempo na companhia prazerosa um do outro; afeto e divertimento. Já as amizades de crianças mais velhas e adolescentes incluem lealdade, confiança e intimidade, requerendo interesses em comum e

comprometimento, tanto para manter os amigos como para que se formem novas amizades, além de competição e conflitos (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996; Hartup, 1989).

Quanto às diferenças de gênero no estudo da amizade infantil e adolescente, os pesquisadores se mostram cautelosos na interpretação dos dados. Contudo, estudos recentes apontam que, na formação de grupos de pares (como nas amizades), as meninas tendem a estabelecer relações diádicas e recíprocas, enquanto os meninos formam grupos mais amplos com mais abertura para novos integrantes (Hägglund, 1999).

No que tange aos efeitos das amizades infantil e adolescente sobre o desenvolvimento humano, em condições ideais, estes relacionamentos promovem auto-estima, competência social, cooperação, manejo adequado de conflito, expressão de emoções, bom desempenho em tarefas, e características desejáveis (como cordialidade e altruísmo); auxiliam na consciência de si, e no conhecimento sobre outras pessoas e sobre o mundo. Além disso, são fontes de desenvolvimento emocional e cognitivo, bem como precursoras dos relacionamentos subseqüentes, inclusive amorosos (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996).

Como mencionado na apresentação, no Brasil, as pesquisas em amizade têm priorizado o estudo com crianças e adolescentes (Antoniazzi, Hutz, Lisboa, Xavier, Eickhoff & Bredemeier, 2001; Daudt, 1997; Lisboa & Koller, 2003; Piotto & Rubiano, 1999; Rohde, Ferreira, Zomer, Forster & Zimmermann, 1998). De outro lado, há estudos que, apesar de haver contado com participantes adultos, e de não ter abordado diretamente o tema da amizade, constataram sua influência na iniciação ao consumo de drogas durante a adolescência (Araújo & Gomes, 1998; Malcon, Menezes & Chatkin, 2003; Sanchez & Nappo, 2002).

No que diz respeito à amizade na adultez, a maioria dos estudos referidos no presente texto é fundamentada em participantes adultos. Contudo, cabe enfatizar que, comparadas a amizades infantis e adolescentes, amizades adultas são altamente homogêneas no que diz respeito a vários aspectos, como traços de personalidade, interesses, sexo, idade, estado civil, religião, status ocupacional, etnia, renda, escolaridade, número de amigos, duração da amizade e tipos de amizade (Bell, 1981; Blieszner & Adams, 1992; Fehr, 1996). A entrada no mercado de trabalho, o casamento, e os filhos tomam das amizades uma considerável parte do tempo que antes lhes era disponível para intensa dedicação a estes relacionamentos (Carbery & Buhrmester, 1998; Koh, Mendelson & Rhee, 2003; Monsour, 2002; Rawlins, 1992; Weiss e Lowenthal, 1975). Mais tarde, com o avanço etário, experimenta-se nostalgia com relação a bons amigos da juventude, como se a amizade transcendesse o tempo (Bell).

O tempo livre pós-aposentadoria, a saída dos filhos de casa, e as condições de saúde física e mental, de finanças e de moradia são aspectos cruciais à qualidade de vida na velhice (Castro, 1998, 2001, 2004; Deps, 1993; Neri, 1993; Rosa, Benício, LaTorre, & Ramos, 2003), com potencial de interferir positivamente ou negativamente na formação e manutenção das amizades (Souza, 2004). Nesta etapa da vida, tem-se observado que a interação com amigos é menos freqüente e os encontros, mais breves (Adams, Blieszner & DeVries, 2000). A convivência de idosos, e, conseqüentemente, o cultivo de amizades, tem se mostrado essencial para a felicidade dos mesmos, não apenas em porções específicas do dia ou da semana, mas através de uma vivência diária proporcionada pela moradia em condomínios “segregados” (ou seja, fechados) específicos para esta faixa etária (Debert, 1999). Além disso, as amizades na velhice são mais heterogêneas, especialmente devido à expectativa de vida (Blieszner & Adams, 1992). As amizades mais antigas são mais procuradas para troca de confidências, aconselhamento e relembração de eventos passados em conjunto; ao passo que as mais novas são valorizadas por oferecerem “um ponto de vista diferente” (Shea, Thompson & Blieszner, 1988, p. 91).

A maioria das pesquisas empíricas realizadas sobre amizade fundamenta-se em dados coletados com adultos jovens; mais especificamente, estudantes universitários (Fehr, 1996). Esta tendência não se sustenta na facilidade em se coletar dados nas universidades. A justificativa está na constatação de que, nesta etapa da adultez jovem, as amizades estão mais em evidência do que na adultez média e na adultez madura.

É durante a adolescência que a amizade “amadurece”, isto é, passa a envolver qualidades como confiança, lealdade e intimidade (Fehr, 1996). Com a entrada na adultez jovem, a amizade passa a ter mais importância em contraste com o resto da vida adulta, que, como já dito, restringe estes relacionamentos com demandas da carreira profissional, de relacionamentos românticos e da família. A adultez jovem abrange o período entre o final da adolescência e o início dos 30 anos (Rawlins, 1992).

Carbery e Buhrmester (1998) investigaram o relacionamento com os amigos mais próximos no contexto dos relacionamentos familiares significativos na adultez jovem, dividindo-a em três fases distintas: fase celibatária (na qual o indivíduo é solteiro e não está comprometido seriamente com um parceiro romântico), fase marital (relação conjugal sem filhos) e fase parental (com filhos pequenos). Na fase celibatária, os amigos são preferidos ao preencherem necessidades por companheirismo e confiança, ao passo que as mães são as maiores fontes de aliança e afeição. Na fase marital, o indivíduo passa a depender mais do cônjuge para todo tipo de necessidade; especialmente homens casados. Na fase parental, os filhos deslocam o foco no cônjuge e passam a competir com ele, ou

mesmo ultrapassá-lo, como provedores de, por exemplo, afeição, segurança e companheirismo. Carbery e Buhrmester enfatizam que as amizades atingem um pico quanto à significância funcional na rede de relacionamentos no início da adultez jovem (fase celibatária), quando os amigos são fontes primárias de apoio social, companheirismo e confiança.

Segundo Rawlins (1992), no início da adultez jovem, a entrada na universidade requer do indivíduo um ajustamento emocional para construir um novo sistema de apoio social e para renegociar os relacionamentos com a família e com as amizades pré-existentes. Este período, no qual ocorre a transição para a adultez, é chamado de período universitário, abrangendo dos 17 aos 22 anos de idade. Nesta etapa, os estudantes são formalmente educados para a futura profissão; experimentam, em conjunto, alternativas de carreira e de estilos de vida, no encontro destes com os próprios relacionamentos pessoais e valores; e estão com as faculdades físicas e mentais no pico de suas capacidades. Em outras palavras, vivenciam juntos desafios e dúvidas semelhantes, tanto sociais como intelectuais, e uma grande expectativa quanto ao que a vida adulta trará após a universidade (Levinson & colaboradores, 1979, citados por Rawlins). O período universitário é favorável à formação de amizades profundas e empolgantes, na concepção de Rawlins.

No início da adultez jovem, os relacionamentos com os amigos ainda são menos influenciados por outros relacionamentos próximos (conjugais, familiares), que se sobressaem nas fases seguintes da adultez. Tanto Carbery e Buhrmester (1998), como Rawlins (1992), apontam para essa direção, referindo-se, respectivamente, à fase celibatária e ao período universitário. Esta etapa da vida favorece a investigação das amizades e, conseqüentemente, das amizades próximas ou melhores amizades. Neste sentido, está-se de acordo com Koh, Mendelson e Rhee (2003), ao argumentarem que a população de estudantes universitários é ideal para o estudo dos relacionamentos de amizade.

Até aqui se procurou abordar a definição de amizade, apontando seus principais aspectos; apontar teorias que vem sendo utilizadas para a compreensão do relacionamento entre amigos; descrever os fatores envolvidos na sua formação, desenvolvimento e manutenção das amizades; distinguir seus tipos ou níveis; e caracterizá-la conforme as etapas do desenvolvimento humano, destacando o período no qual os relacionamentos de amizade são mais valorizados dentre os relacionamentos pessoais. Contudo, as pesquisas em amizade relatam que amizades entre homens e amizades entre mulheres diferem significativamente quanto a determinadas características. Além disso, também se tem



observado diferenças entre amizades de pessoas de mesmo sexo e de pessoas de sexo oposto. Estas questões passam a ser abordadas a seguir.

#### Diferenças de gênero nas amizades

No estudo de Weiss e Lowenthal (1975) sobre amizades em diferentes etapas do desenvolvimento humano, enquanto as mulheres enfatizaram mais a reciprocidade (apoio, aceitação, confiança), os homens valorizaram mais a similaridade (experiências e atividades compartilhadas e interesses em comum). Bell (1981) observou que as mulheres casadas descrevem um sentimento de amor com relação a determinadas amizades, diferente do amor sentido pelo parceiro romântico. Já homens só associam amor a relacionamentos românticos ou sexuais. Bell também notou que mulheres relatam ter mais amigos próximos do que homens.

Há evidências sugerindo que, na comparação com amizades entre homens, as amizades entre mulheres são de melhor qualidade, mais íntimas, próximas e divertidas, envolvem maior satisfação, e são do tipo face-a-face (isto é, com ênfase nas trocas afetivas e nas emoções compartilhadas); ao passo amizades masculinas são do tipo lado-a-lado (ou seja, calcadas na realização de atividades em conjunto), mais instrumentais, com mais valor ao tempo investido na amizade (Carbery & Buhrmester, 1998; Jones, 1991; Wright, 1988; Wright & Scanlon, 1991). Segundo Fehr (1996), a principal explicação dada para estes resultados é a de “não ser o caso de os homens não terem capacidade para intimidade, mas que, em vez disso, (eles) preferem não exercitá-la” (p. 153). Contudo, estes resultados não são consensuais nas pesquisas em amizade.

Wright (1988) critica severamente a postura que muitos pesquisadores adotam frente a achados como os recém descritos. As diferenças de gênero encontradas são supervalorizadas em importância, ofuscando semelhanças entre amizades femininas e masculinas, e disseminando um pensamento dicotômico e supergeneralizado quanto a diferenças de gênero nestes relacionamentos. Na visão de Parks e Floyd (1996), a “feminização” da intimidade nas pesquisas sobre relacionamentos alcançou o pico na década de 1980, com forte influência do feminismo e da popularização de estudos como o de Carol Gilligan sobre diferenças de gênero no julgamento moral. Assim, “tanto a literatura científica como a popular passou a argumentar, explícita ou implicitamente, que apenas as mulheres são capazes de intimidade” (Parks & Floyd, p. 90). Mais tarde, esta argumentação será depois substituída por uma ausência de vontade, por parte dos homens, de exercitar a intimidade (Fehr, 1996).

O pedido de Wright (1988) por moderação, cautela e até mesmo um certo ceticismo diante de diferenças de sexo e de gênero nos estudos em amizade vai causar um considerável impacto sobre a produção científica subsequente (Jones, 1991; Monsour, 1992; Parks & Floyd, 1996; Wright & Scanlon, 1991). Dois trabalhos ilustram esta mudança de modo singular, argumentando que intimidade e proximidade são componentes essenciais das amizades adultas, que não há definições compartilhadas no meio acadêmico, e que o tratamento científico destes dois aspectos é crucial para a interpretação dos resultados (Monsour; Parks & Floyd). Estes trabalhos são igualmente relevantes por seus achados na comparação entre amizades de mesmo sexo e de sexo oposto.

Considerando que intimidade é um conceito central na descrição de um relacionamento pessoal, Monsour (1992) investigou-a solicitando a 164 universitários que definissem intimidade na amizade com bons amigos de mesmo sexo ou de sexo oposto (que não fossem familiares ou parceiros românticos/ sexuais). Sete categorias de respostas emergiram da análise dos dados: abertura (revelações novas sobre si e/ ou compartilhá-las); expressividade emocional (proximidade emocional, afeição, cuidado, compaixão, e dar/ receber apoio); apoio incondicional (estar presente em momentos bons e ruins e/ou demonstrar apoio e preocupação); contato físico (toque não-sexual, como abraços e beijos nas bochechas); confiança; atividades compartilhadas (exceto conversar); e contato sexual.

Comparando quatro grupos de amizades (amizades de participantes homens com homens, de participantes mulheres com mulheres, de mulheres com homens, e de homens com mulheres), Monsour (1992) observou que a abertura foi o significado de intimidade mais freqüente em todos os grupos. Ainda assim, nas amizades entre mulheres ele foi citado com significativamente mais freqüência na comparação com os outros três tipos. Na interpretação de Monsour, mesmo que os resultados tenham demonstrado se tratar de um componente bem mais importante na definição de intimidade de homens do que se vinha observando em pesquisas anteriores, para as amizades de mesmo sexo destes participantes a abertura ainda é menos central do que para mulheres.

Expressividade emocional e contato físico figuraram em segundo e terceiro lugar quanto à freqüência de respostas nos grupos de participantes homens, enquanto nos de mulheres observou-se o inverso. Comparando-se apenas as amizades de sexo oposto, o grupo de homens e amigas destacou-se ao definir intimidade em termos de expressividade emocional. Já contato físico foi a categoria menos citada em amizades de homens com amigos, e a mais citada pelas mulheres nas suas amizades de sexo oposto (Monsour, 1992).

A intimidade foi definida em termos de atividades compartilhadas apenas nos grupos de amizades entre homens e de amizades de mulheres com amigos homens.

Especificamente com relação às respostas de participantes do sexo masculino, Monsour (1992) enfatiza que atividades compartilhadas foi indicada por apenas 9 % dos homens, ao passo que 56 % deles utilizaram a categoria abertura para definir intimidade com um amigo de mesmo sexo. De posse destes resultados, Monsour ressalta a centralidade da abertura no significado da intimidade nas amizades entre homens. Entretanto, salienta a necessidade de mais pesquisas, visto que a percepção do sexo do amigo pode influenciar a valorização de atividades conjuntas como indicativo de intimidade nas amizades.

A categoria contato sexual foi escolhida para definir intimidade apenas pelos grupos de amizades de sexo oposto e, entre estes, não foram encontradas diferenças significativas. Contudo, contato sexual ocupou o quarto lugar nas amizades de homens com mulheres; ao passo que na de mulheres com homens ocupou o sexto lugar. Monsour (1992) observou também que nenhuma das pessoas que citou contato sexual (como um aspecto presente na intimidade com uma boa amizade) era casada.

Para Monsour (1992), os resultados permitiram observar que há mais semelhanças do que diferenças nos significados atribuídos à intimidade em amizades de mesmo sexo e de sexo oposto. Abertura, expressividade emocional e contato físico não-sexual foram os três aspectos mais citados para definir intimidade em uma boa amizade. Também foi possível constatar que atividades compartilhadas não é o aspecto mais importante nas amizades entre homens, e sequer foi considerada na intimidade de amizades de homens com mulheres. No entanto, 4 % das participantes do estudo apontaram atividades compartilhadas como um indicador de intimidade nas amizades com amigos homens.

Monsour (1992) refere que a maior contribuição da sua investigação para o campo de estudos em relacionamentos pessoais foi fornecer “um esclarecimento dos significados de intimidade em amizades de sexo oposto e de mesmo sexo, e da relativa centralidade de cada componente com relação a mulheres e homens nestas amizades” (p. 289). No entanto, Parks e Floyd (1996) vão argumentar que o significado da intimidade nos relacionamentos de amizade foi esclarecido apenas para o próprio Monsour. Isto porque, para aqueles autores, Monsour não atentou para o conceito de proximidade e da sua estreita relação com relacionamentos pessoais significativos, como melhores amizades (ou boas amizades, na pesquisa recém descrita). Ainda assim, há que se apontar que a investigação de Monsour trouxe resultados relevantes para a investigação das amizades; em especial, a importância da abertura, da expressividade emocional e do contato físico não-sexual nas boas amizades e, principalmente, a percepção do sexo na consideração de uma amizade como um relacionamento íntimo.

Motivados especialmente pelo trabalho de Monsour (1992), Parks e Floyd (1996) investigaram o significado de proximidade nas amizades em 270 universitários, com o objetivo principal de diferenciá-la do significado de intimidade, mas também de analisá-la no contexto das amizades de mesmo sexo e de sexo oposto. Treze categorias foram identificadas na definição de proximidade com um bom amigo.

Sem distinção de sexo, proximidade foi definida em uma boa amizade como abertura por 71 % dos participantes, seguida de ajuda e apoio (emocional e instrumental) (37 %); interesses compartilhados (31 %); expressão relacional (expressão verbal ou não-verbal da proximidade ou do valor dos relacionamentos) (30 %); conforto e bem-estar (23 %), confiança (20 %); aceitação (19 %); interação freqüente (13 %); afeto global (cuidado, calor humano, apreço, amor) (13 %); compreensão (12 %); duração do relacionamento (10 %); conselho e perspectiva (10 %); e respeito (6,5 %). Assim, pode-se notar que os dados de Parks e Floyd (1996) para proximidade não incluem contato físico, nem sexual – temas encontrados em Monsour (1992). Além disso, a investigação sobre proximidade destacou-a como um conceito mais abrangente do que o de intimidade, abarcando aspectos como aceitação, compreensão, provisão de conselho e de perspectiva, freqüência de interação entre os amigos e duração da amizade – fatores que não se destacaram na pesquisa de Monsour.

As comparações entre grupos realizadas por Parks e Floyd (1996) (amizades entre mulheres, entre homens, de mulheres com amigos, e de homens com amigas) apontaram diferenças nas categorias ajuda/ apoio, expressão relacional, e conselho/ perspectiva. Ajuda e apoio foi citada por homens mais freqüentemente com respeito às suas amizades com amigos do que com amigas; já as mulheres indicaram mais esta categoria na amizade com amigos, na comparação com homens e suas amizades do sexo oposto. Expressão relacional foi mais freqüentemente considerada como básica na proximidade entre amigas, do que entre amigos do sexo masculino. Conselho/ perspectiva foi utilizada mais por mulheres para definir proximidade nas amizades com homens, tanto na comparação com amizades entre mulheres como na comparação com amizades de homens com mulheres.

Para Parks e Floyd (1996), os resultados obtidos, comparados aos de Monsour (1992), evidenciam que homens e mulheres diferem muito mais entre si na definição de intimidade do que de proximidade ao se referirem a boas amizades. Além disso, observou-se a importância da abertura nas amizades em geral, seja para revelar sobre si mesmo, ou para conversar sobre qualquer outro assunto. Ainda assim, as participantes mulheres citaram mais abertura na comparação com homens (76 % e 64 %, respectivamente). Observou-se também que, em boas amizades, de homens ou de mulheres, aspectos como

abertura, trocas afetivas, ajuda instrumental e aconselhamento, interesses e atividades compartilhados, confiança, frequência de interação, duração do relacionamento, aceitação, respeito e contato físico não-sexual são fundamentais.

Como visto, a investigação de diferenças de gênero nas relações de amizade deve levar em consideração o sexo não apenas do participante da pesquisa, mas do amigo ou amiga a quem ele se refere. Neste sentido, o presente trabalho se propõe a investigar não apenas a qualidade da amizade segundo homens e mulheres, mas a percepção destes dois grupos sobre o sexo do melhor amigo.

A qualidade da melhor amizade será examinada nesta investigação com base no modelo de Aboud e Mendelson (1996) e de Mendelson e Aboud (1999; 2003). Precedendo uma breve descrição dos estudos brasileiros sobre amizade na adultez, apresenta-se o modelo referido a seguir.

A medida da qualidade da amizade

Segundo Berndt (1996), o uso do termo característica, no estudo das amizades, não evidencia, *a priori*, se o atributo é positivo (por exemplo, companheirismo) ou negativo (p. ex., ciúme). Quando nas investigações sobre amizade passou-se a reconhecer o papel dos aspectos ou características negativos, o termo qualidade (da amizade) começou a ser utilizado para considerar suas dimensões positivas e negativas. Assim, as amizades são caracterizadas como de alta qualidade quando os aspectos positivos se apresentam em maior grau na comparação com os negativos; e de baixa qualidade quando os negativos prevalecem sobre os positivos.

Mendelson e Aboud (1999) realizaram uma análise detalhada de oito questionários disponíveis utilizados para avaliar amizade. O exame destes instrumentos possibilitou a Mendelson e Aboud a identificação de seis funções relevantes e conceitualmente distintas da amizade: companhia estimulante (*stimulating companionship*), isto é, o engajamento conjunto em atividades agradáveis, divertidas e excitantes; ajuda (*help*), ou seja, fornecer orientação, auxílio e outras formas de ajuda; intimidade (*intimacy*) – sensibilidade aos estados e necessidades do outro e abertura a expressões honestas sobre pensamentos, sentimentos e informações pessoais; aliança confiável (*reliable alliance*), isto é, manter-se disponível e leal; autovalidação (*self-validation*) – confortar, encorajar ou então ajudar o amigo a manter uma auto-estima positiva; e segurança emocional (*emotional security*) – fornecer consolo e confiança em situações novas ou ameaçadoras. Para Mendelson e Aboud (1999; 2003), a abordagem funcional – ou seja, a consideração de funções da amizade (em vez de comportamentos ou razões associados à amizade) – é mais abrangente

do que as demais abordagens, pois: considera a visão das pessoas sobre a amizade como fonte de recursos sociais, emocionais e instrumentais; possibilita desenvolver medidas análogas (ou idênticas) para os diferentes estágios desenvolvimentais; e proporciona o melhor acesso a um relacionamento maduro ou ideal.

Mendelson e Aboud (1999; 2003) acessam a qualidade da amizade não somente através das seis funções que um indivíduo indica que um amigo preenche. Os autores consideram também sentimentos positivos e negativos associados ao amigo, bem como a satisfação com a amizade. Para dar conta da medida destes aspectos, que em conjunto possibilitam a avaliação da qualidade de uma amizade, os autores desenvolveram escalas, distribuídas em três questionários – os Questionários McGill de Amizade (*McGill Friendship Questionnaires*) – MFQs. Pede-se aos indivíduos que identifiquem as iniciais do nome de um amigo de mesmo sexo segundo diferentes tipos de amizade (amigo ocasional, próximo, etc), a fim de garantir que distingam entre os diferentes níveis ou tipos de amigos. A duração do relacionamento também é acessada.

As funções da amizade são acessadas através de uma escala (*MFQ-Friendship Functions*, ou MFQ-FF) composta de seis sub-escalas, correspondendo a cada uma das funções descritas anteriormente. Cada sub-escala é formada por cinco itens. A satisfação com a amizade e os sentimentos positivos pelo amigo são acessados, respectivamente, por uma sub-escala de sete e outra de nove itens, compondo a escala de apego pelo amigo (*MFQ-Respondent's Affection*, ou MFQ-RA), referindo-se aos sentimentos especiais que os indivíduos têm com relação ao amigo (Mendelson & Aboud, 2003). Já os sentimentos negativos, acessados através de uma escala de 18 itens (*MFQ-Negative Feelings*, ou MFQ-NF), referem-se a sentimentos relacionados a conflito (por exemplo, desacordo, discussão), incompetência relativa (como inferioridade e ciúme) ou ausência de proximidade (distanciamento e incerteza) (Koh, Mendelson & Rhee, 2003). Os itens das escalas sobre funções da amizade, satisfação e sentimentos positivos consistem em sentenças positivas sobre um amigo determinado ou sobre a amizade com ele. A escala de sentimentos negativos, por sua vez, apresenta 18 sentenças negativas sobre o amigo. Cada uma das nove escalas/ sub-escalas fornece um escore médio para o aspecto da amizade a que se relacionam (ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo estimulante, intimidade, segurança emocional, satisfação, sentimentos positivos, e sentimentos negativos).

A construção das escalas de satisfação com a amizade, e de sentimentos positivos e negativos pelo amigo foi igualmente fundamentada na análise do conjunto dos oito instrumentos listados anteriormente. A testagem das escalas revelou elevada consistência

interna e boa validade. Os sentimentos positivos pelo amigo bem como a satisfação com a amizade covariaram diretamente com o grau de preenchimento pelo amigo das seis funções da amizade e com a duração do relacionamento, através de correlações positivas elevadas; e os sentimentos negativos covariaram inversamente com as demais medidas (Mendelson & Aboud, 1999, 2003; Koh, Mendelson & Rhee, 2003).

Cabe relatar os resultados de Mendelson e Aboud (1999, 2003) com referência à percepção de 227 universitários (118 mulheres e 109 homens, com média de idade de 18.2 anos) sobre o melhor amigo de mesmo sexo. Dentre os principais achados, observou-se que os participantes que se referiram a uma melhor amizade mais antiga, em contraste com os que relataram uma relação mais recente, apresentaram mais sentimentos positivos com relação ao melhor amigo, estavam mais satisfeitos com a amizade, e avaliaram o amigo com índices mais elevados nas funções de amizade. Os sentimentos positivos das mulheres pela melhor amiga foram mais altos em comparação com a avaliação dos participantes do sexo oposto com respeito ao melhor amigo. Entre as mulheres o nível de satisfação com a amizade foi maior, assim como a avaliação da amiga em todas as funções da amizade, em comparação com os dados dos participantes do sexo masculino. Também foi observado que os sentimentos positivos de um indivíduo pelo amigo e a satisfação com a amizade covariaram com o grau em que se percebeu o quanto o amigo preencheu cada função da amizade.

Mendelson e Kay (2003), ao examinarem as funções, sentimentos positivos e satisfação, associados a diferentes níveis de amizade, observaram que melhores amigas preencheram mais as funções da amizade na percepção de participantes do sexo feminino do que de participantes do sexo oposto. Mendelson e Kay encontraram também resultados que vão ao encontro de estudos que demonstraram que homens e mulheres eliciam respostas diferentes em um amigo ou amiga.

O trabalho de Koh, Mendelson e Rhee (2003) utilizou os questionários McGill para investigar não apenas satisfação, funções e sentimentos positivos a respeito do melhor amigo, mas também sentimentos negativos. Além disso, os autores compararam os escores de universitários canadenses com universitários coreanos. Não foram encontradas diferenças significativas nas amostras coreanas de dois estudos relatados pelos autores.

A presente investigação utilizará os Questionários McGill de Amizade para avaliar a qualidade da melhor amizade em adultos jovens. Não há estudo similar no Brasil. Contudo, como referido, há três trabalhos sobre amizade na adultez. Embora estes estudos não tenham as mesmas abordagem e metodologia adotadas neste projeto, entende-se pertinente descrevê-los brevemente, com o intuito de relatar a literatura disponível.

## Estudos brasileiros sobre amizade na adultez

Erbolato (2001) investigou as relações de amizade em 12 adultos jovens, 12 adultos em meia-idade e 12 idosos. A amizade foi associada a aspectos que foram comuns às três faixas etárias: satisfação de necessidades emocionais, troca de recursos e de comunicação, “estar presente”, semelhanças, e facilidade de interação com o mundo. Especificamente com respeito aos adultos jovens (seis homens e seis mulheres de 25 a 35 anos de idade, inseridos no mercado de trabalho), o amigo foi definido através das seguintes características: segurança/ proteção (40 % das respostas) (por exemplo, saber ouvir e dizer coisas positivas, estar disponível para ajudar), seletividade/ hierarquia (destaca-se das outras pessoas; há diferentes amigos conforme o nível de intimidade) e personalidade/ autoconceito (como afinidades, amor e cuidado). A amizade foi apontada como importante porque responde a necessidades emocionais (70 % de respostas), é um relacionamento especial e faz parte da natureza humana.

Kipper (2003) estudou as relações de amizade no local de trabalho em 60 adultos (27 homens e 33 mulheres, entre 20 e 50 anos de idade). A amizade foi mais definida em termos de companheirismo, de admiração e de orientação. No ambiente de trabalho, parte dos participantes considerou que colegas de profissão são também amigos, na medida que auxiliam a suportar o ritmo de trabalho e a manter um ambiente bem-humorado. Para outro grupo de participantes, colegas são apenas colegas pela competitividade própria do ambiente de trabalho e pela falta de tempo para investir no relacionamento de amizade com um colega.

Rezende (2002) entrevistou 36 adultos divididos em dois grupos etários: de 20 a 30 anos e de 45 a 55 anos. A autora observou que o conceito de amigo se mostra amplo e indiferenciado fora do contraste com colegas. Esta oposição conduzia os participantes a definir amigo em termos de amigo próximo (amigo “de verdade” ou amigo “mesmo”). Contudo, amizade em geral envolve afeto, entendido através de aspectos como companhia agradável, sociabilidade, beijos abraços e afagos. Entre os participantes mais jovens, as amizades ocorrem em grupos e com pouca variação nos programas (atividades) realizados em conjunto. Já entre os mais velhos, as amizades interagem através de díades, com atividades mais variadas (diferentes díades para diferentes programas), com o amigo próximo freqüentando a casa. Todavia, neste grupo o tempo dedicado ao lazer envolve mais a família do que os amigos. Rezende observou também que os relacionamentos entre “amigos mesmo” (amizade profunda ou verdadeira, segundo a autora) envolvem estilos de vida e valores semelhantes, troca de confidências e compartilhamento de experiências



(intimidade), revelação e abertura, confiança (sinceridade, apoio mútuo), constante diálogo. Para tanto, é necessário um investimento considerável de tempo para o surgimento e desenvolvimento destes aspectos.

Pode-se identificar, nos trabalhos brasileiros descritos acima, características da amizade discutidas na literatura internacional, e abordadas no modelo de Mendelson e Aboud (1999; 2003), como trocas afetivas, ajuda, companheirismo e diversão em certas atividades, intimidade, e autovalidação. Também se pode observar a influência do ambiente de trabalho na formação de amizades e a consideração da passagem do tempo como aspecto fundamental em uma amizade próxima, melhor amizade ou amizade verdadeira. A seguir, são apresentados os objetivos do presente trabalho.

## Objetivos

A formulação do presente projeto fundamenta-se no modelo de Mendelson e Aboud (1999; 2003) para a medida da qualidade da amizade através da percepção do indivíduo sobre as funções que um amigo preenche, os sentimentos positivos e negativos associados a ele, e à satisfação com a amizade; e nos resultados de Monsour (1992) e de Parks e Floyd (1996) com relação às diferenças e semelhanças detectadas nos relacionamentos de amizade de homens e de mulheres com seus amigos e amigas.

Com base na literatura empírica sobre amizade, e considerando-se o conceito de melhor amigo como a forma mais elevada de amizade, o objetivo principal deste trabalho é investigar a qualidade da melhor amizade em adultos. Os objetivos específicos são: 1) Adaptar e validar (validade de construto), para a realidade local, as escalas de funções da amizade (MFQ-FF), satisfação com a amizade e sentimentos positivos em relação à amizade (MFQ-RA), e sentimentos negativos em relação à amizade (MFQ-NF); e 2) Investigar as diferenças de gênero (sexo do participante e do melhor amigo) na percepção da qualidade da amizade.

Dois estudos foram conduzidos para responder aos objetivos. O primeiro estudo buscou a adaptação e validação de construto das escalas que compõem os Questionários McGill de Amizade. O segundo estudo buscou investigar diferenças de gênero na qualidade da amizade de adultos, considerando as funções, satisfação e sentimentos associados a uma melhor amizade. Ambos os estudos estão apresentados no formato de manuscritos a serem submetidos para publicação. Uma cópia da carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sobre o projeto de tese qualificado e que originou o presente trabalho encontra-se no anexo F.

## Estudo 1

### A qualidade da amizade: Adaptação e validação dos Questionários McGill

O objetivo deste estudo é adaptar e validar (validade de construto) os Questionários McGill de Amizade para uso com população adulta no Brasil. Estes instrumentos avaliam a qualidade da amizade através da percepção do indivíduo sobre determinadas funções que um amigo preenche, a satisfação com o relacionamento de amizade, e os sentimentos positivos e negativos relacionados ao amigo. A literatura dispõe de diferentes medidas para acessar a percepção dos relacionamentos de amizade, como questionários, escalas e entrevistas (Furman, 1996). Os Questionários McGill foram desenvolvidos com base em oito instrumentos mais utilizados para investigar a amizade (Mendelson & Aboud, 1999), procurando, portanto, manter aspectos da amizade sobre os quais os pesquisadores vêm dirigindo sua atenção nos últimos 20 anos (Furman).

A amizade é um relacionamento significativo para as pessoas e, assim como o casamento e a família, é promotora de felicidade e de satisfação de vida através de recompensas instrumentais, apoio emocional e companheirismo (Argyle, 2001). Já na Antigüidade, o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.) dedicou-se ao estudo da amizade, classificando-a em três tipos: amizades baseadas na utilidade (isto é, em trocas de qualquer natureza), amizades prazerosas (calcadas em uma atividade divertida, agradável), e amizades verdadeiras (fundamentadas no bem do amigo, pelo que ele é, e não pelo que dele se pode obter, como diversão ou trocas). Esta classificação mantém-se presente atualmente nos estudos que discutem a relação entre amizade e felicidade, assim como na literatura empírica referencial sobre o tema (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996).

Segundo Asher, Parker e Walker (1996), há requisitos importantes para a formação e a manutenção de uma amizade. Um deles é a real disposição para investir tempo livre na amizade “sem pressões ou restrições externas ao relacionamento” (p. 389). Isto significa interagir para além dos contextos normais de contato, fomentando o comprometimento mútuo e a interdependência. O companheirismo é outra característica fundamental no relacionamento entre amigos, ressaltado em todas as faixas etárias através do divertimento obtido um com o outro e com as atividades realizadas em conjunto, desde a brincadeira compartilhada na infância até conversas sobre assuntos íntimos na vida adulta. A reciprocidade é igualmente importante em uma amizade, definida como ser responsivo às necessidades e interesses um do outro. Outro aspecto fundamental é a intimidade, expressa através de revelações recíprocas (ou abertura recíproca), isto é, “revelar experiências pessoais privadas e pensamentos e sentimentos muito íntimos” (p. 391), o que requer uma

confiança já estabelecida entre os amigos. Outras características importantes na formação e manutenção da amizade são: expressão adequada de cuidado, preocupação, admiração e afeição com relação ao amigo, envolvendo validação pessoal e contribuindo para o senso de autovalor; fornecimento de ajuda, aconselhamento, conforto e apoio emocional; demonstração de confiança através de disponibilidade e lealdade; e estratégias de resolução de conflito eficazes, incluindo a habilidade de perdoar (Asher, Parker & Walker).

Fehr (1996) realizou uma compilação de cinco definições de amizade mais utilizadas, conceituando-a como “um relacionamento pessoal e voluntário, que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas partes gostam uma da outra e buscam a companhia uma da outra” (p. 7). Nesta definição, assim como na de Asher, Parker e Walker (1996), também é possível identificar aspectos sociais (companheirismo), instrumentais (ajuda, trocas) e afetivos (intimidade, apreço mútuo), fundamentais para as amizades.

A amizade, enquanto relacionamento, também possui aspectos negativos, visto que estes são naturais, inevitáveis e importantes para seu desenvolvimento e manutenção (Duck & Perlman, 1985). Ciúme, crítica em público, não defender o amigo na ausência deste (Argyle & Henderson, 1985), desapego, preocupação, submissão e conflito (Mendelson, 1995), coerção, distanciamento emocional (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996), abuso, violência (Cole & Bradac, 1996), timidez, manejo de conflitos e de tensões (Fehr, 1996), e ansiedade e rivalidade (Maeda & Ritchie, 2003) vêm sendo abordados no estudo dos aspectos negativos das amizades. Nesta direção, Berndt (1996) afirma que o exame das características da amizade lida com atributos de caráter interdependente, ou seja, a variação de uma característica interfere em outra(s). Dessa forma, a investigação de aspectos positivos da amizade deve ser acompanhada da pesquisa de características negativas envolvidas no relacionamento entre amigos. Além disso, segundo o autor, o uso do termo “característica”, no estudo das amizades, não evidencia, *a priori*, se o atributo é positivo (por exemplo, companheirismo) ou negativo (p. ex., ciúme). Quando nas investigações sobre amizade passou-se a reconhecer o papel dos aspectos ou características negativos, o termo qualidade (da amizade) começou a ser utilizado tanto para considerar dimensões positivas como negativas. Assim, as amizades são caracterizadas como de alta qualidade quando os aspectos positivos se apresentam em maior grau na comparação com os negativos; e de baixa qualidade quando os negativos prevalecem sobre os positivos.

Mendelson e Aboud (1999; 2003) realizaram uma análise detalhada de um conjunto de instrumentos freqüentemente utilizados em pesquisa para avaliar a qualidade da amizade. A partir do exame destes instrumentos, os autores identificaram seis funções conceitualmente distintas da amizade. A função de companheirismo estimulante

(*stimulating companionship*) refere-se ao engajamento conjunto em atividades agradáveis, divertidas e excitantes. Esta função destaca-se em todas as faixas etárias, como os estudos vêm demonstrando (Asher, Parker & Walker, 1996; Blieszner & Adams, 1992; Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996; Fehr, 1996). Todavia, o foco das pesquisas tem sido na realização de atividades em conjunto, sem avaliar se as atividades trazem divertimento (Buhrmester, 1990; Bukowski, Hoza & Boivin, 1994). Para Mendelson e Aboud, é importante considerar que a interação envolva diversão, sendo também agradável e excitante (Asher, Parker & Walker; Jones, 1991; Wright, 1991, citado por Aboud & Mendelson, 1996).

A qualidade de ajuda (*help*) aborda o fornecimento de orientação, auxílio, informação, aconselhamento e outras formas concretas de ajuda para alcançar objetivos, sem necessariamente envolver reciprocidade (Jones, 1991). Esta qualidade tem sido tratada tanto individualmente (Bukowski, Hoza & Boivin, 1994; Wright, 1991, citado por Aboud & Mendelson, 1996) como na combinação com apoio emocional (Asher, Parker & Walker, 1996; Bukowski, Hoza & Boivin). Entretanto, os autores abordam a dimensão instrumental da ajuda, considerando aspectos intangíveis de ajuda e apoio emocional e encorajamento através de outras funções da amizade, como segurança emocional e autovalidação. A autovalidação (*self-validation*) está associada à percepção de alguém que encoraja, escuta, tranquiliza, e ajuda a manter uma auto-imagem como uma pessoa competente e digna, o que é “frequentemente alcançado através de comparação social e validação consensual das características e crenças próprias” (p. 3). Asher, Parker e Walker (1996) salientam a autovalidação ao discutirem as principais características envolvidas na formação e manutenção das amizades. Outros autores têm estudado aspectos próximos à função de autovalidação, como “apoio ao ego e afirmação de si” (Wright), e “avaliação refletida” (Bukowski, Hoza & Boivin).

Intimidade (*intimacy*) é uma qualidade da amizade que diz respeito à sensibilidade aos estados e necessidades do outro, proporcionando um contexto de aceitação no qual há abertura para a exposição e expressão honestas de pensamentos, sentimentos e informações pessoais sobre si (Mendelson & Aboud, 2003). Esta definição vai à mesma direção da de Asher, Parker e Walker (1996), ao passo que outros autores incluem o companheirismo na definição de intimidade (Buhrmester, 1990). Aliança confiável é uma qualidade que envolve estar apto a contar com a contínua disponibilidade e lealdade do amigo, ressaltada por Asher, Parker e Walker (1996) como confiança. Bukowski, Hoza e Boivin definem esta função como abertura sobre si mesmo (*self-disclosure*), abordada por Mendelson e Aboud na função de intimidade. A sexta e última função, segurança emocional (*emotional*

*security*), refere-se ao amigo fornecer consolo e confiança em situações novas ou ameaçadoras. Apesar da relevância desta função, apenas Wright (1991, citado por Aboud & Mendelson, 1996) a aborda ao discutir a percepção do amigo como alguém que não é ameaçador e que transmite segurança por não trair a confiança ou ficar chamando a atenção do amigo por suas fraquezas.

Para Mendelson e Aboud (2003), a abordagem funcional – ou seja, a consideração de funções da amizade (em vez de comportamentos associados à amizade) – é mais abrangente do que as demais abordagens, pois: considera a percepção das pessoas sobre a amizade como fonte de recursos sociais, emocionais e instrumentais; possibilita desenvolver medidas análogas para diferentes estágios desenvolvimentais; e proporciona a melhor avaliação de um relacionamento maduro ou ideal. Assim, na concepção dos autores, um amigo deve preencher algumas, se não todas, as funções da amizade propostas: ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo, intimidade e segurança emocional.

Além das seis funções que um indivíduo percebe que o amigo preenche, sentimentos positivos e negativos associados ao amigo e a satisfação com a amizade também foram foco de estudo de Mendelson e Aboud (1999; 2003). Para dar conta da mensuração destes aspectos (funções, sentimentos e satisfação), os autores desenvolveram três questionários – os Questionários McGill de Amizade (*McGill Friendship Questionnaires*) – MFQs. O MFQ-FF acessa as funções da amizade; o MFQ-RA avalia a satisfação com a amizade e os sentimentos positivos associados ao amigo; e o MFQ-NF aborda os sentimentos negativos.

O *MFQ-Friendship Functions* (MFQ-FF) – Questionário das Funções da Amizade (QFA) – acessa o grau em que um amigo preenche as funções da amizade através de seis escalas, cada uma correspondendo a uma função: Ajuda, Aliança Confiável, Autovalidação, Companheirismo, Intimidade e Segurança Emocional. Mendelson e Aboud (1999; 2003) apresentaram o MFQ-FF em um estudo com 227 universitários canadenses, requisitando aos participantes que identificassem seu melhor amigo de mesmo sexo, e que indicassem há quanto tempo são melhores amigos. Aqueles participantes que relataram uma amizade mais longa avaliaram o melhor amigo com escore mais alto nas funções da amizade (exceto Segurança Emocional) do que respondentes que indicaram melhores amizades relativamente mais recentes. Comparadas aos homens, as mulheres atribuíram escores mais elevados à sua melhor amizade nas seis funções propostas pelos autores, na mesma direção de investigações anteriores (Wright, 1988).

O *MFQ-Respondent's Affection* (MFQ-RA) é composto por duas escalas, uma Escala de Satisfação com a Amizade (ESA), de sete itens, e uma Escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA), composta por nove itens. Os 16 itens do MFQ-RA são sentenças positivas sobre sentimentos com relação a um amigo específico (ESPA) (p.ex., gostar do amigo, importar-se com ele) ou ao relacionamento de amizade com este amigo (ESA) (percebe-la como boa, forte, provedora de satisfação). No mesmo estudo citado anteriormente, Mendelson e Aboud (1999; 2003) observaram que indivíduos com amizades mais antigas apresentaram mais satisfação com a amizade e mais sentimentos positivos com relação ao amigo. Além disso, os sentimentos positivos das mulheres pela melhor amiga foram mais elevados do que dos homens por seus amigos de mesmo sexo, e a satisfação feminina com a amizade foi levemente maior. Observou-se que quanto mais o participante atribuiu sentimentos positivos pelo amigo e manifestou maior satisfação com a amizade, maior foi o grau de preenchimento pelo amigo das seis funções da amizade e maior a duração do relacionamento (Mendelson & Aboud).

O *MFQ-Negative Feelings* (MFQ-NF) – Escala de Sentimentos Negativos com relação ao Amigo (ESNA) – é composto por 18 itens sobre sentimentos negativos distribuídos em cinco fatores: conflito (quatro itens – p.ex., sentir-se incomodado ou ofendido pelo amigo), preocupação (três itens – responsável, com pena), submissão (quatro itens – sufocado, inibido), desapego (quatro itens – p.ex., sentir-se distante ou inseguro com relação ao amigo) e ciúmes (três itens). Koh, Mendelson e Rhee (2003) realizaram um estudo comparando os sentimentos negativos e positivos com relação a um melhor amigo de mesmo sexo em universitários canadenses e coreanos, utilizando o MFQ-NF e o MFQ-RA. Os autores retiraram quatro itens da escala em virtude de os estudantes coreanos não os terem considerado como aspectos negativos da amizade. Constatou-se, nas duas amostras estudadas, uma relação inversa entre sentimentos negativos e sentimentos positivos com relação ao amigo.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 682 universitários, 426 mulheres (62,5%,  $M = 23$  anos) e 256 homens (37,5%;  $M = 23,5$  anos), de diferentes cursos, dentre os quais, psicologia, administração, odontologia, enfermagem, comunicação social, engenharia, biologia, filosofia, pedagogia, nutrição, letras e estatística. A faixa etária variou de 18 a 58 anos ( $M$

= 23,2 anos; DP = 6,57). Quanto ao estado civil, observou-se, na amostra feminina: 42,5% de solteiras; 44,4% de moças com namorado ou noivo; 10,8% de casadas ou envolvidas em união estável; 1,4% de separadas, divorciadas ou viúvas; e 0,9% que não informaram sua situação civil. Na amostra masculina, o estado civil distribuiu-se da seguinte forma: 59,8% de solteiros; 27,7% de rapazes com namoradas ou noivas; 10,9% de casados ou em união estável; 0,8% de separados, divorciados ou viúvos; e 0,8% não informaram a situação civil atual. Do total de participantes, 93% eram estudantes de cursos variados de uma instituição pública e 7% de uma instituição privada de ensino superior, ambas situadas em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A amostragem foi obtida por conveniência, o que justifica a inclusão de estudantes da universidade privada à medida que era necessário completar a amostra. O número de participantes foi calculado para garantir *power* de pelo menos 0,75 em todas as análises inferenciais. Este também é um número adequado para fins de análise fatorial, considerando o número de itens nos instrumentos.

#### Instrumentos

O *MFQ-Friendship Functions* (MFQ-FF) (Questionário das Funções da Amizade - QFA) (Anexo A) é composto por seis escalas, cada uma abordando uma função que a pessoa identifica em seu amigo: ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo, intimidade e segurança emocional. Cada escala é formada por cinco itens – sentenças positivas sobre como o amigo preenche cada função da amizade: “\_\_\_ me ajuda quando preciso”; “\_\_\_ me faz rir”. Uma análise fatorial com rotação oblíqua nos 30 itens do MFQ-FF para a extração de seis fatores revelou problemas com os itens de Segurança Emocional (estes itens não carregaram em qualquer dos fatores); uma nova análise sem estes itens confirmou cinco fatores, explicando 70,4% da variância. A consistência interna das seis escalas (inclusive Segurança Emocional) variou de 0,84 a 0,90 (*alpha* de Cronbach) (Mendelson & Aboud, 1999, 2003).

O *MFQ-Respondent's Affection* (Questionário de Apego do Respondente) (MFQ-RA) (Anexo B) é composto por duas escalas, uma Escala de Satisfação com a Amizade (ESA), de sete itens, e uma Escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA), composta por nove itens. Os itens das escalas consistem em sentenças positivas sobre um amigo determinado ou sobre a amizade com ele (“Eu gosto muito do \_\_\_” - ESPA; “Estou satisfeito com minha amizade com \_\_\_” - ESA). Uma análise fatorial com rotação oblíqua aplicada aos 16 itens do MFQ-RA gerou uma solução de dois fatores (explicando 75,3% da variância). O fator 1 agrupou os sete itens da ESA e um item da ESPA; os sete itens do ESA foram agrupados como uma escala e os outros oito itens do

ESPA foram agrupados como outra escala. A consistência interna foi de 0,93 para a ESPA e de 0,96 para a ESA (*alpha* de Cronbach) (Mendelson & Aboud, 1999, 2003).

O *MFQ-Negative Feelings* (MFQ-NF) – Escala de Sentimentos Negativos com relação ao Amigo (ESNA) (Anexo C) – é composto por 18 itens sobre sentimentos negativos distribuídos em cinco fatores: conflito (quatro itens – “Sinto-me incomodado por \_\_\_”), preocupação (três itens – “Sinto-me preocupado com \_\_\_”), submissão (quatro itens – “inibido por”), desapego (quatro itens – “inseguro com relação a”) e ciúmes (três itens – “Sinto ciúmes de \_\_\_”). A consistência interna para cada fator variou de 0,72 a 0,81; tomados todos os 18 itens, o *alpha* foi de 0,95 (Mendelson, 1995).

Nas instruções dos três questionários é pedido que o indivíduo imagine o nome do amigo no espaço indicado em cada item (p.ex., “Eu gosto muito do (João)”), e responda ao questionário indicando o quão frequentemente o amigo corresponde ao que a sentença afirma. É fornecida uma escala *Likert* de nove pontos, dos quais apenas cinco são ancorados (Mendelson & Aboud, 1999, 2003).

Para a versão em português destes questionários foram utilizados apenas os pontos ancorados. A justificativa para tal fundamenta-se na observação de que: a partir de quatro itens a escala *Likert* não é afetada em sua consistência interna; o número de pontos mais utilizado é entre cinco e sete; e de que quanto mais “leve” a escala (com menos pontos possível), melhor (Pasquali, 1999).

## Procedimentos

A tradução dos questionários foi realizada pelos autores deste trabalho, ambos bilíngües. Esta primeira versão foi apresentada e debatida com estudantes de graduação e de pós-graduação, membros da equipe de pesquisa, com a finalidade de conferir a compreensão da redação dos questionários. Estes alunos possuem familiaridade, em diferentes níveis, com a língua inglesa falada na América do Norte. Posteriormente os questionários foram submetidos à avaliação de um perito em língua portuguesa, levando à alteração da redação de alguns itens das escalas. Em seguida, a versão em língua portuguesa dos questionários foi traduzida novamente para a língua inglesa (*back-translation*) e enviada a Morton Mendelson, autor dos questionários, que aprovou a tradução dos itens. Finalmente, dois psicólogos especialistas em relacionamentos com adultos avaliaram e aprovaram a versão em língua portuguesa das escalas.

Os questionários foram aplicados durante um período de aula, na seguinte ordem: MFQ-FF, MFQ-RA e MFQ-NF. Antecedendo o MFQ-FF, os participantes preencheram questões sócio-demográficas, três questões sobre amizades próximas e a indicação de uma



melhor amizade (Anexo D). A aplicação dos instrumentos, bem como o preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo E) e o recolhimento de todo o material ocorreu por um período aproximado de 40 minutos.

#### Análise dos dados e resultados

Realizou-se uma análise fatorial exploratória utilizando-se os métodos de extração dos componentes principais e de rotação *Oblimin* com normalização *Kaiser*, visto que os fatores dos questionários representam construtos correlacionados. Determinou-se como critério para a determinação dos fatores apenas aqueles que apresentaram *eigenvalue* acima de um (Kaiser, 1960). As análises permitiram o exame dos itens de cada um dos três questionários (MFQ-FF, MFQ-RA e MFQ-NF) com relação à distribuição nos fatores, às cargas fatoriais, ao conteúdo e à consistência interna (*alpha* de Cronbach) da(s) escala(s) que compõe(m) os questionários.

#### MFQ-FF: Questionário das funções da amizade (QFA)

A análise fatorial obteve uma solução de seis fatores, explicando 57,64% da variância. A tabela 1 apresenta a distribuição dos itens nos seis fatores com as respectivas cargas fatoriais, médias, desvios padrão, *eigenvalues*, porcentagem da variância explicada e *alpha* de Cronbach. Foram considerados os itens com cargas acima de 0,40; itens originais com cargas inferiores são apresentados em negrito, e itens com cargas acima de 0,40 que carregaram em fatores não esperados (diferentes do original) encontram-se em itálico, e não foram incluídos nos cálculos efetuados.

Tabela 1

*Matriz fatorial dos itens das escalas do Questionário das Funções da Amizade*

Item	Fator					
	1	2	3	4	5	6
Número/resumo	Seg.Emo.	Intimid.	Al.Conf.	Companh.	Ajuda	Autoval.
30: sentir melhor se chateado	,71					
8: sentir melhor se preocupado	,69					
10: sentir mais calmo	,66					
4: ter por perto	,63					
3: sentir confortável	,55					
2: contar intimidades		,86				
22: conversar sobre intimidades		,79				
7: contar segredos		,75				
5: sabe chateado		<b>,28</b>			,45	
15: sabe incomodado		<b>,21</b>			,54	
11: continuaria amigo			,76			
26: continuaria amigo			,75			
20: continuaria amigo			,69			
9: continuaria amigo			,65			
19: continuaria amigo			,65			
6: idéias divertidas				,71		
29: sair e conversar				,67		
13: faz rir				,58		
17: bom de conversar				,57		

23: boa companhia				,48		
16: empresta coisas					,69	
14: ajuda fazer coisas					,65	
1: ajuda se precisar					,58	
25: ajuda fim algo					,40	,44
28: mostra faz melhor					<b>,21</b>	,42
27: faço bem coisas						,76
21: elogia						,75
24: chama atenção						,71
12: sinto inteligente						,66
18: sinto especial	,42					<b>,39</b>
<i>M</i>	4,2	4,3	4,7	4,4	4,1	4,2
<i>DP</i>	0,67	0,61	0,43	0,50	0,66	0,64
<i>Eigenvalues</i>	9,25	2,18	1,82	1,47	1,40	1,16
% variância explicada	30,84	7,25	6,08	4,90	4,67	3,86
<i>Alpha Cronbach</i>	0,81	0,77	0,79	0,73	0,77	0,81

Como se pode observar na tabela, a análise fatorial apresentou uma estrutura equivalente à original, com seis fatores (fator 1: Segurança Emocional; fator 2: Intimidade; fator 3: Aliança Confiável; fator 4: Companheirismo; fator 5: Ajuda; fator 6: Autovalidação). Ao contrário do estudo de Mendelson e Aboud (1999), a escala de Segurança Emocional (fator 1) não apresentou problemas com seus itens originais. O item 18 (“\_\_\_ faz com que eu me sinta especial.”), que carregou neste fator, não se apresenta adequado, em termos semânticos, a esta escala. Assim, optou-se por agrupá-lo com os demais itens da escala de Autovalidação (fator 6), a qual pertence originalmente. Ainda com respeito ao fator 6, dois itens originários da escala de Ajuda carregaram nele (item 25: “\_\_\_ me ajuda quando estou me esforçando para terminar algo.”; e item 28: “\_\_\_ me mostra como fazer melhor as coisas.”), mas não possuem conteúdo compatível com a

escala de Autovalidação. Além disso, o item 25 carregou também no fator 5, junto aos demais itens da escala de Ajuda, da qual faz parte. Assim, optou-se por manter os itens 25 e 28 junto aos demais itens da escala de Ajuda (fator 5). Provavelmente o que tenha aproximado o item 28 da escala de Autovalidação tenha sido a palavra “melhor”, o que pode ter associado o item a uma idéia de progresso pessoal com a ajuda do amigo, na direção de fortalecer sua auto-estima positiva.

Dois itens da escala de Intimidade (item 5: “\_\_\_ sabe quando estou chateado”; e item 15: “\_\_\_ sabe quando algo me incomoda”) carregaram no fator 5, junto aos itens de Ajuda. Contudo, estes itens não são semanticamente semelhantes aos itens da escala de Ajuda. Dessa forma, optou-se por mantê-los junto aos itens originais da escala de Intimidade.

Assim, em função tanto das cargas fatoriais como da adequação semântica entre itens e escalas, optou-se por manter os itens junto às escalas originais, passando-se ao cálculo da consistência interna das seis escalas. O *alpha* de Cronbach obtido para as escalas variou de 0,73 a 0,81, considerados satisfatórios. O cálculo do *alpha* para os fatores obtidos com todos os itens que carregaram acima de 0,40, sem considerar a adequação do conteúdo dos itens às escalas, não ultrapassaria 0,83, o que também justifica a opção por manter a configuração original das seis escalas.

MFQ-RA: Escalas de Satisfação com a Amizade (ESA) e de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA)

Previamente à descrição da análise da estrutura do MFQ-RA, cabe relatar que muitos participantes apresentaram dificuldade na compreensão do item 8 (“Eu prefiro \_\_\_ à maioria das pessoas que conheço.”), que compõe a Escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA). A partir desta observação, entende-se que este item deva ser acompanhado com maior atenção nas análises que seguem.

Tomando-se conjuntamente os 16 itens do MFQ-RA – que abarca a Escala de Satisfação com a Amizade (ESA) e a Escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA), obteve-se uma solução de três fatores, explicando 59,58 % da variância. A tabela 2 apresenta a distribuição dos itens nos fatores com as respectivas cargas fatoriais, *eigenvalues*, porcentagem da variância explicada e *Alpha* de Cronbach. Foram considerados os itens com cargas acima de 0,40.

Tabela 2

*Matriz fatorial dos 16 itens das escalas do Questionário MFQ-Respondent's Affection*

Item	Fator		
	1	2	3
Número/resumo	Satisf.	S.pos.	S.pos.
5: satisfeito amizade	,94		
1: feliz amizade	,91		
15: contente amizade	,82		
6: amizade boa	,65		
11: satisfação amizade	,57		
4: grande amizade	,55		
10: amizade forte	,40		
13: continuemos amigos		,81	
7: continuar amigos		,79	
16: gosto amigo		,68	
12: feliz amigo		,58	
14: sentiria falta			,67
8: prefiro			,63
2: importo com			,51
9: sentir próximo	,50		<b>,49</b>
3: gosto muito		,43	,45
<i>M</i>	4,7	4,9	4,5
<i>DP</i>	0,46	0,23	0,43
<i>Eigenvalues</i>	6,52	1,67	1,34
% variância explicada	40,77	10,43	8,37
<i>Alpha</i> de Cronbach	0,89	0,80	0,56

S.pos. = sentimentos positivos

A análise fatorial não apoiou uma estrutura com dois fatores, encontrada no trabalho de Mendelson e Aboud (1999; 2003). Três fatores foram extraídos. Ainda assim, todos os itens da Escala de Satisfação com a Amizade (ESA) carregaram no fator 1. Contudo, o item 9 (“Me sinto próximo de \_\_\_\_.”), que se apresentou ambíguo, ou seja, carregou tanto no fator 1, junto aos itens de satisfação com a amizade, como no fator 3, aproxima-se semanticamente do que seria a escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA). Assim, decidiu-se por desconsiderar a carga do item 9 no fator 1. O *alpha* de Cronbach para os sete itens da ESA foi de 0,89, demonstrando boa consistência interna.

Os itens da Escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA) distribuíram-se em dois fatores (fatores 2 e 3). Analisando-se o conteúdo destes itens, observou-se que dois itens do fator 2 – itens 7 (“Quero que continuemos amigos por muito tempo”) e 13 (“Espero que \_\_\_\_ e eu continuemos amigos”) – diferenciam-se dos demais por fazerem referência a uma preocupação com a continuidade da amizade, isto é, com o futuro do relacionamento. Já os outros itens do fator 2 (item 12: “Fico feliz por \_\_\_\_ ser meu amigo”; item 16: “Eu gosto de ter \_\_\_\_ como um amigo”), embora também façam menção à relação entre amigos, aproximam-se mais semanticamente dos itens que carregaram fator 3 por considerarem sentimentos de *gostar* e de *felicidade*. A partir disso, foi realizada uma nova análise fatorial com os itens dos fatores 2 e 3 (originários da ESPA), retirando-se os dois itens que abordam o futuro da relação (itens 7 e 13). A análise apresentou ainda dois fatores, com *alpha* de 0,65, indicando a retirada do item 8 (“Eu prefiro \_\_\_\_ à maioria das pessoas que conheço”) para a obtenção de um *alpha* minimamente satisfatório (0,71). Num cálculo preliminar do *alpha* para todos os nove itens originais da ESPA, este mesmo item 8 quando retirado elevou o coeficiente de fidedignidade da escala de 0,68 para 0,75. Além disso, a observação da dificuldade dos participantes em compreenderem o referido item, como mencionado anteriormente, também colabora para a justificativa da retirada do item da escala. Assim, uma nova análise fatorial com os itens 2, 3, 9, 12, 14 e 16 apresentou um único fator, representando de modo mais adequado a Escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo. As cargas fatoriais, média, desvio-padrão, *eigenvalue*, porcentagem da variância explicada e *alpha* de Cronbach são apresentados na tabela 3. Decidiu-se por esta estrutura em função da pertinência entre itens e fator, bem como da consistência interna obtida, considerada satisfatória.

Tabela 3

*Matriz fatorial da Escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo*

Item	Fator
2	0,65
3	0,76
9	0,55
12	0,74
14	0,63
16	0,74
<i>M</i>	4,7
<i>DP</i>	0,33
<i>Eigenvalue</i>	2,83
% variância explicada	47,28
<i>Alpha</i> de Cronbach	0,71

MFQ-NF: Escala de Sentimentos Negativos com relação ao Amigo (ESNA)

A análise fatorial obteve uma estrutura de cinco fatores, equivalente à obtida para o instrumento original (Mendelson, 1995) (fator 1: conflito; fator 2: preocupação; fator 3: ciúme; fator 4: desapego; e fator 5: submissão), explicando 58,88% da variância. A tabela 4 apresenta a distribuição dos itens nos fatores com as respectivas cargas fatoriais, *eigenvalues*, porcentagem da variância explicada e *Alpha* de Cronbach. Foram consideradas as cargas acima de 0,40. São destacadas, em negrito, as cargas de itens que apresentaram valor abaixo do mínimo estipulado em seus fatores originais.

Tabela 4

*Matriz fatorial do Questionário de Sentimentos Negativos*

Item	Fator				
	1	2	3	4	5
Número/resumo	Conflito	Preocup.	Ciúme	Desapego	Submiss.
12: discutir com	,76				
5: desacordo	,75				
10: ofendido	,49				
3: incomodado	<b>,39</b>				
15: preocupado		,75			
17: responsável		,75			
16: com pena		,54			
7: com inveja			,86		
8: inferior			,84		
11: com ciúmes		,40	<b>,37</b>		
1: distante				,87	
2: ambivalente				,73	
6: insatisfeito	,52			<b>,29</b>	
14: inseguro				<b>,28</b>	,40
4: controlado					,77
13: sufocado					,65
18: dependente		,43			<b>,61</b>
9: inibido			,44		<b>,39</b>



<i>M</i>	1,8	2,1	1,5	1,9	1,3
<i>DP</i>	0,60	0,78	0,59	0,60	0,59
<i>Eigenvalues</i>	5,25	1,72	1,42	1,18	1,02
% variância explicada	29,18	9,58	7,90	6,53	5,68
<i>Alpha</i> de Cronbach	0,76	0,60	0,55	0,66	0,66

Como se pode observar na tabela 3, o item 11 (“Sinto ciúmes de \_\_\_”) carregou no fator 2, junto aos itens sobre sentimentos de preocupação. Todavia, este item não possui conteúdo semântico similar aos itens do fator. O item 9 (“Sinto-me inibido por \_\_\_”), da mesma forma, carregou no fator 3 (itens sobre ciúmes), mas se aproxima semanticamente do fator 5, junto aos itens que representam sentimentos de submissão. Já quanto ao item 3 (“Sinto-me incomodado por \_\_\_”) carregou no fator original junto aos itens de sentimentos de conflito, com carga apropriada ao fator.

O item 6 (“Sinto-me insatisfeito com \_\_\_”), originalmente apresenta-se junto aos itens sobre o sentimento de desapego (item 1: “Sinto-me distante de \_\_\_”; item 2: “ambivalente”; e item 14: “inseguro”). Contudo, na análise efetuada o referido item carregou no fator 1 junto aos itens de sentimentos de conflito (“incomodado”, “em desacordo”, “ofendido” e “com vontade de discutir”). Possivelmente o item 6 foi associado a estes itens visto que estes despertam mais o sentimento negativo de insatisfação do que os demais itens de desapego, que possuem conteúdo mais associado a um distanciamento, ou uma incerteza com relação ao que a pessoa sente pelo amigo. Nesta mesma direção, o item 14 (“inseguro”), que carregou no fator 5 com os itens de sentimentos de submissão (“controlado”, “inibido”, “sufocado” e “dependente”), não possui conteúdo compatível com estes itens, que assinalam marcadamente sentimentos de controle e dependência, e portanto será mantido no fator 4 (desapego).

A análise da consistência interna de cada um dos fatores, conforme a distribuição proposta para os itens (com o item 6 incluído no fator 1, junto aos demais itens sobre conflito), revelou índices baixos de fidedignidade (*alpha*'s entre 0,55 e 0,76). O *alpha* também seria baixo caso fosse mantida a configuração original dos fatores segundo o estudo de Mendelson (1995) (entre 0,56 e 0,72), isto é, com o item 6 no fator 4 (sentimentos de desapego). Além disso, são poucos itens em cada fator (apenas três ou quatro itens). No entanto, a escala apresenta boa consistência interna quando analisada na totalidade de seus itens (*alpha* de 0,84). Assim, entende-se que os 18 itens da Escala de

Sentimentos Negativos podem ser considerados em conjunto para avaliar os sentimentos negativos associados ao amigo.

## Discussão

O objetivo deste estudo foi adaptar e validar (validade de construto) as escalas que compõem os Questionários McGill de Amizade, e que avaliam a percepção das funções que um amigo preenche, os sentimentos positivos e sentimentos negativos associados ao amigo, e a satisfação com a amizade. Não há instrumentos para a avaliação da percepção da amizade em adultos no Brasil. Apenas três estudos sobre amizade na adultez foram localizados através dos bancos de dados disponíveis. Estes trabalhos utilizaram fundamentalmente entrevistas, com objetivos e métodos bem distintos. Ainda assim, características da amizade como abertura, confiança, companheirismo, intimidade, apoio emocional e ajuda destacaram-se nos dados destes trabalhos (Erbolato, 2001; Kipper, 2003; Rezende, 2002), o que vai ao encontro da literatura empírica na investigação da qualidade da amizade (Asher, Parker & Walker, 1996; Blieszner & Adams, 1992; Bukowski, Hoza & Boivin, 1994; Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996; Fehr, 1996; Furman, 1996; Mendelson & Aboud, 1999, 2003).

As análises mostraram estruturas fatoriais equivalentes para as seis escalas do Questionário das Funções da Amizade (QFA), para a Escala de Satisfação com a Amizade (ESA) e para o Questionário de Sentimentos Negativos com relação ao Amigo (ESNA), consideradas as cargas fatoriais e a adequação dos itens nas escalas, bem como a consistência interna das mesmas. A Escala dos Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA), no entanto, avaliará melhor os sentimentos positivos com a retirada de três itens que não são semanticamente semelhantes aos demais. Assim, embora Mendelson e Aboud (1999; 2003) tenham tratado a ESPA como unifatorial com seus nove itens, no presente trabalho apenas seis representaram adequadamente a dimensão de sentimentos positivos pelo amigo, apresentando uma estrutura mais sólida.

A amizade é um construto multifacetado, e não há uma definição consensual na literatura (Blieszner & Adams, 1992). Segundo Fehr (1996), há tantas definições de amizade quantos pesquisadores investigando-a. No entanto, é possível identificar aspectos fundamentais nas amizades. O companheirismo, a ajuda e a intimidade são características da amizade, tomadas por Mendelson e Aboud (1999; 2003) como funções, reconhecidas e discutidas desde a Antigüidade, por exemplo, na classificação de Aristóteles (amizades utilitárias, prazerosas e verdadeiras). Ao longo do ciclo vital, estas funções, bem como

outras (confiança, abertura, autovalidação), se apresentam nas relações entre amigos, variando em importância conforme a etapa de desenvolvimento (Rawlins, 1992).

Na atualidade, com o crescente nível de estresse e competição vivido no ambiente de trabalho, o tempo dedicado a relacionamentos sociais vem sofrendo uma diminuição significativa. Afora isso, na adultez, as amizades já recebem menos investimento, visto que se tornam menos relevantes na comparação com relacionamentos conjugais e familiares (Carbery & Buhrmester, 1998). Contudo, boas amizades são promotoras de saúde no momento em que facilitam a tolerância a medos e ansiedades, ajudam a suportar situações estressantes, e proporcionam um forte senso de identificação e de exclusividade através das experiências compartilhadas (Bell, 1981). Amizades são relacionamentos que trazem felicidade e satisfação de vida (Argyle, 2001) e, portanto, merecem atenção com o estudo de seus processos e dimensões, como na investigação da percepção da qualidade através das suas funções, satisfação e sentimentos relacionados.

O presente estudo pode ser complementado com investigações posteriores que exponham as escalas dos Questionários McGill a outras condições de testagem. Primeiramente, poder-se-ia contar com uma amostra de pessoas com problemas de relacionamento ou “solitárias”, ou seja, que admitam não possuir amizades e que sintam que esta falta lhes causa desconforto psicológico. Num segundo momento, também seria possível conduzir um estudo com pessoas que relatassem ter muitos amigos, ou mesmo, pessoas consideradas extrovertidas e sociáveis, segundo resultados de testes de personalidade. Nesta direção, poder-se-ia correlacionar as escalas de extroversão e de neuroticismo do Modelo dos Cinco Grandes Fatores com os Questionários McGill. Em terceiro lugar, uma comparação com instrumentos de satisfação de vida e de bem-estar subjetivo forneceria novos *insights* sobre estas questões bem como sobre o impacto dos relacionamentos de amizade em adultos brasileiros. Estes estudos podem contribuir tanto para o acompanhamento da performance dos instrumentos aqui analisados como para a produção científica em relacionamentos de amizade no Brasil.

#### Referências

- Aboud, F. E., & Mendelson, M. J. (1996). Determinants of friendship selection and quality: Developmental perspectives. Em W. Bukowski, A. Newcomb, & W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 87-112). Cambridge: Cambridge University Press.

- Argyle, M. (2001). *The psychology of happiness* (2<sup>a</sup> ed.). Hove/New York: Routledge/Taylor & Francis.
- Argyle, M., & Henderson, M. (1985). The rules of relationships. Em S. Duck, & D. Perlman (Orgs.), *Understanding personal relationships: An interdisciplinary approach* (pp. 63-84). London: Sage.
- Aristóteles (2004). *Ética a Nicômaco* (P. Nasseti, Trad.). São Paulo: Martin Claret. Original do séc. IV a.C.
- Asher, S. R., Parker, J.G., & Walker, D. L. (1996). Distinguishing friendship from acceptance: Implications for intervention and assessment. Em W. Bukowski, A. Newcomb, & W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 366-405). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bell, R. (1981). *Worlds of friendship*. Beverly Hills: Sage.
- Berndt, T. J. (1996). Exploring the effects of friendship quality on social development. Em W. Bukowski, A. Newcomb, & W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 346-365). Cambridge: Cambridge University Press.
- Blieszner, R. & Adams, R. G. (1992). *Adult friendship*. London: Sage.
- Buhrmester, D. (1990). Intimacy of friendship, interpersonal competence, and adjustment during preadolescence and adolescence. *Child Development*, 61, 1101-1111.
- Bukowski, W., Hoza, B., & Boivin, M. (1994). Measuring friendship quality during pre- and early adolescence: The development and psychometric properties of the friendship qualities scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 471-484.
- Bukowski, W., Newcomb, A., & Hartup, W. (1996). Friendship and its significance in childhood and adolescence: Introduction and comment. Em W. Bukowski, A. Newcomb, & W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 1-15). Cambridge: Cambridge University Press.
- Carbery, J., & Buhrmester, D. (1998). Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(3), 393-409.
- Cole, T., & Bradac, J. J. (1996). A lay theory of relational satisfaction with best friends. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13(1), 57-83.
- Duck, S., & Perlman, D. (1985). The thousand islands of personal relationships: A prescriptive analysis for future explorations. Em S. Duck, & D. Perlman (Orgs.), *Understanding personal relationships: An interdisciplinary approach* (pp. 1-15). London: Sage.

- Erbolato, R. M. P. L. (2001). *Contatos sociais: Relações de amizade em três momentos da vida adulta*. Tese de Doutorado não-publicada, Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia e de Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo.
- Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: Sage.
- Furman, W. (1996). The measurement of friendship perceptions: Conceptual and methodological issues. Em W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 41-65). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Jones, D. C. (1991). Friendship satisfaction and gender: An examination of sex differences in contributors to friendship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 8, 167-185.
- Kaiser, H. F. (1960). The application of electronic computers to factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 20, 141-151.
- Kipper, A. (2003). *Sobre a amizade: Relações de trabalho e bem-estar subjetivo*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Koh, Y-J, Mendelson, M. J., & Rhee, U. (2003). Friendship satisfaction in Korean and Canadian university students. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 35(2), 239-253.
- Maeda, E., & Ritchie, L. D. (2003). The concept of *shinyuu* in Japan: A replication of and comparison to Cole and Bradac's study on U.S. friendship. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(5), 579-598.
- Mendelson, M. J. (1995). [MFQ-Negative Feelings: Factor analyses]. Dados não-publicados.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires (short report). *Canadian Journal of Behavioural Science*, 31(2), 130-132.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (2003). *Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires*. Manuscrito não-publicado. McGill University, Montreal, Canada.
- Monsour, M. (1992). Meanings of intimacy in cross- and same-sex friendships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 277-295.

- Parks, M. R., & Floyd, K. (1996). Meanings for closeness and intimacy in friendship. *Journal of Social and Personal Relationships, 13*(1), 85-107.
- Rawlins, W. K. (1992). *Friendship matters: Communication, dialectics, and the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Rezende, C. (2002). *Os significados da amizade: Duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Pasquali, L. (Org.) (1999). *Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM/IBAPP.
- Wright, P. (1988). Interpreting research on gender differences in friendship: A case for moderation and a plea for caution. *Journal of Social and Personal Relationships, 5*, 367-373.

## Estudo 2

### Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade

O objetivo deste trabalho foi de investigar a percepção da qualidade de relacionamentos de amizade em homens e mulheres. Mais especificamente investigou-se como homens e mulheres percebem uma amizade de mesmo sexo e de sexo oposto quanto a funções da amizade, satisfação com o relacionamento, e sentimentos positivos e negativos direcionados ao amigo.

A amizade, na infância, caracteriza-se fundamentalmente por afeto, divertimento e reciprocidades, isto é, mútua consideração, cooperação, manejo eficaz de conflito, benefícios equivalentes em trocas sociais positivas, e gostar um do outro. Nas amizades de crianças mais velhas e adolescentes surgem aspectos como lealdade, confiança, intimidade, interesses em comum, comprometimento, competição e conflitos (Bukowski, Newcomb & Hartup, 1996; Hartup, 1989). Enquanto as meninas tendem a estabelecer relações diádicas e recíprocas com suas amigas, os meninos formam grupos mais amplos e com maior abertura para novos integrantes (Hägglund, 1999).

Na adultez as amizades são bastante homogêneas em vários aspectos, como traços de personalidade, interesses, sexo, idade, estado civil, religião, status ocupacional, etnia, renda, escolaridade, número de amigos, duração da amizade e tipos de amizade (Bell, 1981; Blieszner & Adams, 1992; Fehr, 1996). Evidências apontam que as amizades entre mulheres são de melhor qualidade, mais íntimas, próximas e divertidas, envolvem maior satisfação, e são do tipo face-a-face (isto é, com ênfase em trocas afetivas), ao passo que amizades masculinas são do tipo lado-a-lado (ou seja, calcadas na realização de atividades em conjunto), mais instrumentais, valorizando o tempo investido na amizade (Carbery & Buhrmester, 1998; Jones, 1991; Wright, 1988; Wright & Scanlon, 1991). Contudo, estes resultados não são consensuais nas pesquisas. Para Wright, as diferenças de gênero encontradas na literatura empírica sobre amizade são supervalorizadas, ofuscando semelhanças entre amizades femininas e masculinas.

Monsour (1992) investigou a intimidade em amizades de mesmo sexo e de sexo oposto (bons amigos que não fossem familiares ou parceiros românticos/ sexuais) em 164 universitários. Comparando quatro grupos de amizades (amizades de homens com homens, de mulheres com mulheres, de mulheres com homens, e de homens com mulheres), Monsour observou mais semelhanças do que diferenças nos significados atribuídos à intimidade em uma boa amizade. Os três aspectos mais citados em todos os grupos foram

abertura (revelar ou compartilhar experiências próprias), expressividade emocional (proximidade emocional, afeição, cuidado, compaixão, dar e receber apoio) e contato físico não-sexual (abraços e beijos nas bochechas). A abertura foi a característica mais citada nos quatro grupos, embora nas amizades entre mulheres foi mencionada com significativamente mais frequência, na mesma direção de estudos anteriores (Carbery & Buhrmester, 1998; Jones, 1991; Wright, 1988; Wright & Scanlon, 1991). Também foi possível constatar que atividades compartilhadas não foi o aspecto mais importante nas amizades entre homens, como a literatura vinha indicando, e nem sequer considerada na intimidade de amizades do grupo de homens e suas amigas.

Partindo do estudo de Monsour (1992), Parks e Floyd (1996) investigaram o significado de proximidade (*closeness*) nas amizades de mesmo sexo e de sexo oposto em 270 universitários, com o objetivo de diferenciá-la de intimidade (*intimacy*). Os aspectos mais citados por todos os participantes foram abertura (revelar sobre si mesmo, ou conversar sobre qualquer outro assunto), ajuda e apoio (emocional e instrumental), interesses compartilhados e expressividade relacional (expressão verbal ou não-verbal sobre a proximidade do relacionamento). Outros aspectos foram mencionados, como trocas afetivas, confiança, frequência de interação, duração do relacionamento, aceitação, respeito e contato físico não-sexual. Além disso, contato sexual não foi mencionado pelos participantes do estudo, ao contrário dos dados de Monsour. Na visão de Parks e Floyd, estes achados, analisados em conjunto, indicam que proximidade é um aspecto mais abrangente do que intimidade. À semelhança do estudo de Monsour, a abertura foi citada com destaque nos quatro grupos (mulheres e amigas, mulheres e amigos, homens e amigos e homens e amigas). Ainda assim, as participantes mulheres citaram mais abertura e expressão relacional na comparação com homens, e ajuda e apoio foram citados mais por homens nas suas amizades com amigos do que com amigas – resultados que apóiam estudos anteriores com amizades de mesmo sexo (Carbery & Buhrmester, 1998; Jones, 1991; Wright, 1988; Wright & Scanlon, 1991).

Na avaliação de Mousour (2002), as amizades entre mulheres e homens (sem envolvimento romântico) têm sido marginalizadas e consideradas relacionamentos de segunda categoria no âmbito da pesquisa e da publicação em amizade. Segundo Bell (1981), por exemplo, amizades de mesmo sexo previnem contra a possibilidade de romance, o que, na visão do autor, alteraria profundamente a amizade. Contudo, a amizade entre homens e mulheres é uma realidade bastante presente na atualidade. Para Monsour, o estudo das amizades entre homens e mulheres vem adquirindo crescente importância em função de vários fatores. Tais fatores incluem o surgimento da AIDS, a grande incidência



de casos de gravidez na adolescência, o aumento da proporção de mulheres no mercado de trabalho, a expansão das amizades virtuais (pela Internet), e o crescimento do número de idosos que vivem sozinhos. Amizades entre pessoas de sexo oposto têm se tornado cada vez mais comuns, deixando de ser consideradas anormais ou idênticas a amizades de mesmo sexo. A amizade entre um homem e uma mulher é um relacionamento com características próprias, que merece, portanto, maior atenção e investigação. Neste sentido, considera-se relevante investigar as amizades entre pessoas de sexo oposto.

Tanto no trabalho de Monsour (1992) como no de Parks e Floyd (1996), e de outros, são analisados um melhor amigo, amigo próximo ou bom amigo. Segundo a literatura, a diferença entre estas amizades e amigos em geral é mais quantitativa do que qualitativa, ou seja, com melhores amigos há mais intimidade, confiança, trocas, lealdade, do que entre outros amigos (Fehr, 1996). No entanto, pode-se considerar que o relacionamento com um melhor amigo é de melhor qualidade na comparação com outras amizades, visto que melhores amizades proporcionam uma espécie de proteção, facilitando a tolerância a medos e ansiedades, ajudando a suportar situações estressantes, bem como um forte senso de identificação e de exclusividade através das experiências compartilhadas (Bell, 1981).

Mendelson (1995; Mendelson & Aboud, 1999; 2003) desenvolveu escalas para avaliar a percepção da qualidade da amizade, que compõem os Questionários McGill de Amizade. Quatro dimensões do relacionamento entre amigos são abordadas nos instrumentos: funções da amizade que um amigo preenche (ajuda, aliança confiável, companheirismo estimulante, intimidade, autovalidação e segurança emocional), satisfação com a amizade, e sentimentos positivos e negativos com relação ao amigo. Companheirismo estimulante (*stimulating companionship*) diz respeito ao engajamento conjunto em atividades agradáveis, divertidas e excitantes. Ajuda (*help*) abrange fornecer orientação, auxílio, informação, aconselhamento e outras formas concretas de ajuda para alcançar objetivos. Intimidade (*intimacy*) envolve a sensibilidade aos estados e necessidades do outro e abertura a expressões honestas sobre pensamentos, sentimentos e informações pessoais sobre si. A função de Aliança confiável (*reliable alliance*) requer manter-se disponível e leal. Autovalidação (*self-validation*) significa encorajar, escutar, tranquilizar, e ajudar a manter a auto-imagem de uma pessoa competente e digna. Já Segurança emocional (*emotional security*) relaciona-se a fornecer consolo e confiança ao amigo em situações novas ou ameaçadoras.

Em um primeiro estudo, Mendelson e Aboud (1999; 2003) investigaram a percepção da qualidade da amizade em 227 universitários canadenses sobre o melhor

amigo de mesmo sexo, focalizando as funções, a satisfação e os sentimentos positivos. Observou-se que entre as mulheres o nível de satisfação com a amizade e de sentimentos positivos foi maior, assim como a avaliação da amiga em todas as funções da amizade, na comparação com os participantes do sexo masculino. Mendelson e Kay (2003) também encontraram resultados que indicam que homens e mulheres eliciam respostas diferentes em um amigo ou amiga. Dentre outros achados, os autores observaram que melhores amigas preenchem mais as funções da amizade na percepção de participantes do sexo feminino do que de participantes do sexo oposto. Contudo, no referido estudo não se pôde afirmar se a diferença observada foi entre homens e mulheres ou entre amizades de mesmo sexo e de sexo oposto, visto que não foi possível analisar as amizades de homens e amigos de mesmo sexo. Já Koh, Mendelson e Rhee (2003) compararam as amizades de mesmo sexo de universitários canadenses e coreanos quanto às funções da amizade, sentimentos positivos e negativos, dentre outros aspectos. Apesar de os autores terem avaliado quatro das seis funções da amizade do modelo de Mendelson, observaram que as canadenses atribuíram mais sentimentos positivos à melhor amiga e perceberam-na preencher mais as funções da amizade do que os participantes coreanos e canadenses do sexo masculino. Nenhuma interação significativa foi observada quanto a sentimentos negativos, sendo este o único estudo publicado que utilizou a escala de sentimentos negativos com relação ao amigo.

No Brasil, as pesquisas em amizade têm priorizado o estudo com crianças e adolescentes (Antoniuzzi, Hutz, Lisboa, Xavier, Eickhoff & Bredemeier, 2001; Daudt, 1997; Lisboa & Koller, 2003; Piotto & Rubiano, 1999; Rohde, Ferreira, Zomer, Forster & Zimmermann, 1998; Tortella, 2005). Quanto à amizade em adultos, três estudos empíricos foram localizados nas bases de dados disponíveis. Na investigação de Erbolato (2001), a amizade foi associada à satisfação de necessidades emocionais, troca de recursos e de comunicação, “estar presente”, semelhanças, e facilidade de interação com o mundo. A maioria das amizades apontadas foi de mesmo sexo; contudo, os homens indicaram mais amizades de sexo oposto do que as mulheres. Erbolato também observou que, nos participantes mais jovens da amostra (25-35 anos), as mulheres destacaram segurança (ajudar ou estar presente quando necessário) como a principal qualidade da melhor amizade, ao passo que os homens ressaltaram que o amigo “auxilia na integração da personalidade” (p. 228). Kipper (2003) estudou as relações de amizade no local de trabalho, definida em termos de companheirismo, admiração e orientação, e diferenciando “colegas-amigos” (auxiliam a suportar o ritmo de trabalho e a manter um ambiente bem-humorado) e “colegas-colegas”, que não se tornam amigos em virtude da competitividade

e falta de tempo próprias do ambiente de trabalho. Já Rezende (2002) observou que a amizade, enquanto um relacionamento social, envolve companhia agradável, sociabilidade, beijos, abraços e afagos; a amizade entre “amigos mesmo” (melhores amigos) abrange estilo de vida e valores semelhantes, intimidade (troca de confidências e experiências), revelação e abertura, confiança (sinceridade, apoio mútuo), constante diálogo e, conseqüentemente, um investimento considerável de tempo para o surgimento e desenvolvimento destes aspectos. É possível identificar, nestes três estudos com dados brasileiros, características da amizade discutidas na literatura internacional, como trocas afetivas, ajuda, companheirismo, divertimento e intimidade.

Especificamente quanto à questão do gênero nas amizades, Rezende (2002) observou que nas amizades de jovens de 20 a 30 anos a atração sexual era um risco presente. Todavia, os participantes do sexo masculino manifestaram que as mulheres têm mais facilidade em “se abrir” do que os homens, os quais mantêm assuntos mais superficiais nas conversas com amigos. Já os participantes mais velhos (45-55 anos) afirmaram que amizades entre homens e mulheres proporcionam, na visão das mulheres, discussões mais profundas sobre assuntos pessoais, “uma perspectiva diferente, masculina” (p. 120) e, na visão dos homens, uma abertura para expor os sentimentos, abraçar, e conversar sobre temas não aceitos nas conversas entre homens.

Como visto, é importante considerar, no estudo de diferenças de gênero nas relações de amizade, tanto o sexo do participante da pesquisa como do amigo a quem ele se refere. Neste sentido, o presente estudo se propôs a investigar como homens e mulheres percebem a amizade com um melhor amigo de mesmo sexo e de sexo oposto, utilizando-se as escalas de Mendelson (1995; Mendelson & Aboud, 1999; 2003) que compõem os Questionários McGill de Amizade. Foram investigadas as diferenças quanto ao sexo do participante, quanto ao sexo da amizade e quanto à interação entre sexo do participante e da amizade, na percepção das funções da amizade, satisfação com a amizade e sentimentos positivos e negativos com relação ao amigo.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 541 universitários, 335 mulheres (62%) ( $M = 22,87$  anos,  $DP = 6,15$ ); e 206 homens (38%) ( $M = 23,39$  anos,  $DP = 6,79$ ), de diferentes cursos, dentre os quais, psicologia, administração, odontologia, enfermagem, comunicação social, engenharia, biologia, filosofia, pedagogia, nutrição, letras e estatística. A faixa etária

variou de 18 a 58 anos (90% entre 18 e 30 anos). Quanto ao estado civil, observou-se, na amostra feminina: 45,7% de solteiras; 43% de moças com namorado ou noivo; 9,6% de casadas ou envolvidas em união estável; e 1,8% de separadas, divorciadas ou viúvas. Na amostra masculina, o estado civil distribuiu-se da seguinte forma: 64,6% de solteiros; 24,3% de rapazes com namoradas ou noivas; 10,2% de casados ou em união estável; e 1% de separados, divorciados ou viúvos. Do total de participantes, 93% eram estudantes de cursos variados de uma instituição pública e 7% de uma instituição privada de ensino superior, ambas situadas em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A amostragem foi obtida por conveniência, o que justifica a inclusão de estudantes da universidade privada à medida que era necessário completar a amostra.

### Instrumentos

Foram utilizadas nove escalas que compõem os Questionários McGill de Amizade (Mendelson, 1995; Mendelson & Aboud, 1999; 2003). O Questionário das Funções da Amizade (QFA) é composto por seis escalas de cinco itens cada uma, avaliando as funções da amizade que o participante percebe que seu amigo preenche: ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo, intimidade e segurança emocional. O Questionário do Apego do Respondente é formado pela Escala de Satisfação com a Amizade (ESA) e pela Escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA), com sete e seis itens, respectivamente; a primeira avalia o nível de satisfação com o relacionamento com o amigo e a segunda diz respeito aos sentimentos positivos vivenciados em relação a ele. O Questionário de Sentimentos Negativos é composto pela Escala de Sentimentos Negativos com relação ao Amigo (ESNA), que aborda, através de seus 18 itens, os sentimentos negativos que o participante percebe em relação ao amigo. Todos os instrumentos apresentam uma escala *Likert* de cinco pontos para o participante apontar, em cada item, como percebe o amigo e como se sente com relação a ele. Calcula-se a média dos pontos para cada escala, obtendo-se o escore do participante com relação ao aspecto estudado (p.ex., intimidade, sentimentos positivos). As escalas foram adaptadas e validadas (validade de construto) em outra oportunidade, apresentando-se adequadas para utilização com participantes brasileiros (Souza & Hutz, 2006). Os participantes preencheram, ainda, questões sócio-demográficas e três questões sobre amizades próximas, não relevantes para este estudo. Um termo de consentimento livre e esclarecido foi elaborado para garantir sigilo, voluntariado e liberdade de participação na pesquisa.

### Procedimento

Os participantes responderam os questionários durante um período de aula, na universidade. Quarenta minutos foram necessários para apresentar o objetivo da pesquisa, distribuir questionários e termo de consentimento livre e esclarecido, os mesmos serem preenchidos e recolhidos. Solicitou-se aos estudantes que respondessem às escalas referindo-se a um melhor amigo. Não fizeram parte da amostra os participantes que indicaram um familiar, parente ou parceiro romântico. Os questionários foram aplicados na seguinte ordem: 1) questionário sócio-demográfico com três questões sobre amizades próximas, 2) funções da amizade, 3) satisfação com a amizade e sentimentos positivos, e 4) sentimentos negativos.

## Resultados

Das 335 mulheres participantes do estudo, 296 (88,4%) indicaram uma melhor amizade de mesmo sexo, e 39 (11,6%) indicaram um homem. Dos 206 homens, 165 (80,1%) apontaram outro homem como sua melhor amizade, ao passo que 41 (19,9%) indicaram uma mulher. A maioria das amizades dos participantes é de mesmo sexo. Contudo, como se pode notar, as mulheres foram mais apontadas como melhor amizade do que os homens (teste para diferenças entre proporções;  $p < 0,05$ ).

Foi realizada uma ANOVA 2 x 2 (sexo do participante X sexo da amizade). Os resultados mostraram que as mulheres apresentaram médias superiores em cinco das seis funções da amizade: ajuda ( $F_{(1,537)} = 5,94$ ;  $p < 0,05$ ), intimidade ( $F_{(1,537)} = 5,23$ ;  $p < 0,05$ ), companheirismo ( $F_{(1,537)} = 4,22$ ;  $p < 0,05$ ), segurança emocional ( $F_{(1,537)} = 29,89$ ;  $p < 0,01$ ) e autovalidação ( $F_{(1,537)} = 9,33$ ;  $p < 0,01$ ); e nos sentimentos positivos com relação ao amigo ( $F_{(1,537)} = 6,15$ ;  $p < 0,05$ ). As diferenças de médias entre mulheres e homens para a função de aliança confiável, a satisfação com a amizade e os sentimentos negativos com relação ao amigo não foram significativas. A tabela 1 apresenta as médias de mulheres e de homens na percepção das funções da amizade, na satisfação com a amizade e nos sentimentos positivos e negativos com relação ao amigo, com a indicação das diferenças significativas.

Tabela 1

*Diferenças de gênero na percepção das funções da amizade, satisfação e sentimentos com relação ao amigo*

	Mulheres (n = 335) <i>M</i> (DP)	Homens (n = 206) <i>M</i> (DP)	p <
Ajuda	4,19 (0,64)	3,96 (0,67)	0,05
Aliança confiável	4,74 (0,41)	4,67 (0,47)	N.S.
Autovalidação	4,36 (0,58)	4,02 (0,74)	0,01
Companheirismo	4,54 (0,44)	4,37 (0,54)	0,05
Intimidade	4,44 (0,58)	4,17 (0,64)	0,05
Segurança emocional	4,40 (0,54)	3,89 (0,75)	0,01
Satisfação	4,72 (0,48)	4,69 (0,44)	N.S.
Sentimentos positivos	4,81 (0,28)	4,67 (0,39)	0,05
Sentimentos negativos	1,76 (0,41)	1,78 (0,45)	N.S.

N.S. = diferença não-significativa

Nas análises das variáveis levando-se em consideração apenas o sexo da amizade encontrou-se uma diferença significativa. As amigas de sexo feminino (n = 337) apresentaram média superior na função de autovalidação ( $M = 4,35$ ,  $DP = 0,57$ ) na comparação com as amigas de sexo masculino (n = 204) ( $M = 4,03$ ,  $DP = 0,76$ ) ( $F_{(1,537)} = 5,22$ ;  $p < 0,023$ ), ou seja, as amigas mulheres foram mais percebidas como provedoras da função de autovalidação do que os amigos homens.

Os resultados mostraram uma interação significativa em três das nove variáveis investigadas: as funções de autovalidação ( $F_{(1,537)} = 8,58$ ;  $p < 0,01$ ) e de segurança

emocional ( $F_{(1,537)} = 4,62$ ;  $p < 0,05$ ), e a satisfação com a amizade ( $F_{(1,537)} = 6,45$ ;  $p < 0,05$ ). As demais funções (ajuda, intimidade, companheirismo e aliança confiável) e os sentimentos positivos e negativos não foram afetados pela interação sexo do participante e sexo do amigo. A tabela 2 apresenta as médias das funções do melhor amigo, satisfação com a amizade e sentimentos positivos e negativos associados ao amigo, para os dois fatores: sexo do participante e sexo da melhor amizade.

Tabela 2

*Médias e desvios-padrão das funções da amizade, satisfação e sentimentos associados ao amigo, segundo o sexo do participante e da amizade*

Sexo da amizade	Sexo do participante			
	Feminino		Masculino	
	Feminino n = 296	Masculino n = 39	Feminino n = 41	Masculino n = 165
	<i>M</i> (DP)	<i>M</i> (DP)	<i>M</i> (DP)	<i>M</i> (DP)
Ajuda	4,21 (0,65)	4,12 (0,66)	3,98 (0,73)	3,96 (0,66)
Aliança confiável	4,75 (0,41)	4,68 (0,45)	4,72 (0,51)	4,66 (0,46)
Autovalidação	4,36 (0,58)	4,41 (0,64)	4,35 (0,53)	3,94 (0,77)
Companheirismo	4,55 (0,44)	4,49 (0,47)	4,45 (0,60)	4,35 (0,53)
Intimidade	4,48 (0,56)	4,21 (0,74)	4,19 (0,72)	4,17 (0,63)
Segurança emocional	4,40 (0,55)	4,41 (0,51)	4,14 (0,72)	3,83 (0,75)
Satisfação	4,74 (0,44)	4,56 (0,74)	4,60 (0,60)	4,72 (0,40)
Sentimentos positivos	4,82 (0,27)	4,78 (0,38)	4,75 (0,30)	4,65 (0,41)
Sentimentos negativos	1,76 (0,41)	1,79 (0,44)	1,91 (0,59)	1,76 (0,41)

Em virtude das três interações significativas encontradas, foram realizadas análises para investigar diferenças entre sexo do participante e sexo da amizade com relação às funções de segurança emocional e de autovalidação, e à satisfação com a amizade. Testes *t* para amostras independentes foram efetuados na amostra de participantes homens e suas amizades, e na amostra de participantes mulheres e suas amizades. Foram encontradas diferenças significativas para as funções de autovalidação e de segurança emocional na amostra masculina. Assim, os participantes homens percebem suas amigas mulheres como mais provedoras de segurança emocional e de autovalidação do que amigos homens ( $t = 2,40$ ;  $gl = 204$ ;  $p < 0,05$ ; e  $t = 3,22$ ;  $gl = 204$ ;  $p < 0,01$ , respectivamente). Na amostra feminina, observou-se que as amigas mulheres trazem mais satisfação para o relacionamento de amizade do que os amigos homens ( $t = 2,12$ ;  $gl = 333$ ;  $p < 0,05$ ).

## Discussão

Em concordância tanto com estudos brasileiros como estrangeiros (Erbolato, 2001; Monsour, 2002) o número de amizades de mesmo sexo indicadas é superior tanto nas mulheres como nos homens. Além disso, as mulheres são mais citadas dentre as amizades de sexo oposto, também na mesma direção dos resultados de Erbolato, bem como de Carbery e Buhrmester (1998).

As diferenças encontradas para as amizades de mulheres e de homens, sem considerar o sexo da amizade, vão ao encontro dos estudos disponíveis na literatura. As mulheres percebem suas amizades, com amigas ou amigos, como mais provedoras das funções da amizade, e, no caso do presente estudo, cinco das seis funções (ajuda, intimidade, companheirismo, segurança emocional e autovalidação). Também as mulheres atribuíram mais sentimentos positivos a suas amizades do que os homens. Estes resultados vão na mesma direção de trabalhos que discutiram a qualidade da amizade a partir dos Questionários McGill de Amizade (Koh, Mendelson & Rhee, 2003; Mendelson & Aboud, 1999, 2003), e semelhantes a outras investigações que analisaram diferenças de sexo nas amizades (Carbery & Buhrmester, 1998; Jones, 1991; Wright, 1988; Wright & Scanlon, 1991). Cabe notar que, nestes estudos, foram investigadas amizades de mesmo sexo. No presente trabalho, os resultados encontrados foram semelhantes para a maioria das funções da amizade e para sentimentos positivos a despeito do sexo da amizade.

Quanto à satisfação com a amizade, as mulheres se destacaram dos homens com relação à satisfação com amizades de mesmo sexo, ou seja, as mulheres sentem-se mais satisfeitas com suas amizades com amigas do que com amigos. Este resultado confirma



estudos disponíveis, que indicam maior satisfação de mulheres com suas amigas do que homens com seus amigos (Jones, 1991; Mendelson & Aboud, 1999; 2003), embora estes também se mostraram mais satisfeitos com os amigos de mesmo sexo, mas com diferença não significativa.

Para os participantes homens, as amigas respondem mais às funções de encorajar, escutar, tranquilizar, e ajudar a manter a auto-imagem de uma pessoa competente e digna (autovalidação), e de fornecer consolo e confiança ao amigo em situações novas ou ameaçadoras (segurança emocional). Na investigação de Erbolato (2001), pode-se identificar dados conceitualmente semelhantes na valorização que os participantes homens atribuíram ao apoio que a amizade fornece à integração da personalidade e do autoconceito. Ao mesmo tempo, no presente trabalho os homens valorizaram mais a segurança do que as mulheres; no estudo de Erbolato, observou-se o oposto. Monsour (2002), num trabalho dedicado às amizades de sexo oposto, discute dados de vários estudos que demonstram que os homens atribuem maiores escores às amigas mulheres em aspectos similares aos encontrados aqui, como auto-afirmação e apoio emocional, conceitualmente equivalentes às funções de autovalidação e de segurança emocional. O mesmo autor discute pesquisas que investigaram estilos de comunicação em homens e em mulheres, com resultados sugerindo que o estilo destas últimas é percebido como indireto, elaborado e afetivo, em contraste com um estilo masculino de comunicação (direto, sucinto, pessoal e instrumental) (Monsour). Com relação às funções de segurança emocional e autovalidação, é possível que, entre mulheres, estas não as percebam como algo distinto dado que inerente ao estilo de comunicação entre amigas. Todavia, para os homens, é possível que, no contraste com seus amigos de mesmo sexo, as amigas mulheres sejam percebidas diferentemente quanto às duas funções em virtude do estilo de comunicação mais afetivo e elaborado, especialmente em situações que envolvem confiança, encorajamento, conforto e apoio a uma auto-imagem positiva. Neste sentido, nos homens, as amizades de sexo oposto, na ausência de envolvimento romântico, desempenham papel importante para o bem-estar dos mesmos, contribuindo para a experiência com dificuldades e situações novas e para a promoção do senso de si como uma pessoa digna e competente.

Nenhuma diferença significativa foi encontrada para a função de aliança confiável e sentimentos negativos com relação ao amigo. Com relação à função de aliança confiável, a ausência de diferenças nas análises salienta, na verdade, a presença indispensável de aspectos como disponibilidade e lealdade, considerados na função referida, em melhores amizades, dado que são relacionamentos que se destacam das amizades em geral. Melhores

amigos são percebidos como mais disponíveis e mais leais, isto é, espera-se poder contar mais com estes amigos do que com outros (Bell, 1981). Sendo a confiança um aspecto fundamental entre melhores amigos, pode-se compreender o porquê da ausência de diferenças quanto à função de aliança confiável. Além disso, nos quatro grupos de amizades analisados, também não foram encontradas diferenças significativas para as funções de intimidade e companheirismo. Intimidade, juntamente com aliança confiável, abordam aspectos como abertura e confiança, o que vai na direção dos resultados encontrados por Monsour (1992) e de Parks e Floyd (1996). Estas funções foram mencionadas pelos entrevistados brasileiros do estudo de Rezende (2002) na diferenciação entre amizades em geral e melhores amizades, foco do presente trabalho. Ao mesmo tempo, Rezende observou que homens não valorizam tanto a abertura (abordada na função de intimidade) nas suas amizades. No presente estudo, no entanto, não foram encontradas diferenças para esta função da amizade. Com relação ao companheirismo, provavelmente o fato de ter sido salientado o caráter de divertimento (a função é de companheirismo estimulante) acabou ressaltando-a como algo essencial em melhores amizades, a despeito do sexo das mesmas.

Já quanto aos sentimentos negativos, o único estudo que abordou esta dimensão da qualidade da amizade com os Questionários McGill também não detectou diferenças de sexo (Koh, Mendelson & Rhee, 2003). Ainda assim, interessante notar que, mesmo as diferenças não serem significativas, foram as amizades de sexo oposto que suscitaram mais sentimentos negativos. Esta observação pode indicar, por exemplo, que amizades entre homens e mulheres suscitam mais sentimentos negativos em virtude de dificuldades que se apresentem neste tipo de amizade. Outros estudos serão necessários para investigar mais detidamente esta questão.

### Considerações finais

As mulheres prosseguem percebendo suas amizades, com homens ou mulheres, como preenchendo mais funções da amizade e despertando mais sentimentos positivos do que os homens. Isto não significa, no entanto, que os homens não valorizem estes aspectos em suas melhores amizades. Como argumenta Wright (1988), as diferenças são mais quantitativas do que qualitativas, isto é, a importância está sendo dada aos mesmos aspectos, porém em graus distintos.

A percepção da amizade do homem com relação à amiga difere com relação ao amigo de mesmo sexo em qualidades, as quais, pode-se argumentar, estão mais desenvolvidas nas mulheres do que em seus parceiros de sexo oposto. Diferentes práticas

de socialização em homens e mulheres, em especial, estilos distintos de comunicação, podem estar relacionadas à percepção diferenciada com relação à amizade de outro sexo.

Amizades de sexo oposto são relacionamentos importantes à medida que proporcionam apoio social, benefícios no ambiente de trabalho (onde homens e mulheres interagem cada vez mais) e proteção contra solidão. Mas, acima de tudo, amizades entre homens e mulheres proporcionam a experiência ímpar de conhecer como pensa, sente e age o indivíduo do sexo oposto (Monsour, 2002). Estas experiências preparam para interações mais eficazes no ambiente de trabalho, em relacionamentos românticos, familiares, enfim, em diferentes contextos de desenvolvimento.

Mulheres e homens podem ser amigos, beneficiando-se do relacionamento. Contudo, a amizade não é o único relacionamento do qual obtemos satisfação de vida. O casamento e a família também nos trazem felicidade (Argyle, 2001). Dessa forma, seria interessante investigar se relacionamentos românticos e familiares interferem nas amizades durante a adultez. Carbery e Buhrmester (1998) apontam dados nesta direção. Contudo, não há estudos com dados brasileiros, o que pode estimular as próximas investigações sobre amizades em adultos no Brasil.

#### Referências

- Antoniazzi, A. S., Hutz, C. S., Lisboa, C. S. M., Xavier, C. A., Eickhoff, F., & Bredemeier, J. (2001). O desenvolvimento do conceito de amigo e de inimigo em crianças e pré-adolescentes. *Psico-USF*, 6(2), 1-10.
- Argyle, M. (2001). *The psychology of happiness* (2ª edição). Hove, UK/ New York, NY: Routledge/ Taylor & Francis.
- Bell, R. (1981). Meanings of friendship. Em R. Bell, *Worlds of friendship* (pp. 9-30). Beverly Hills, CA: Sage.
- Blieszner, R., & Adams, R. G. (1992). *Adult friendship*. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: Sage.
- Bukowski, W. M., Newcomb, A. F., & Hartup, W. W. (1996). Friendship and its significance in childhood and adolescence: Introduction and comment. Em W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 1-15). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Carbery, J., & Buhrmester, D. (1998). Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(3), 393-409.

- Daudt, P. (1997). Interação social: O papel da amizade no desenvolvimento infantil. *Aletheia*, 5, 80-90.
- Erbolato, R. M. P. L. (2001). *Contatos sociais: Relações de amizade em três momentos da vida adulta*. Tese de Doutorado não-publicada, Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia e de Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: Sage.
- Hägglund, S. (1999). Peer relationships and children's understanding of peace and war: A sociocultural perspective. Em A. Raviv, L. Oppenheimer, & D. Bar-Tal (Orgs.), *How children understand war and peace: A call for international peace education* (pp. 190-207). San Francisco: Jossey-Bass.
- Hartup, W. W. (1989). Behavioral manifestations of children's friendships. Em T. J. Berndt, & G. W. Ladd (Eds.), *Peer relationships in child development*. New York: Wiley.
- Jones, D. C. (1991). Friendship satisfaction and gender: An examination of sex differences in contributors to friendship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 8, 167-185.
- Kipper, A. (2003). *Sobre a amizade: Relações de trabalho e bem-estar subjetivo*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Koh, Y-J, Mendelson, M. J., & Rhee, U. (2003). Friendship satisfaction in Korean and Canadian university students. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 35(2), 239-253.
- Lisboa, C., & Koller, S. H. (2003). Amizade e vitimização: Fatores de risco e proteção no contexto do grupo de iguais. *Psico-PUCRS*, 34(1), 71-94.
- Mendelson, M. J. (1995). [MFQ-Negative Feelings: Factor analyses]. Dados não-publicados.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires (short report). *Canadian Journal of Behavioural Science*, 31(2), 130-132.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (2003). *Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires*. Manuscrito não-publicado, McGill University, Montreal, Canada.

- Mendelson, M. J., & Kay, A. C. (2003). Positive feelings in friendship: Does imbalance in the relationship matter? *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(1), 101-116.
- Monsour, M. (1992). Meanings of intimacy in cross- and same-sex friendships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 277-295.
- Mousour, M. (2002). Cross-sex friendships and the social construction of self across the life-span. Em M. Monsour, *Women and men as friends: Relationships across the life span in the 21<sup>st</sup> century*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Assoc.
- Parks, M. R., & Floyd, K. (1996). Meanings for closeness and intimacy in friendship. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13(1): 85-107.
- Piotto, D. C., & Rubiano, M. R. B. (1999). Amizade entre crianças pequenas: Análise da interação de pares preferenciais na creche. *Psico-PUCRS*, 30(1), 109-129.
- Rezende, C. (2002). *Os significados da amizade: Duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Rohde, L. A., Ferreira, M. H. M., Zomer, A., Forster, L., & Zimmermann, H. (1998). The impact of living on the streets on latency children's friendships. *Revista de Saúde Pública*, 32(3), 273-280.
- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2006). *A qualidade da amizade: Adaptação e validação dos Questionários McGill*. Manuscrito submetido para publicação.
- Tortella, J. C. B. (2005). Um estudo sobre os sentimentos e segredos das amigadas infantis. XXXV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Resumos. Ribeirão Preto: SBP.
- Wright, P. (1988). Interpreting research on gender differences in friendship: A case for moderation and a plea for caution. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, 367-373.
- Wright, P. H., & Scanlon, M. B. (1991). Gender role orientations and friendship: Some attenuation, but gender differences abound. *Sex Roles*, 24(9/10), 551-566.

## Considerações finais

No Brasil, a literatura empírica em amizade vem priorizando o estudo de crianças e adolescentes (Antoniuzzi, Hutz, Lisboa, Xavier, Eickhoff & Bredemeier, 2001; Daudt, 1997; Lisboa & Koller, 2003; Piotto & Rubiano, 1999; Rohde, Ferreira, Zomer, Forster & Zimmermann, 1998; Tortella, 2005). A investigação com população adulta é bastante restrita na comparação com as etapas anteriores de desenvolvimento. Foi possível localizar três estudos sobre amizade em adultos (Erbolato, 2001; Kipper, 2003; Rezende, 2002).

O objetivo principal deste trabalho foi investigar a percepção da qualidade da amizade em adultos. A qualidade da amizade aborda, no modelo de Mendelson (1995; Mendelson & Aboud, 1999, 2003), as funções da amizade, satisfação com o relacionamento, e sentimentos positivos e negativos com relação ao amigo ou amiga.

No primeiro estudo, objetivou-se adaptar e validar (validade de construto) os Questionários McGill de Amizade para uso no Brasil. Os Questionários McGill são formados por nove escalas que avaliam a percepção da qualidade da amizade, abrangendo as funções da amizade, satisfação e sentimentos positivos e negativos. As escalas das funções da amizade (ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo, intimidade e segurança emocional), satisfação e sentimentos negativos com relação ao amigo apresentaram estruturas fatoriais equivalentes às dos instrumentos originais (Mendelson, 1995; Mendelson & Aboud, 1999, 2003). A escala de sentimentos positivos, por sua vez, foi reduzida em número de itens para melhor representação do construto abordado. As escalas mostraram-se aptas a avaliar a percepção da qualidade da amizade através das funções da amizade, satisfação e sentimentos associados ao amigo.

A ausência de diferenças de sexo nos sentimentos negativos associados ao amigo pode na verdade sugerir a interferência de fatores culturais, possivelmente não na percepção dos sentimentos negativos, mas na compreensão dos itens da referida escala. Desenvolvida originalmente com base em instrumentos que, em sua maioria, utilizaram amostras norte-americana e canadense, esta escala é composta por itens que podem refletir características valorizadas pelos participantes da cultura anglo-saxônica. Concentrando-se sobre a melhor amizade, possivelmente a reflexão sobre funções ou sobre sentimentos positivos e satisfação não enfrente dificuldades, já que é de se esperar que a melhor amizade desempenhe bem nestes aspectos. Contudo, ponderar sobre sentimentos negativos

envolve a consideração de aspectos como diferenças, fraquezas e valores associados ao relacionamento entre melhores amigos.

Como salienta Bell (1981), os valores defendidos por uma sociedade influenciam na visão sobre as interações entre amigos. No estudo de Koh, Mendelson e Rhee (2003), o único a utilizar a escala de sentimentos negativos, quatro itens foram retirados em virtude de os participantes coreanos não os compreenderem como aspectos negativos das amizades. É possível que os itens apresentados como sentimentos negativos não tenham sido assim compreendidos pelos participantes brasileiros do presente trabalho.

Berscheid e Regan (2005) chamam a atenção para as diferenças culturais nos relacionamentos em culturas caracterizadas como individualistas ou coletivistas. Segundo os autores, a literatura sobre relacionamentos foi construída com base em amostras de natureza cultural individualista, o que deixa em aberto muitas questões a serem investigadas no que tange aos relacionamentos em culturas como a brasileira. Indivíduos pertencentes a culturas individualistas buscam autonomia,

guiam suas ações por preferências próprias, motivações, metas, atitudes, crenças e habilidades, orientam-se para o sucesso e a realização independentes, avaliam a vida em função da realização dos objetivos pessoais, e consideram que os relacionamentos competem com as necessidades pessoais e que as pressões grupais interferem na realização dos objetivos pessoais. (pp. 92-93)

#### Indivíduos de culturas coletivistas

tendem a se considerar como conectados uns aos outros, restritos, guiados e impulsionados por seus relacionamentos, papéis, grupos e instituições, orientados para o funcionamento harmonioso das entidades sociais das quais participam, subordinando crenças e necessidades pessoais a normas e relacionamentos sociais, sensíveis às necessidades do coletivo, avaliando suas vidas com base nas suas contribuições para satisfazer tais necessidades, e mutuamente responsáveis por aqueles com quem interagem e pelas conseqüências dos comportamentos próprios e dos outros parceiros. (p. 92)

Em uma comparação realizada com 50 países, o Brasil ocupa uma posição intermediária no índice de individualismo (Hofstede, 2001). Ainda que não se caracterize como uma cultura coletivista, distancia-se suficientemente dos Estados Unidos e do Canadá quanto ao individualismo (estes países ocupam o primeiro e o quarto lugares, respectivamente). Neste sentido, os sentimentos negativos abarcados pelos itens das escalas dos Questionários

McGill de Amizade podem estar refletindo uma visão individualista sobre o que desagrada em um relacionamento entre melhores amigos. Sentimentos de inferioridade, pena, dependência, responsabilidade e preocupação, presentes através de itens na escala de sentimentos negativos, para uma cultura individualista abordam aspectos bastante desvalorizados, ou mesmo condenados, se considerada a visão de um indivíduo independente, autônomo e autoconfiante que não necessita de vínculos fortes para sentir-se realizado como pessoa. Assim, os participantes brasileiros, menos individualistas do que americanos e canadenses, podem não ter compreendido, por exemplo, os itens recém listados como aspectos negativos em um relacionamento entre amigos. Preocupar-se com o melhor amigo ou mesmo sentir-se responsável por ele ou dependente dele podem ter outro significado se forem tomados como referência a conexão estreita entre indivíduos nos relacionamentos e a mútua responsabilidade entre as ações próprias e as dos outros, dentro de um espírito de interação que valoriza a vida coletiva. Possivelmente também nesta direção possa ter feito pouco sentido para os participantes brasileiros avaliar a percepção do sentimento de inferioridade com relação ao melhor amigo, já que nele se pode identificar uma valorização à competição e à realização pessoal.

Um aspecto não abordado nos Questionários McGill de Amizade foi apontado com destaque pelos participantes do estudo de Monsour (1992) sobre boas amizades (amizades próximas), bem como nas entrevistas de Rezende (2002) sobre amizade enquanto relacionamento social (amizades ocasionais). Trata-se do contato físico não-sexual, isto é, trocas de abraços e de beijos nas bochechas. Se este tipo de contato é importante em amizades próximas, a comparação com amizades ocasionais poderia revelar diferenças com relação a este aspecto. Além disso, uma comparação entre participantes norte-americanos e brasileiros revelaria diferenças com relação ao contato físico não-sexual. Provavelmente, nas amizades ocasionais de norte-americanos este aspecto não seria valorizado, ao passo que, nas amizades de brasileiros, sendo estas ocasionais ou melhores amizades, é possível que abraços e beijos nas bochechas sobressaiam-se nestes relacionamentos de modo semelhante. Ao mesmo tempo, dado o “risco” de envolvimento sexual entre amigos de sexo oposto mencionado pelos participantes do trabalho de Rezende, seria interessante comparar a percepção de homens e de mulheres com relação ao contato físico não-sexual com suas amizades (ocasionais e/ou próximas) de sexo oposto. Isto porque Monsour (2002) encontrou, em seus dados, uma diferença significativa entre homens e mulheres na variável referida: uma menor proporção de homens e amizades de mesmo sexo e uma maior proporção de mulheres e amizades de sexo oposto. O autor discute seus achados ressaltando que amizades de sexo oposto são relacionamentos



relativamente novos na comparação com os demais, oportunizados pela ascensão das mulheres a partir da constante luta por direitos, respeito e reconhecimento na sociedade. O contato entre homens e mulheres na ausência de envolvimento romântico ou de parentesco oportuniza o aprendizado de como pensa, sente e age o indivíduo do outro sexo, facilitando interações em diferentes contextos, em especial, no ambiente de trabalho, atento a casos de assédio sexual e moral.

A finalidade do segundo estudo foi investigar diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade em adultos brasileiros, utilizando-se os Questionários McGill de Amizade, adaptados no primeiro estudo. Foram considerados o sexo do participante e o sexo da melhor amizade, indicada por ele. Na direção da literatura internacional e nacional (Carbery & Buhrmester, 1998; Erbolato, 2001), predominaram amizades de mesmo sexo e, nas amizades de sexo oposto, as mulheres foram mais indicadas como melhor amizade. As mulheres perceberam a melhor amizade (a despeito do sexo destas) como mais provedora de cinco funções da amizade (ajuda, intimidade, companheirismo, segurança emocional e autovalidação), e atribuíram mais sentimentos positivos a ela, na comparação com homens. Estas diferenças aproximam-se às encontradas nos estudos que investigaram apenas amizades de mesmo sexo (Carbery & Buhrmester; Jones, 1991; Koh, Mendelson & Rhee, 2003; Mendelson & Aboud, 1999, 2003; Wright, 1988; Wright & Scanlon, 1991). Quanto à interação entre sexo do participante e sexo da amizade, observou-se que, para os homens, as amigas responderam mais às funções de segurança emocional e de autovalidação do que os amigos. Estes resultados indicam uma semelhança com os dados de Erbolato (2001) e de Monsour (2002).

O foco da segunda investigação foi a percepção da qualidade da melhor amizade em adultos. São poucos os trabalhos empíricos dedicados à amizade na adultez, especialmente no Brasil. A literatura internacional aponta a importância das amizades no período universitário ou adultez jovem, etapa na qual se enquadra a maioria dos participantes que colaboraram com o presente projeto. Neste sentido, considerou-se relevante investigar, dentre as amizades disponíveis, percepções sobre a amizade com a qual se possui um relacionamento próximo, que se destaca das demais. Assim, a melhor amizade foi trazida à reflexão no que tange suas funções bem como a satisfação e os sentimentos direcionados a ela. Estes aspectos possibilitam a análise de como a melhor amizade é percebida, dada sua importância dentro do espectro dos relacionamentos. A melhor amizade, ou amizade próxima, provê maior intimidade, ajuda, aceitação, respeito, confiança, apoio, diversão, autenticidade, similaridade, estima, força de caráter, abertura; servem como proteção, facilitando a tolerância a medos e ansiedades, ajudando a suportar

situações estressantes; e proporcionam um forte senso de identificação e de exclusividade através das experiências compartilhadas (Bell, 1981; Davis & Todd, 1985; La Gaipa, 1977; Mendelson & Aboud, 1999, 2003; Rezende, 2002).

A partir daí, decidiu-se por realizar uma comparação considerando-se não apenas o sexo do participante, como também o sexo da melhor amizade. Apenas um estudo desta natureza havia sido conduzido com o modelo de qualidade da amizade de Mendelson e Aboud (1999, 2003), mas nele não foi utilizada a escala de sentimentos negativos nem foi obtido um grupo de amizades masculinas de mesmo sexo (Mendelson & Kay, 2003). A literatura empírica em amizade de adultos passou a atentar para o sexo da amizade a partir da década de 1990, com Monsour (1992) e Parks e Floyd (1996) apresentando dois estudos bastante elucidativos e instigantes sobre o tema. Desde então, observou-se que muitos aspectos da amizade que se acreditava serem mais bem desenvolvidos nas mulheres na verdade também se encontram em destaque nas amizades de homens. Estes achados vieram a quebrar o paradigma da feminização da amizade que preponderava nas investigações (Wright, 1988).

O que se pôde observar no trabalho aqui apresentado direcionou-se tanto para a confirmação de dados da literatura empírica disponível como para novos achados sobre a melhor amizade de adultos brasileiros. Foi possível identificar aspectos que os estudos de Erbolato (2001) e de Rezende (2002) indicaram como relevantes em amizades de adultos brasileiros. Estes trabalhos, no entanto, envolveram metodologias distintas, priorizando entrevistas e amostras reduzidas. O presente projeto, realizado com escalas com validação de construto e tamanho de amostra adequadas, confirmou a importância de elementos fundamentais das amizades (Mendelson & Aboud, 1999, 2003), como abertura, ajuda (no caso, troca de informações e de perspectivas), autovalidação e segurança emocional, especialmente nas amizades de sexo oposto. Assim, na mesma direção da argumentação de Monsour (2002), considera-se a necessidade de se atentar mais para o papel dos relacionamentos de amizade entre pessoas de sexo oposto, não apenas em função do “risco” de atração sexual mencionado pelos participantes de Rezende, mas também porque amizades de sexo oposto são relacionamentos importantes à medida que proporcionam apoio social, benefícios no ambiente de trabalho (onde homens e mulheres interagem cada vez mais) e proteção contra solidão. Acima de tudo, amizades entre homens e mulheres proporcionam o conhecimento ímpar de como pensa, sente e age o indivíduo do sexo oposto (Monsour). Estas experiências preparam para interações mais eficazes no ambiente de trabalho, em relacionamentos românticos, familiares, enfim, em diferentes contextos de desenvolvimento. Além disso, a percepção da amizade do homem com relação à amiga

difere com relação ao amigo de mesmo sexo em qualidades, as quais, pode-se argumentar, estão mais desenvolvidas nas mulheres do que em seus parceiros de sexo oposto. Diferentes práticas de socialização em homens e mulheres, em especial, estilos distintos de comunicação, podem estar relacionadas à percepção diferenciada com relação à amizade de outro sexo.

Optou-se por realizar o segundo estudo com uma amostra menor, visto que para suas análises foram descartados os participantes que indicaram, como melhor amizade, um parceiro romântico (com quem mantinha relacionamento de namoro, noivado, casamento ou união estável), um familiar ou parente, e participantes que não especificaram o tipo de relacionamento com a melhor amizade indicada (romance, familiar, etc). Assim, dos 682 casos do primeiro estudo, 141 foram retirados da amostra para a segunda investigação, na qual participaram 541 universitários. Este procedimento foi tomado para que pudesse operar com uma definição de amizade que não envolvesse outros tipos de relacionamentos, como os relacionamentos românticos e familiares (Bell, 1981; Fehr, 1996), acompanhando a literatura empírica na área. Segundo Argyle (2001), a amizade sucede a família e o casamento no provimento de felicidade ou satisfação de vida no espectro dos relacionamentos sociais. Nesta direção, um estudo comparativo poderia ser conduzido com três grupos: o grupo que indicou, como melhor amizade, um familiar; o grupo que indicou um parceiro romântico, e um grupo que indicou uma pessoa que não fosse qualquer dos dois (ou seja, que indicou um amigo). Sendo todos melhores amigos, seria interessante investigar diferenças entre os grupos na percepção das funções, satisfação e sentimentos, bem como diferenças de sexo intragrupos: as melhores amizades com parceiros românticos despertariam mais sentimentos negativos que os demais grupos? As melhores amizades com familiares preenchem mais as funções de aliança confiável e de intimidade do que com amigos ou parceiros românticos? Os grupos difeririam com relação à satisfação com o relacionamento de amizade? A percepção da qualidade da amizade de mulheres que indicam parceiros românticos como melhores amigos difere da de mulheres que indicam uma amiga ou um amigo? Os homens estariam mais satisfeitos com a melhor amizade de mesmo sexo com um familiar do que com um amigo, como sugere Erbolato (2001)?

Outro estudo poderia ser conduzido comparando os participantes do segundo estudo com relação ao estado civil ou envolvimento romântico, bem como quanto à presença de filhos. Carbery e Buhrmester (1998) observaram que para adultos jovens na fase celibatária (indivíduo solteiro sem comprometimento sério com parceiro romântico) os amigos são preferidos ao preencherem necessidades por companheirismo e confiança, ao passo que as mães são as maiores fontes de aliança e afeição; na fase marital (relação conjugal sem

filhos), o indivíduo depende mais do cônjuge para toda necessidade, especialmente homens; e na fase parental (com filhos pequenos), os filhos passam a competir com o cônjuge ou mesmo ultrapassá-lo como provedores de, por exemplo, afeição, segurança e companheirismo. Carbery e Buhrmester enfatizam que as amizades atingem um pico quanto à significância funcional na rede de relacionamentos no início da adultez jovem (fase celibatária), quando os amigos são fontes primárias de apoio social, companheirismo e confiança. Assim, poder-se-ia prever que participantes envolvidos em relacionamento romântico, especialmente homens, diferissem quanto à percepção da melhor amizade no provimento das funções, na satisfação, bem como nos sentimentos positivos e negativos associados ao amigo. Da mesma forma, caberia comparar, quanto aos mesmos aspectos, os participantes do segundo estudo com participantes que indicaram familiares e parceiros românticos como melhores amigos.

Uma questão igualmente interessante a ser investigada seria diferenças culturais na percepção da qualidade da amizade, já que os dois estudos aqui conduzidos contaram apenas com participantes residentes na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Kipper (2003) trabalhou com residentes em Santa Cruz do Sul, outro município gaúcho; Erbolato (2001), com participantes de São Paulo; Rezende, com cariocas. Kipper examinou o relacionamento de amizade especificamente no contexto do trabalho. Já Erbolato e Rezende lançaram mão de amostras pequenas. Um estudo com participantes de São Paulo e do Rio de Janeiro, bem como de estados representando outras regiões brasileiras, apontaria as mesmas diferenças? A função de aliança confiável e os sentimentos negativos associados ao melhor amigo prosseguiriam não demonstrando diferenças de gênero?

A comparação da melhor amizade com uma amizade ocasional também poderia trazer dados interessantes sobre a percepção de relacionamentos de amizade em brasileiros. Haveria interação entre sexo (do participante e da amizade) e tipo de amizade? Quão diferente seria a percepção da melhor amizade e da amizade ocasional para homens e para mulheres? Os dados do segundo estudo sugerem que as mulheres apontariam menos diferenças entre sua melhor amizade e uma amizade ocasional do que os homens, que nesta oportunidade destacaram sua melhor amizade com uma mulher quanto às funções de segurança emocional e autovalidação. Os homens difeririam na percepção destas mesmas funções entre uma melhor amizade e uma amizade comum, ambas com mulheres?

O presente trabalho procurou discutir alguns aspectos relevantes dos relacionamentos de amizade na adultez. Trata-se de um tipo de relacionamento que, mesmo perdendo espaço na presença de relacionamentos românticos e familiares, envolve

companheirismo, diversão, ajuda, confiança, abertura, autovalidação, segurança, consolo, satisfação, sentimentos positivos e, como todo relacionamento, sentimentos negativos (Duck & Perlman, 1985). Todavia, focalizou-se a percepção de adultos sobre uma melhor amizade, ou seja, não foi utilizada uma metodologia que proporcionasse a investigação do relacionamento de amizade com a avaliação da melhor amizade indicada sobre sua amizade com o participante. Um trabalho assim se aproximaria da avaliação da reciprocidade na melhor amizade através de correlações sobre a congruência das percepções dos amigos, com os Questionários McGill aplicados em díades de amigos, a exemplo do trabalho de Mendelson e Kay (2003). Estes autores observaram que pares de amigos mais próximos relataram mais sentimentos positivos e estavam envolvidos em um relacionamento mais equilibrado. Todavia, um estudo deste tipo necessitaria de mais tempo e investimento para ser realizado. O trabalho de Mendelson e Kay, por exemplo, incentivou estudantes a participarem da pesquisa através da oferta de créditos universitários ou de uma quantia em dinheiro. Ainda assim, uma investigação com pares de amigos brasileiros contribuiria tanto para o conhecimento sobre a amizade em adultos no país como para, por exemplo, a continuidade das investigações de diferenças de gênero na percepção da amizade.

Outra questão que pode ser abordada em investigações futuras é a relação existente entre amizade e moralidade. Para Bukowski e Sippola (1996), embora esta não tenha sido a visão adotada nas teorias psicológicas, a pesquisa empírica tem apontado que a amizade se fundamenta em princípios morais específicos, que regulam sua formação e direção. Da mesma forma, a amizade é um contexto importante para o desenvolvimento da amizade na infância. Nesta direção, Bell (1981) critica autores que afirmam que a amizade não necessita de leis, de cerimônias ou de expectativas materiais. As sociedades desenvolvem expectativas com relação à amizade. O autor exemplifica seu ponto de vista mencionando que, na sociedade americana, se um amigo morre, a pessoa precisa (*ought to*) comparecer ao funeral, ao passo que no leste da África, o amigo deve (*must*) invadir a cerimônia fúnebre vestindo trajes sujos, zombar dos que velam o falecido, e derramar fora a bebida preparada para saciar os presentes (Bell). Nesta direção, a abordagem a aspectos morais presentes nos relacionamentos de amizade traria não apenas novos *insights* para o estudo da moralidade como também conhecimento que contribuiria na compreensão da formação, desenvolvimento, manutenção e término de uma amizade: o que conduz uma pessoa a terminar a amizade com alguém? O que põe em risco uma amizade? Como o indivíduo se posiciona no conflito entre relacionamentos, por exemplo, diante da defesa do parente ou do amigo, do cônjuge ou do amigo?

A amizade é um construto multifacetado, e não há uma definição consensual na literatura (Blieszner & Adams, 1992). Segundo Fehr (1996), há tantas definições de amizade quantos pesquisadores investigando-a. No entanto, é possível identificar aspectos fundamentais nas amizades. O companheirismo, a ajuda e a intimidade são características da amizade, tomadas por Mendelson e Aboud (1999; 2003) como funções, já reconhecidas e discutidas desde a Antiguidade, por exemplo, nos textos do filósofo Aristóteles. Ao longo do ciclo vital, estas funções, bem como outras (confiança, abertura, autovalidação), se apresentam nas relações entre amigos, variando em importância conforme a etapa de desenvolvimento (Rawlins, 1992).

Aposentadoria, ninho vazio, saúde, finanças e moradia são fatores que podem aumentar ou diminuir as oportunidades de se fazer novos amigos na etapa da velhice (Adams, Blieszner & DeVries, 2000). O tempo livre que se evidencia nesta nova etapa de vida possibilita uma aproximação dos amigos com um aumento da intimidade (no sentido das trocas de confidências, etc.) do relacionamento. Ao mesmo tempo, com um maior investimento nos relacionamentos conjugal e familiar (Carbery & Buhrmester, 1998), o contato com as amizades torna-se raro, e as habilidades para fazer novos amigos precisam ser novamente desenvolvidas. Assim, a velhice se constitui numa etapa sensível para a formação e a manutenção de amizades. Todavia, no Brasil, são raros os estudos sobre amizade na velhice (Souza, 2004), o que sinaliza oportunidades de investigação empírica que contribua não apenas para o bem-estar do idoso, mas também para a compreensão da amizade nesta etapa específica do ciclo vital.

Na atualidade, com o crescente nível de estresse e competição vivido no ambiente de trabalho, o tempo dedicado a relacionamentos sociais vem sofrendo uma diminuição significativa. Afora isso, como referido, na adultez as amizades já recebem menos investimento, visto que se tornam menos relevantes na comparação com relacionamentos conjugais e familiares (Carbery & Buhrmester, 1998). Contudo, boas amizades são promotoras de saúde no momento em que facilitam a tolerância a medos e ansiedades, ajudam a suportar situações estressantes, e proporcionam um forte senso de identificação e de exclusividade através das experiências compartilhadas (Bell, 1981). Amizades são relacionamentos que trazem felicidade e satisfação de vida (Argyle, 2001) e, portanto, merecem atenção com o estudo de seus processos e dimensões, como na investigação da percepção da qualidade através das suas funções, satisfação e sentimentos relacionados. Espera-se que o presente trabalho tenha apresentado algumas contribuições nesta direção.

## Referências

- About, F. E., & Mendelson, M. J. (1996). Determinants of friendship selection and quality: Developmental perspectives. Em W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 87-112). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Adams, R. G., Blieszner, R., & de Vries, B. (2000). Definitions of friendship in the third age: Age, gender, and study location effects. *Journal of Aging Studies*, 14(1), 117-133.
- Antoniazzi, A. S., Hutz, C. S., Lisboa, C. S. M., Xavier, C. A., Eickhoff, F., & Bredemeier, J. (2001). O desenvolvimento do conceito de amigo e de inimigo em crianças e pré-adolescentes. *Psico-USF*, 6(2), 1-10.
- Araújo, L. B., & Gomes, W. B. (1998). Adolescência e as expectativas em relação aos efeitos do álcool. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(1), 5-33.
- Argyle, M. (2001). *The psychology of happiness* (2ª edição). Hove, UK/ New York, NY: Routledge/ Taylor & Francis.
- Argyle, M., & Henderson, M. (1985). The rules of relationships. Em S. Duck, & D. Perlman (Orgs.), *Understanding personal relationships: An interdisciplinary approach* (pp. 63-84). London: Sage.
- Aristóteles (2004). *Ética a Nicômaco* (P. Nasseti, Trad.). São Paulo: Martin Claret. Original do séc. IV a.C.
- Baldini, M. (2000). *Amizade & filósofos*. Bauru, SP: EDUSC.
- Bell, R. (1981). Meanings of friendship. Em R. Bell, *Worlds of friendship* (pp. 9-30). Beverly Hills, CA: Sage.
- Berscheid, E., & Regan, P. (2005). *The psychology of interpersonal relationships*. Upper Saddle River: Pearson.
- Berndt, T. J. (1996). Exploring the effects of friendship quality on social development. Em W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 346-365). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Blieszner, R., & Adams, R. G. (1992). *Adult friendship*. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: Sage.
- Brenton, M. (1974). *Friendship*. New York: Stein & Day.

- Bukowski, W. M., Newcomb, A. F., & Hartup, W. W. (1996). Friendship and its significance in childhood and adolescence: Introduction and comment. Em W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 1-15). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Bukowski, W. M., & Sippola, L. K. (1996). Friendship and morality: (How) Are they related? Em W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 238-261). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Carbery, J., & Buhrmester, D. (1998). Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15(3), 393-409.
- Castro, O. P. de (Org.) (2004). *Envelhecer: Revisitando o corpo*. Sapucaia do Sul, RS: Notadez.
- Castro, O. P. de (Org.) (2001). *Envelhecer: Um encontro inesperado (realidade e perspectivas na trajetória do envelhecete)*. Sapucaia do Sul, RS: Notadez.
- Castro, O. P. de (Org.) (1998). *Velhice, que idade é essa?: Uma construção psicossocial do envelhecimento*. Porto Alegre, RS: Síntese.
- Cole, T., & Bradac, J. J. (1996). A lay theory of relational satisfaction with best friends. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13(1), 57-83.
- Daudt, P. (1997). Interação social: O papel da amizade no desenvolvimento infantil. *Aletheia*, 5, 80-90.
- Davis, K. E., & Todd, M. J. (1985). Assessing friendship: Prototypes, paradigm cases and relationship description. Em S. Duck, & D. Perlman (Orgs.), *Understanding personal relationships: An interdisciplinary approach* (pp. 17-38). London: Sage.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo, SP: EDUSP/ FAPESP.
- Deps, V. L. (1993). Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. Em A. L. Neri (Org.), *Qualidade de vida e idade madura* (pp. 57-82). Campinas, SP: Papirus.
- Duck, S., & Perlman, D. (1985). The thousand islands of personal relationships: A prescriptive analysis for future explorations. Em S. Duck, & D. Perlman (Orgs.), *Understanding personal relationships: An interdisciplinary approach* (pp. 1-15). London: Sage.
- Erbolato, R. M. P. L. (2001). *Contatos sociais: Relações de amizade em três momentos da vida adulta*. Tese de Doutorado não-publicada, Departamento de Pós-Graduação do



Instituto de Psicologia e de Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo.

- Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: Sage.
- Hägglund, S. (1999). Peer relationships and children's understanding of peace and war: A sociocultural perspective. Em A. Raviv, L. Oppenheimer, & D. Bar-Tal (Orgs.), *How children understand war and peace: A call for international peace education* (pp. 190-207). San Francisco: Jossey-Bass.
- Hartup, W. W. (1989). Behavioral manifestations of children's friendships. Em T. J. Berndt, & G. W. Ladd (Eds.), *Peer relationships in child development* (pp.46-70). New York: Wiley.
- Hofstede, G. (2001). *Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions, and organizations across nations*. Thousand Oaks: Sage.
- Jones, D. C. (1991). Friendship satisfaction and gender: An examination of sex differences in contributors to friendship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 8, 167-185.
- Kipper, A. (2003). *Sobre a amizade: Relações de trabalho e bem-estar subjetivo*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Koh, Y-J, Mendelson, M. J., & Rhee, U. (2003). Friendship satisfaction in Korean and Canadian university students. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 35(2), 239-253.
- La Gaipa, J. J. (1977). Testing a multidimensional approach to friendship. Em S. Duck (Org.), *Theory and practice in interpersonal attraction* (pp. 249-270). London: Academic Press.
- Lisboa, C., & Koller, S. H. (2003). Amizade e vitimização: Fatores de risco e proteção no contexto do grupo de iguais. *Psico-PUCRS*, 34(1), 71-94.
- Maeda, E., & Ritchie, L. D. (2003). The concept of *shinyuu* in Japan: A replication of and comparison to Cole and Bradac's study on U.S. friendship. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(5), 579-598.
- Malcon, M. C., Menezes, A. M. B., & Chatkin, M. (2003). Prevalência e fatores de risco para tabagismo em adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 37 (1), 1-7.
- Mendelson, M. J. (1995). [MFQ-Negative Feelings: Factor analyses]. Dados não-publicados.

- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires (short report). *Canadian Journal of Behavioural Science, 31*(2), 130-132.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (2003). *Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires*. Manuscrito não-publicado. McGill University, Montreal, Canada.
- Mendelson, M. J., & Kay, A. C. (2003). Positive feelings in friendship: Does imbalance in the relationship matter? *Journal of Social and Personal Relationships, 20*(1), 101-116.
- Monsour, M. (1992). Meanings of intimacy in cross- and same-sex friendships. *Journal of Social and Personal Relationships, 9*, 277-295.
- Mousour, M. (2002). Cross-sex friendships and the social construction of self across the life-span. Em M. Monsour, *Women and men as friends: Relationships across the life span in the 21<sup>st</sup> century*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Assoc.
- Neri, A. L. (1993). Qualidade de vida no adulto maduro: Interpretações teóricas e evidências de pesquisa. Em A. L. Neri (Org.), *Qualidade de vida e idade madura* (pp. 9-55). Campinas, SP: Papirus.
- Paine, R. (1969). In the search of friendship: An exploratory analysis in “middle class” culture. *Man, 4*, 505-524.
- Parks, M. R., & Floyd, K. (1996). Meanings for closeness and intimacy in friendship. *Journal of Social and Personal Relationships, 13*(1), 85-107.
- Piotto, D. C., & Rubiano, M. R. B. (1999). Amizade entre crianças pequenas: Análise da interação de pares preferenciais na creche. *Psico-PUCRS, 30*(1), 109-129.
- Rawlins, W. K. (1992). Young adult friendships. Em W. K. Rawlins, *Friendship matters: Communication, dialectics, and the life course* (pp. 103-123). New York: Aldine de Gruyter.
- Reis, H. Wheeler, L., Spiegel, N., Kemis, M., Nezelek, J., & Perri, M. (1982). Physical attractiveness and social interaction II: Why does appearance affect social experience? *Journal of Personality and Social Psychology, 43*, 979-996.
- Rezende, C. (2002). *Os significados da amizade: Duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Rohde, L. A., Ferreira, M. H. M., Zomer, A., Forster, L. & Zimmermann, H. (1998). The impact of living on the streets on latency children’s friendships. *Revista de Saúde Pública, 32*(3), 273-280.

- Rosa, T. E. da C., Benício, M. H. D'A, Latorre, M. do R. D. de O., & Ramos, L. R. (2003). Fatores determinantes da capacidade funcional entre idosos. *Revista de Saúde Pública, 37*(1), 40-48.
- Sanchez, Z. M., & Nappo, S. A. (2002). Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores intreferentes. *Revista de Saúde Pública, 36*(4), 420-430.
- Sarason, I. G., Sarason, B. R., & Pierce, G. R. (1995). Social and personal relationships: Current issues, future directions. *Journal of Social and Personal Relationships, 12*(4), 613-619.
- Shea, L., Thompson, L., & Blieszner, R. (1988). Resources in older adults' old and new friendships. *Journal of social and Personal Relationships, 5*, 83-96.
- Shulman, N. (1975). Life-cycle variations in patterns of close relationships. *Journal of Marriage and the Family, 37*, 813-821.
- Souza, L. K. (2004). *Velho amigo, amigo velho: Amizade na velhice*. Em O. P. de Castro (Org.), *Envelhecer: Revisitando o corpo* (pp.69-86). Sapucaia do Sul, RS: Notadez.
- Souza, L. K., Gauer, G., & Hutz, C. S. (2004). Publicações em psicologia do desenvolvimento em dois periódicos brasileiros na década de 1990. *Psico-USF, 9*(1), 49-57.
- Tesch, S. A., & Martin, R. R. (1983). Friendship concepts of young adults in two age groups. *The Journal of Psychology, 115*, 7-12.
- Tortella, J. C. B. (2005). Um estudo sobre os sentimentos e segredos das amizades infantis. XXXV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, *Resumos*. Ribeirão Preto: SBP.
- Veenhoven, R. (1994). Correlates of happiness: 7838 findings from 603 studies in 69 countries 1911-1994. *Series of Studies in Social and Cultural Transformation, RISBO*. Erasmus University Rotterdam, Holanda.
- Weiss, L., & Lowenthal, M. F. (1975). Life-course perspectives on friendship. Em M. F. Lowenthal, M. Thurnher, D. Chiriboga, & Associates (Eds.), *Four stages of life: A comparative study of women and men facing transitions* (pp. 48-61). San Francisco: Jossey-Bass.
- Wright, P. (1985). The Acquaintance Description Form. Em S. Duck e D. Perlman (Orgs.), *Understanding personal relationships: An interdisciplinary approach* (pp. 39-62). London: Sage.
- Wright, P. (1988). Interpreting research on gender differences in friendship: A case for moderation and a plea for caution. *Journal of Social and Personal Relationships, 5*, 367-373.

Wright, P. H., & Scanlon, M. B. (1991). Gender role orientations and friendship: Some attenuation, but gender differences abound. *Sex Roles*, 24(9/10), 551-566.

## Anexo A

### Questionário das Funções da Amizade (QFA)

**Gostaríamos de saber como é seu/sua melhor amigo(a).** Funciona assim: Imagine que o espaço em branco em cada frase contém o nome deste(a) amigo(a). Pensando nessa pessoa, circule o número que indica o quão freqüentemente ela corresponde ao que a frase diz, conforme a escala à direita (de 1 a 5). Não há respostas certas ou erradas, apenas descreva o/a melhor amigo(a) como ele(a) é na sua opinião.

		De vez      Muito				
		Nunca	Raramente	em quando	freqüente	Sempre
		1	2	3	4	5
1.	___ me ajuda quando preciso.	1	2	3	4	5
2.	___ é alguém a quem posso contar coisas íntimas.	1	2	3	4	5
3.	___ faria eu me sentir confortável numa situação nova.	1	2	3	4	5
4.	Seria bom ter ___ por perto se eu estivesse com medo.	1	2	3	4	5
5.	___ sabe quando estou chateado.	1	2	3	4	5
6.	___ tem boas idéias sobre coisas divertidas para fazer.	1	2	3	4	5
7.	Posso contar segredos para ___.	1	2	3	4	5
8.	___ faria me sentir melhor se eu estivesse preocupado.	1	2	3	4	5
9.	___ continuaria sendo meu amigo se a gente não se visse por alguns meses.	1	2	3	4	5
10.	___ faria me sentir mais calmo se eu estivesse nervoso.	1	2	3	4	5
11.	___ continuaria sendo meu amigo mesmo que a gente tivesse uma briga.	1	2	3	4	5
12.	___ faz com que eu me sinta inteligente.	1	2	3	4	5
13.	___ me faz rir.	1	2	3	4	5

- |     |     |   |   |   |   |   |   |
|-----|-----|---|---|---|---|---|---|
| 14. | ___ | me ajuda a fazer coisas.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. | ___ | sabe quando algo me incomoda.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. | ___ | me empresta coisas de que preciso.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. | ___ | É estimulante conversar com ___.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. | ___ | faz com que eu me sinta especial.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. | ___ | continuaría sendo meu amigo mesmo que outras<br>pessoas me criticassem.       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. | ___ | continuaría sendo meu amigo mesmo que outras<br>pessoas não gostassem de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. | ___ | me elogia quando faço algo bem feito.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. | ___ | É fácil conversar com ___ sobre coisas íntimas.                               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 23. | ___ | É estimulante estar na companhia de ___.                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 24. | ___ | chama minha atenção para coisas nas quais sou bom.                            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 25. | ___ | ajuda quando estou me esforçando para terminar algo.                          | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 26. | ___ | continuaría sendo meu amigo mesmo que a gente<br>tivesse uma discussão.       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 27. | ___ | faz com que eu sinta que posso fazer bem as coisas.                           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 28. | ___ | me mostra como fazer melhor as coisas.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 29. | ___ | é legal para sair e conversar.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 30. | ___ | faz eu me sentir melhor quando estou chateado.                                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

## Anexo B

### Questionário de Apego do Respondente

**Esta parte do questionário é sobre seus sentimentos em relação à/ao melhor amigo(a).**

Funciona assim: Imagine que o espaço em branco em cada frase contém o nome deste(a) amigo(a). Pensando nessa pessoa, circule o número que indica o quanto você concorda com a frase, conforme a escala à direita (de 1 a 5). Não há respostas certas ou erradas; apenas descreva sinceramente seus sentimentos sobre seu/sua melhor amigo(a).

		Discordo muito	Discordo em parte		Concordo em parte	Concordo muito
1.	Estou feliz com minha amizade com ____.	1	2	3	4	5
2.	Eu me importo com ____.	1	2	3	4	5
3.	Eu gosto muito do ____.	1	2	3	4	5
4.	Eu sinto que tenho uma grande amizade com ____.	1	2	3	4	5
5.	Estou satisfeito com minha amizade com ____.	1	2	3	4	5
6.	Eu sinto que minha amizade com ____ é boa.	1	2	3	4	5
7.	Quero que continuemos amigos por muito tempo.	1	2	3	4	5
8.	Eu prefiro ____ à maioria das pessoas que conheço.	1	2	3	4	5
9.	Me sinto próximo de ____.	1	2	3	4	5
10.	Eu acho que minha amizade com ____ é forte.	1	2	3	4	5
11.	Minha amizade com ____ me dá satisfação.	1	2	3	4	5
12.	Fico feliz por ____ ser meu amigo.	1	2	3	4	5
13.	Espero que ____ e eu continuemos amigos.	1	2	3	4	5

14. Eu sentiria falta de \_\_\_ se ele partisse. 1 2 3 4 5
15. Estou contente com minha amizade com \_\_\_\_\_. 1 2 3 4 5
16. Eu gosto de ter \_\_\_ como um amigo. 1 2 3 4 5



## Anexo C

### Escala de Sentimentos Negativos Associados ao Amigo (ESNA)

**As pessoas também vivenciam sentimentos negativos em relação ao melhor amigo(a).** Funciona assim: Imagine que o espaço em branco em cada frase contém o nome deste(a) amigo(a). Pensando nessa pessoa, circule o número que indica com que frequência você vivencia o sentimento negativo em relação a seu/sua melhor amigo(a), conforme a escala à direita (de 1 a 5). Não há respostas certas ou erradas; apenas descreva sinceramente seus sentimentos sobre seu/sua melhor amigo(a).

		Nunca	Raramente	De vez em quando	Frequente- mente	Muito frequentemente
1.	Sinto-me distante de ____.	1	2	3	4	5
2.	Sinto-me ambivalente com relação a ____.	1	2	3	4	5
3.	Sinto-me incomodado por ____.	1	2	3	4	5
4.	Sinto-me controlado por ____.	1	2	3	4	5
5.	Sinto-me em desacordo com ____.	1	2	3	4	5
6.	Sinto-me insatisfeito com ____.	1	2	3	4	5
7.	Sinto inveja de ____.	1	2	3	4	5
8.	Sinto-me inferior a ____.	1	2	3	4	5
9.	Sinto-me inibido por ____.	1	2	3	4	5
10.	Sinto-me ofendido por ____.	1	2	3	4	5
11.	Sinto ciúmes de ____.	1	2	3	4	5
12.	Sinto vontade de discutir com ____.	1	2	3	4	5

- |     |                                       |   |   |   |   |   |
|-----|---------------------------------------|---|---|---|---|---|
| 13. | Sinto-me sufocado por ____ .          | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. | Sinto-me inseguro com relação a ____. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. | Sinto-me preocupado com ____.         | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. | Sinto-me com pena de ____.            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. | Sinto-me responsável por ____.        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. | Sinto-me dependente de ____.          | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

## Anexo D

### Questionário Sócio-Demográfico

Obrigado por participar deste estudo.

- Para completar este questionário as pessoas levam em média 15 minutos. Não há respostas certas ou erradas porque as amizades são diferentes umas das outras.

- Nós gostaríamos de começar pedindo algumas informações sobre você. Lembre-se: todos os seus dados são anônimos.

Sexo:  Feminino  Masculino

Idade: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/19\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_ Semestre: \_\_\_\_\_

Local de nascimento: \_\_\_\_\_

Estado civil:  Solteiro  Namorando  Noivo  Separado/ divorciado  Viúvo

Casado/ união estável – Ocupação do cônjuge: \_\_\_\_\_

Escolaridade dele: \_\_\_\_\_

Você tem filhos?  Não  Sim – Quantos? \_\_\_\_

Ocupação da mãe: \_\_\_\_\_

Escolaridade dela: \_\_\_\_\_

Ocupação do pai: \_\_\_\_\_

Escolaridade dele: \_\_\_\_\_

Você tem irmãos?  Não  Sim – Indique número de irmã(s): \_\_\_\_ e de irmão(s): \_\_\_\_

Em que cidade você mora atualmente? \_\_\_\_\_ Por quanto tempo? \_\_\_\_ anos e \_\_\_\_ meses

Indique todas as pessoas que moram com você na mesma casa ou apartamento:  moro sozinho

pai  mãe  empregada  namorado/ noivo/ esposo

irmãos – Quantos? \_\_\_\_  outros familiares – Quantos? \_\_\_\_

colegas – Quantos? \_\_\_\_  amigos – Quantos? \_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_ Você é praticante?  Não  Sim

Você exerce alguma atividade remunerada?  Não  Sim Qual? \_\_\_\_\_

Você frequenta outro curso além do atual? (se necessário, marque mais de uma alternativa)

Não Sim:  Frequente escola de idiomas/ música/ computação/ dança/ arte/ etc

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Você pratica atividades físicas?  Não  Sim. Se necessário, marque mais de uma alternativa a seguir:

Em academia/clube  Em casa  Em grupo/dupla  Sozinho Quantas vezes por semana? \_\_\_\_

Você é sócio de algum clube, sociedade ou associação? (se necessário, marque mais de uma alternativa)

Não  Sim – Para quê?:  atividades físicas  relaxar ou descansar

encontrar os amigos  fazer novas amizades

ir a festas ou bailes  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Você possui um hobby ou lazer preferido? Qual? \_\_\_\_\_



## Anexo E

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estamos realizando um estudo sobre amizade. Para tanto, solicitamos a sua participação, respondendo a este questionário. O resultado deste estudo vai contribuir para a produção do conhecimento psicológico sobre as relações de amizade.

Pelo presente, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, do objetivo e da justificativa do presente projeto de pesquisa. Fui igualmente informado:

- Da garantia de receber resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos de pesquisa
- Da liberdade de retirar o meu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem que isso me traga qualquer prejuízo
- Da segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade
- De que as informações por mim fornecidas serão arquivadas no banco de dados do pesquisador responsável na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são o Prof. Dr. Cláudio Hutz e a doutoranda Luciana Karine de Souza, e estão à disposição para esclarecer dúvidas pelo telefone (51)3316-5446.

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

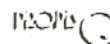
Nome e assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura dos pesquisadores responsáveis: \_\_\_\_\_

Obs.: O presente documento será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma em poder do participante e outra com os pesquisadores responsáveis.

---

Anexo F  
Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA  
CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisou o projeto:

Número : 2005397

Título : A qualidade da amizade na adultez jovem

Pesquisador (es) :

CLAUDIO SIMON HUTZ

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

LUCIANA KARINE DE SOUZA

PESQUISADOR

O mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, reunião nº 34 ,  
ata nº 55 , por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a  
Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Porto Alegre, quinta-feira, 17 de março de 2005

  
\_\_\_\_\_  
José Roberto Goldim  
Coordenador do CEP-UFRGS